

REVISTA DA SEMANA

ESTUDANTES DO RIO

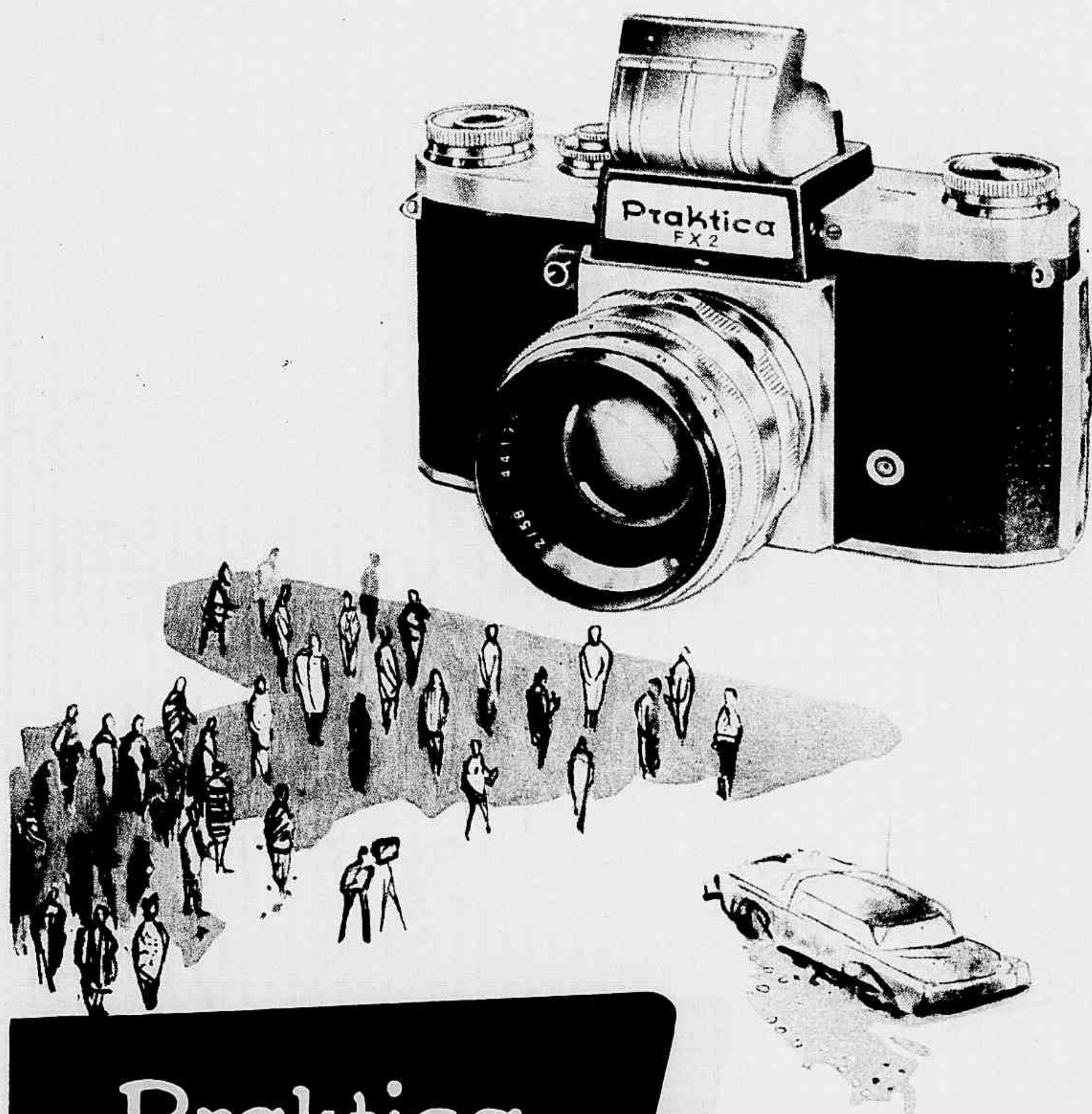
DE CAMELO E ALBOROZ

ELVIRA PAGA

ESTÁ PINTANDO...



DEUTSCHE EXPORT-U. IMPORTGESELLSCHAFT FEINMECHANIK OPTIK M.B.H.



Praktica
FX 2

MÁQUINA FOTOGRÁFICA PARA FILMES
24 x 36 - ÚTIL PARA TODOS E PARA
MUITAS OPORTUNIDADES

A posse desta máquina permite dominar qualquer situação, desde o campo da telefotografia até ao da microfotografia; tanto para reportagens como para fins técnicos e científicos, a Praktica FX-2 se apresenta, pelas suas vantagens técnicas, como a máquina fotográfica para filmes 24 x 36 útil para todos — e para muitas oportunidades. É dotada de obturador de cortina 1/2 - 1/500 seg., prisma de inversão adaptável para imagem clara e não-invertida sobre o vidro despolido, objetivas de primeira classe, sincronização para "flash" e tubos intermediários para fotografias de perto.

Nosso representante, a firma **IRMÃOS KRYSS**

Avenida Ipiranga, 795 - 14.º andar, salas 1402/3 - São Paulo

fornecerá prazerosamente qualquer informação

DEUTSCHE EXPORT - UND IMPORTGESELLSCHAFT FEINMECHANIK - OPTIK m. b. H.

BERLIN C 2 - SCHICKLERSTR. 5-7 - REPÚBLICA DEMOCRÁTICA ALEMÃ

REVISTA DA SEMANA

Ano 57 — N° 37 — Rio de Janeiro — 15-9-1956

DIRETOR.....Gratuliano Brito
ASSISTENTE.....José Roberto Teixeira Leite

COLABORADORES: E. Tourinho, Fortuna, Sérgio Silveira,
Ramon, L. Junqueira, Mendez, W. Guarnieri, J. Ri-
beiro, M. Tereza e Ensida.

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Elvira Pagã Está Pintando	4/7
Maria della Costa	24/25
Sem Essas Pernas a Noite Não Caminha	31/34
Do Camelo e Albornoz	40/42
Al Vem o Deus da Guerra	44/45
Ike Quer Repetir	47/49
A Baleia da Inflação	56/57
Arsenic and Old Luce	59/61

SEÇÕES

Semana em Revista	8/9
Puxe pelo Cérebro	15
A Poeira do Tempo	16/17
Pelas Esquinas da Noite	18
Grand-Monde	20/21
Literatura e Arte	22/23
Itinerário do Brasil	26
Por Esse Mundo de Deus	28/29
Semana Astrológica	30
TV Na Revista	38
Palavras Cruzadas	43
Revista Há 50 Anos	46
Música	50
Conversa de Mulher	54/55
Último Flash	62
Figura em Foco	63

HUMORISMO

Fortuna	52/53
---------------	-------

LITERATURA

Setembro, Setembro	3
O Homem e o Trapézio	10/11
A Mão	51

VARIEDADES

O Enigmático Kapitza	12/13
Que Sabemos das Grandes Religiões?	35
O Homem do Terno Cinzento	36/37

CAPA

LAUREN BACALL — Foto Universal Internacional.

Este número consta de 64 páginas.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr\$ 350,00
Seis meses	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano	Cr\$ 600,00
Seis meses	Cr\$ 300,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr\$ 700,00
Seis meses	Cr\$ 350,00

O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil, atrasado, Cr\$ 8,00.

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Propriedade da

Companhia Editora Americana

Diretor-Presidente.....	Gratuliano Brito
Diretor-Comercial.....	Ivan Guimarães
Diretor-Gerente.....	Wenceslau Quintais
Chefe de Publicidade.....	J. M. Costa Júnior
Diagramação.....	Victor Tapajós
Fotografia.....	A. Vieira e A. Ferreira
Desenho.....	Alberto Lima
Laboratório.....	V. M. Vasconcelos
Redatores e corretores.....	S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna

ENDEREÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES:

Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interpresa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO — DISTRIBUIÇÃO

A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69
Fone: 34-1569



Setembro, Setembro...

◆ O que nos dará este setembro que agora começa e traz de agosto para nosso país uma mancha escura, muito escura pesando sobre nossas cabeças como uma ameaça: o projeto de uma nova lei de imprensa que o governo tenta implantar para estrangular, mais uma vez, nossa liberdade de opinião, pretendendo levar-nos, novamente, a dias sombrios como os do passado, quando jornais e jornalistas viviam amordaçados, perseguidos, sem direito ao menor comentário? O que nos dará setembro? Estamos todos, dos diretores aos menores trabalhadores de jornais, empenhados numa luta dura para que seja respeitado o artigo da Constituição que garante nosso direito de ter opiniões — como homens livres — e de dizê-las. Setembro surge assim, sem que possamos saudá-lo em plena alegria. Vencemos agosto sempre acompanhado com seu título de mês de desgosto. Tivemos chuvas, frio, umidade, enquanto os boletins do tempo anunciavam rajadas e ventos, ondas e mais ondas de frio. Atravessamos agosto empacotados, procurando no agasalho das lãs conforto para nossos corpos. Desgostos propriamente não tivemos a não ser os descabros do governo que acontecem todos os meses (não precisa ser agosto, não), a eterna falta d'água e os cínicos comentários dos manda-chuvas declarando que tudo é passageiro, que nossas torneiras emudecidas voltarão a cantar a canção da água presente e efetiva. Promessas logo depois negadas pelas próprias torneiras que hoje parecem trastes inúteis em nossas casas.

◆ Em agosto subiu o preço do pão, desapareceu o leite, vários artigos de primeiríssima necessidade subiram, mas não sentimos nisso a atuação de agosto; tivemos tristeza sim, tristeza por termos de trabalhar mais, muito mais, tanto é preciso ganhar para comer, andar e mesmo sorrir, pois sem comer e trabalhar, quem pode sorrir? Agosto, o dos desgostos, passou; agora é setembro, tudo continua como em agosto, ainda há ameaças de ondas de frio, mas há sol, um belo sol que se encarrega de secar as poças d'água das ruas, que é o responsável pela liquidação das lamas das calçadas, mas que — coitado — nada mais nos pode dar além dessa alegria com que ilumina nossa paisagem, como se quisesse dar lições de otimismo aos nossos bem cansados corações.

◆ Com a ameaça contra a liberdade de imprensa e a vida tão cara, vou buscar no «Almanaque» do Barão de Itararé, para os leitores, notícias sobre setembro. «As pessoas nascidas neste mês são dotadas de um caráter independente, devido talvez à influência exercida pelo grito do Ipiranga», diz o horóscopo. E avisa: «Se, neste mês de setembro, procurares na quitanda frutas baratas, pode ser que encontres muitas baratas, mas nenhuma fruta». E ainda aconselhando: «Quem planta couve mineira não deve esperar colher batata inglesa». Seu ditado de setembro: «a quem empresta dinheiro quando fôr receber a «gaita» emprestada, o devedor dirá: — Nem me lembro». Para que o desespero, as tristezas e o pessimismo não penetrem e façam casa em nossos corações, é bom recorrer aos humoristas. Foi o que fiz hoje aqui, desejando que setembro nos traga com seu sol, uma primavera muito amena, dias de cerceamento de imprensa e com água nas nossas torneiras. O resto e para o resto desejo a todos coragem.

ENEIDA



ELVIRA PAGA
1956

NÃO É NOVIDADE:

ELVIRA PAGÃ ESTÁ PINTANDO...

UM «CRISTO» QUE ENTRA COMO PILATOS . . . ★ A INSPIRAÇÃO SURTIU REPENTINAMENTE COMO UM DERIVATIVO PARA QUEBRAR A MONOTONIA DA VIDA DE CASADA . . . ★ VAI PINTAR TENÓRIO E ADEMAR ★ PORQUE DETESTA OS MODERNISTAS

Reportagem de LUIZ MORENO

Fotos de ALBERTO FERREIRA

ELVIRA PAGÃ, consagrada estrela das nossas ribaltas (atual Rainha das Atrizes de São Paulo) autora do livro «Vida e Morte» acaba de abraçar uma nova arte: a Pintura. A Galeria Nagasawa tem a honra de apresentar, com exclusividade, os primeiros trabalhos desta afanada artista que vem assim aumentar o rol dos pintores nacionais, em benefício das Artes. — assim reza o convite da 1ª Exposição de Pinturas a óleo de Elvira Pagã, que se realizará em Copacabana durante a primeira quinzena de setembro.

Do catálogo constam 20 trabalhos, que vão desde o «Cristo Crucificado» até a «Pintora Nua», de passagem pela «Umbanda», «Batuque», um «Êxtase» e o seu auto-retrato, que como não poderia deixar de acontecer reproduz a nudez que é o seu apanágio de «vedette» celebrada em todo o país.

QUEBRANDO A MONOTONIA...

Elvira, que alinhava nada menos de cinco especializações, como atriz, cantora, compositora, escritora e agora pintora, revela que seus pendores para a arte que imortalizou Da Vinci surgiram, **repentinamente**, apresentando-se como «um salutar derivativo para quebrar a monotonia da vida de casada»...

— Desde os 7 anos, porém, quando frequentava o colégio de freiras comecei a rabiscar desenhos coloridos, enquanto no côro da igreja entoava hinos sacros e desempenhava papéis no teatrinho infantil — esclarece. Muitos anos depois, já moça e sacudida, conheci um notável professor de pintura, o saudoso Carlos Chambelland da Escola de Belas Artes e com ele, em 6 meses, aprendi a esboçar imagens com o «crayon». Mas, não fui muito além, pois fugindo de casa, busquei na ribalta a razão do meu viver.

Enquanto perambula pelo seu luxuoso apartamento, sugerindo «poses» para as fotografias que ilustram esta página, vai relatando que em 1954 depois de posar para o pintor Marques Júnior, ficou muito aborrecida com as críticas que fizeram ao trabalho depois de pronto.

— Como todos diziam que a retratada não se parecia comigo, resolvi eu mesma experimentar o pincel: usei um espelho e aí está o que consegui pela primeira vez...

Elvira Pagã, com seu livro «Revelações» ganhou a cadeira n° 12 da Academia Nacional de Letras de S. Paulo. «Mas, não pretendo concorrer com seus quadros ao Salão de Belas Artes. Só se insistirem. Minha próxima viagem será ao Taiti, a terra de Paul Gauguin, onde pretendo pintar a mesma natureza que ele viu, mas de maneira muito mais bonita do que aquela que ele nos mostra em suas horríveis telas.



Elvira Pagã aponta para um enorme quadro a óleo, o seu auto-retrato feito em 1954.

400 MIL CRUZEIROS EM QUADROS

— Mesmo antes de anunciar minha próxima exposição já tenho vendido alguns quadros. O meu «Umbanda», por exemplo, já foi comprado por 30 mil cruzeiros. O «Marroquino» cuja inspiração e esboço realizei em Marrocos, durante a minha última excursão pela Europa no ano passado, foi adquirido também, mas, a um preço mais baixo: 25 mil cruzeiros. Acredito que toda a minha produção alcance cerca de 400 mil cruzeiros, o que não é para desprezar nos dias que correm...

Discorrendo sobre o que foram os 18 meses de sua permanência no exterior, detém-se entusiasmada pela admiração que lhe causou a África do Norte.

— Das amizades que fiz, a que mais me impressionou foi a do célebre sultão Sidi Mohamed Ben Yusef. Que homem extraordinário ele é! Tornei-me sua «fan» incondicional e hoje torço fervorosamente pelo general Nasser, simpaticamente que sou da causa de Ben Yusef.

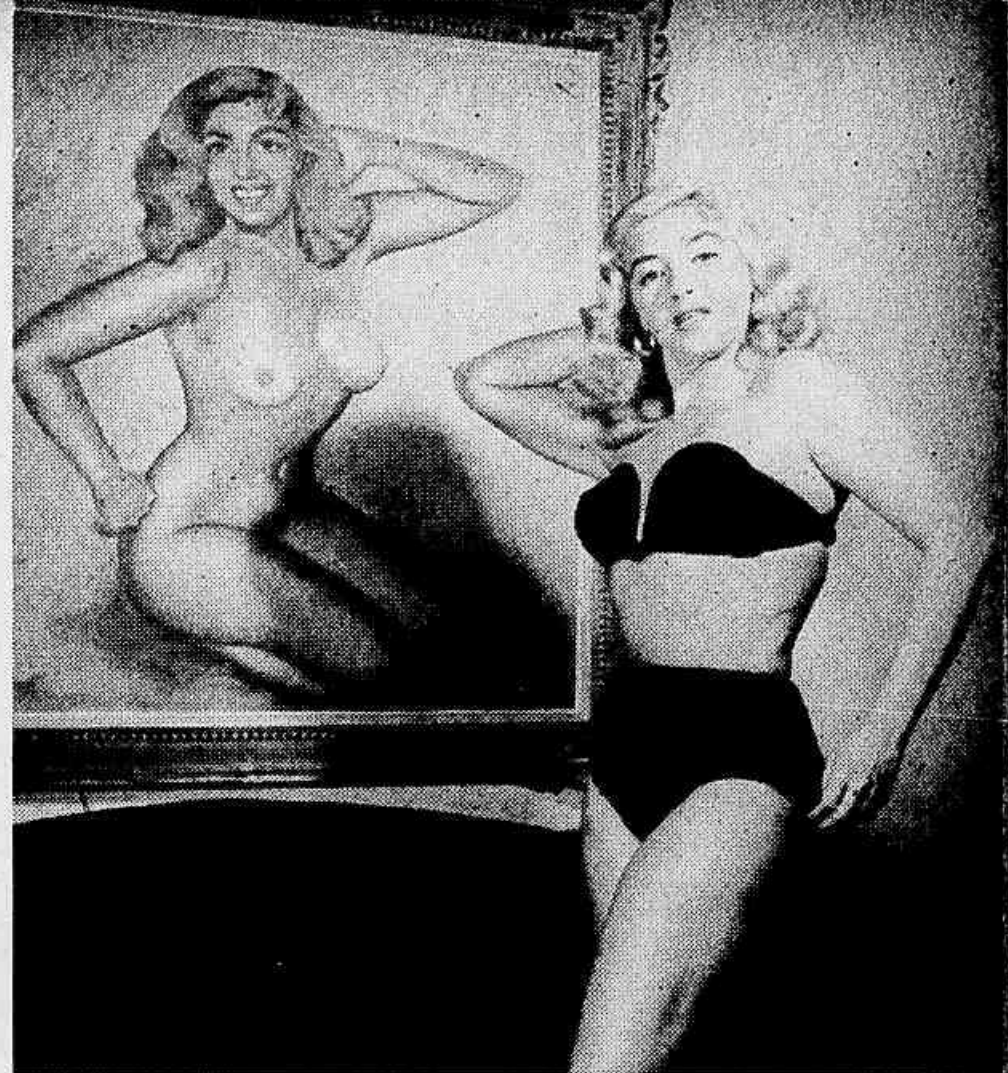
«FRINÉIA CARIOCA» O PRÓXIMO FILME

Afirmando que sua inspiração para as artes plásticas se inclinam mais pelos clássicos, tendo como expoentes Rembrandt e Da Vinci, volta Elvira Pagã a falar de pintura para condenar os modernistas:

— Não gosto de pintores que deformam as «formas» da gente... como Picasso, Matisse e meu colega Portinari... Prefiro mil vezes a Humberto Teixeira, apesar de tudo quanto dizem contra ele.

Para o futuro, a artista já fez alguns planos:

— Estou escrevendo uma nova peça que pretendo encená-la e estrelá-la dentro de pouco tempo. O título «Frinéia Carioca» talvez possa sugerir o tema **candente** dessa minha nova pro-



«Wambach é o belga formidável de quem mais me aproximo na arte. Detesto os modernistas que deformam as «formas» da gente, como o MEU COLEGA Portinari...

dução. Será uma auto-biografia em que procurarei reproduzir os momentos mais emocionantes de minha vida de artista. Os amores de minha vida e os homens que me impressionaram **de verdade**.

— E a pintura?

— Sim. Continuarei a pintar. Meu próximo modelo ainda permanece uma incógnita: talvez seja Ademar de Barros, talvez seja o Tenório e a sua capa preta... Ainda não me decidi...

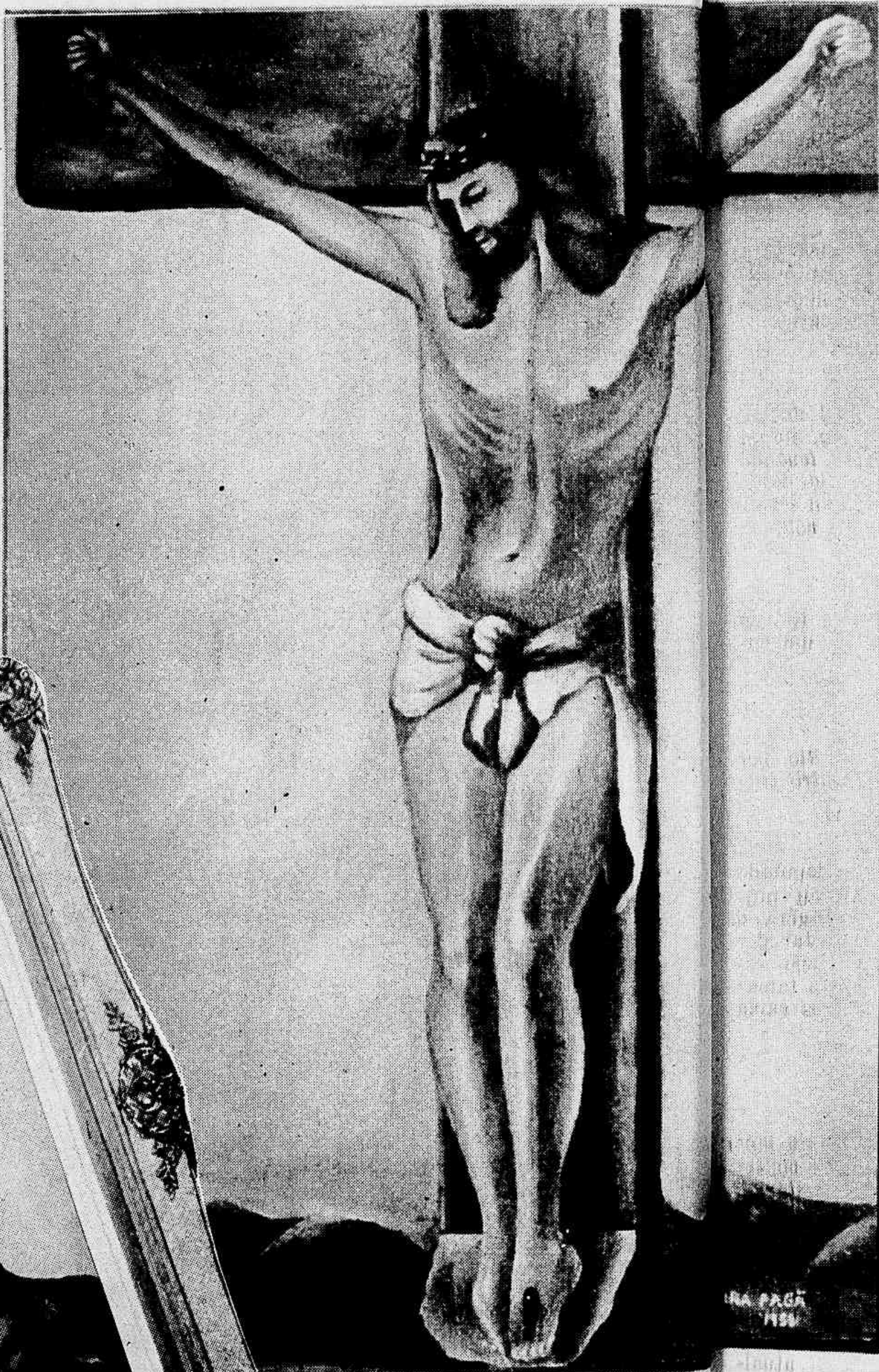
Camponês Marroquino — 1956



ELVIRA PAGÃ ESTÁ PINTANDO...

Cristo — 1956

Escrava — 1956



ELVIRA PAGÃ
1956



NINON SEVILLA voltou ao Rio, desta vez para tomar parte em «Nina, Mulher de Fogo», filme tirado do romance «Vazante», de José Mauro de Vasconcellos. Ela acha que talvez vá recuperar ainda as jóias roubadas por ocasião do Festival Internacional de Cinema, de São Paulo, de 1954.



DIRETORES DE jornais e revistas cariocas, reunidos em sessão especial, manifestaram-se contra a propalada Lei da Imprensa, já sendo confeccionada (sob medida) pelos «juristas» do Governo. João Portela Ribeiro Dantas, da Junta Governativa do Sindicato dos Proprietários de Jornais e Revistas, é um dos principais líderes da campanha contra a aprovação da referida Lei. E Herbert Moses, da A.B.L., já manifestou seu repúdio à barbaridade jurídica, em termos veementes e memoráveis.

VOLTOU DA Europa, até onde fôra à procura de saúde para a filhinha Márcia, a sra. Sarah Kubitschek, esposa do Presidente Juscelino Kubitschek. Dona Sarah, que é presidente das Pioneiras Sociais, teve uma entusiástica recepção. Na foto, vemos-a, logo após o desembarque, ao lado do esposo e de pessoas amigas.

LAURA HIDALGO, uma das mais belas mulheres do mundo, está em São Paulo, a fim de assistir ao Festival de Cinema Argentino que ali se realiza.



OKKY (em baixo), **QUE** até há pouco se chamava Monique, voltou ao Rio, após demorada viagem pela Europa. A bela holandêsinha, que deixou sua primeira profissão — modelo de casas de luxo — pela de receptionista em companhias de aviação, perdeu seis quilos, desde sua chegada. Amor, ou alimentação fraca em calorias?



A SEMANA

NACIONAIS

ENCERROU-SE a Temporada de Óperas, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Segundo a unanimidade dos críticos, a figura da estação lírica foi... o velho Alexandre Pelaracci, da claqué do Teatro.

IBRAHIM SUED foi condecorado pelo governo libanês, em virtude de seus relevantes serviços (?). Sem comentários.

KALISTO CORDEIRO organizou uma grande exposição de trabalhos, que vão da caricatura à pintura, passando pela gravura. O velho caricaturista, hoje com 80 anos de idade, acha-se bastante enfêrmo. Ele, que estreou como aprendiz na Casa Moeda em 1890, publicou num jornal seu primeiro trabalho em 1898. Até hoje, já executou mais de três mil peças, na sua maioria «charges». A exposição pode ser visitada na Escola Nacional de Belas Artes.

ALVARO LINS foi indicado pelo Presidente da República para embaixador em Portugal. Agora, o Senado vem de se manifestar a favor de tal indicação, através de sua Comissão de Diplomacia. Alvaro deverá partir em breve para ocupar seu honroso cargo.

AS DUAS seleções, feminina e masculina, que o Brasil enviou ao Campeonato Mundial de Voleibol, em Paris realizado, foram até à capital da França dar um passeio. Mas acabaram levando «passeios» de tudo quanto foi seleçãozinha do fundo da Ásia, da Coreia até a Índia. Será que a moda do perde-perde, tão seguida pelos nossos futebolistas está pegando a turminha do vôlei?

DIZEM QUE a cantora «colored» Lena Horne virá ao Rio de Janeiro, caso cheguem a bom termo as negociações que um nhedido hotel está com ela mantendo.

LEONID MASSINE, famoso coreógrafo russo, está no Rio, há dois meses, a fim de preparar os Corpos Estáveis do Teatro Municipal.

EM PITANGUI, Minas Gerais, cidade onde já nasceu o deputado Gustavo Capanema, existe um jornal que é, segundo seu proprietário, o sr. Leônidas Schwindt, o menor do mundo. Agora «Micro-Jornal» (que êsse é seu nome) acaba de completar 40 anos de existência, comemorando o evento com uma edição especial de quarenta e oito páginas. Escusado é dizer que o tamanho dessas páginas não excede muito o de uma simples caixa de fósforos.

SEIS PRESOS fugiram de Uberlândia, e até ao presente momento a polícia ainda não conseguiu recapturá-los. E nem conseguirá, de vez que nem mesmo os nomes dos fugitivos constam dos livros do presidio...

PARECE QUE a Lufthansa, empresa alemã de aviação que não faz muito reinaugurou suas linhas para a América do Sul, tendo de fechar sua agência brasileira, visto como não vem dando os resultados que se esperavam. Há tantas companhias, atualmente, que fazem a linha Brasil-Europa, que êsse negócio parece estabelecer mais uma já está ficando cada vez mais arriscado.

APOLÔNIO SALES está escrevendo um romance. Chamar-se-á «A Luta». Aliás, está na moda, isso de deputados e políticos de toda espécie andarem escrevinhando romances. E ainda se fôsse bons romances...

A EM REVISTA

INTERNACIONAIS

SIMONE SIGNORET, que há pouco se exibiu nas telas cariocas, explicou porque se casara com Yves Montand: "Afinal de contas, não havia motivo algum para deixar de fazê-lo".

MARTINE CAROL voltará ao Rio de Janeiro, no ano vindouro, a fim de trabalhar em vários filmes, para tal recebendo um auxílio do Governo Brasileiro. Eu também quero.

SACHA GUITRY saiu-se com essa frase, a respeito do famoso escritor francês Marcel Achard: "Ele usa óculos tão grandes, que tem sempre um ar de bicicleta".

NA SUÉCIA, acaba de passar uma lei pela qual é reconhecido haver atenuante, em caso de homicídio, se o homicida liquidou... com a própria sogra. Éta, país inteligente!

IGOR STRAVINSKY se recusou a compor, por quatro mil dólares, a partitura de um filme. Foi informado de que um compositor fizera muitas outras músicas para filmes, por menos dinheiro. "É, (disse o autor de "Petrouchka"), mas ele tinha talento, e trabalhava ligeiro. Eu não o possuo, e por isso só trabalho muito lentamente..."

UMA SENHORA francesa repudiou por dificuldades financeiras suas três filhinhas, que foram adotadas então pela senhora McGuire, de Saint Louis, Estados Unidos. Acontece que agora a francesa, cuja situação financeira melhorou, quer as filhas de volta. É bom que o não consiga, pois é possível que haja uma nova queda nas finanças da família, e então adeus filharada, de novo.

A POPULAÇÃO do Benelux (Bélgica, Holanda e Luxemburgo) chega a 20 milhões de habitantes, presentemente: a Holanda conta com 9.200.000; a Bélgica, com 8.896.000; Luxemburgo, com 311.000.

DESDE 1928 que a Bíblia não era editada em russo. Agora, acaba de ser feita nova edição, em New York. Custa somente dez dólares.

A SINFONIA "Londres" há pouco concluída por conhecido compositor britânico, será dentro em breve executada pela primeira vez. Entre os "instrumentos" executantes, figuram fuzis, aspiradores de pó e uma enceradeira.

RITA HAYWORTH reencetará suas atividades cinematográficas, após vários anos de pausa. Com Robert Mitchum, ela fará "Fogo sob as Cinzas", na aprazível ilha de Trinidad.

ETTORE PATRIZI, um marquês italiano algo amalucado, repetiu, em dose menor, o gesto de Nero, durante um festim por ele organizado, em Capri, ao mandar incendiar, na presença de vários convidados especiais, uma pequenina maquete da ilha célebre.

ALIDA VALLI, atriz italiana que atravessa atualmente uma fase algo obscura, está em Paris, filmando "The Vintage", ao lado de Mel Ferrer. Há muito não lhe davam um papel verdadeiramente à altura de suas qualidades.

UMA ESTATUETA dourada de Anita Ekberg, feita por um escultor húngaro, causou grande escândalo aos frequentadores de uma galeria de Hollywood. Os leitores podem averiguar que não havia motivos para tal. Será que os ianques estão ficando assim pudicos?

OS CONCURSOS de beleza, de ora em diante, na Itália, serão severamente moralizados. As candidatas, e principalmente a Miss Itália, terão de se submeter a verdadeira sindicância, bem como a se comprometer a, por um ano, a contar da data da eleição, ficarem direitinhas. É que as atitudes da bela italianinha Galli, Miss Itália de 56 (clichê abaixo), em Long Beach, scandalizou os poderes públicos da península.

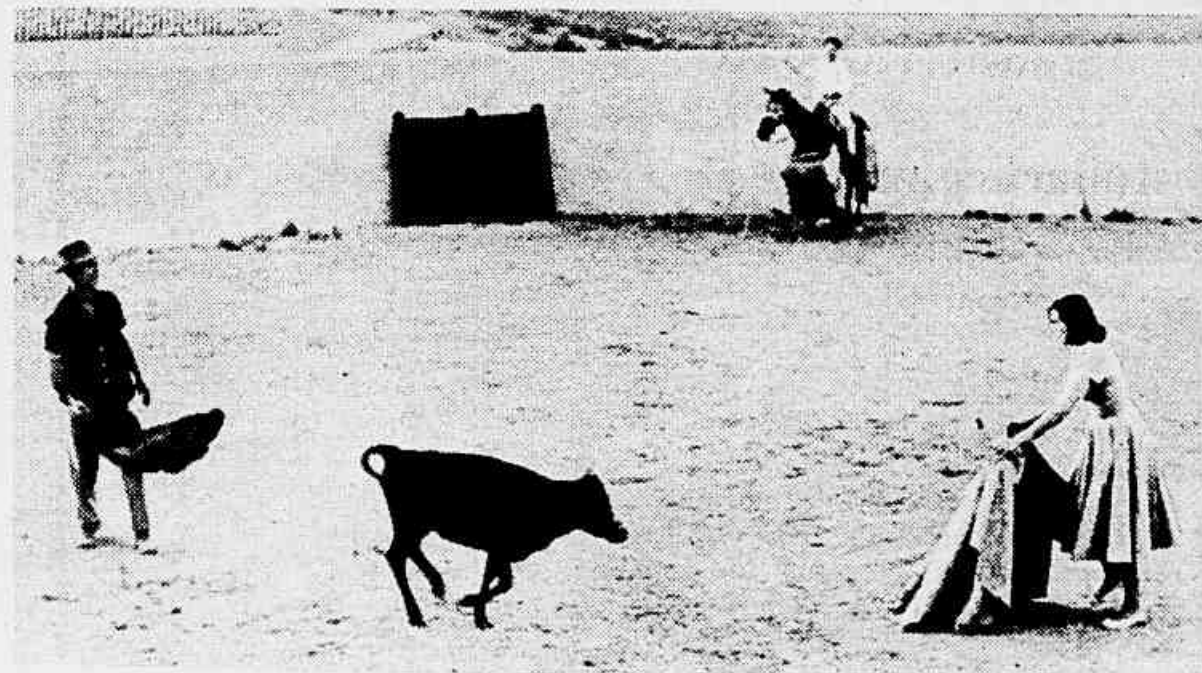


AVA GARDNER (em baixo), casar-se-á com Porfírio Rubirosa, assim que obtiver o divórcio de Frank Sinatra. Ava conheceu Rubirosa em Paris, não faz muito, e já estão pensando nas bodas.

SEGUNDO A incrivelmente feia Elsa Maxwell, o incrivelmente enrugado Duque de Windsor é um consumado perito na arte do tricô. E daí?



LUCIA BOSÉ, que se casou com o toureiro espanhol Luís Dominguin, quando de seu casamento mostrava-se sumamente aborrecida com a perigosa profissão do marido, que a intranquilizava noite e dia. Agora, porém, parece que o medo já passou. Pelo menos, essa fotografia não-la apresenta em atitude de arrojada toureira. Bem, é verdade que o miura é apenas um novilho. Mas cabeçada de novilho já dói um bocado.



O HOMEM E O TRAPÉZIO

Romance de ARINO PERES

Desenho de ZARCO

CAPÍTULO VII

MADALENA — A noite, quando cessavam as conversas do grupo, mergulhado o quarto em silêncio e sombras, Otávio abismava-se em seus pensamentos, entrecortados pelos gemidos dispersos dos companheiros de moradia. O cigarro era acendido, e os olhos demoravam-se na mancha rubra que furava a cortina de mutismo.

Insinuavam-se na fumaça as formas convexas de alguma coisa perdida com as pernas. Madalena parecia presente na tênue cortina de fumo que se esgarçava pela janela aberta. Os contornos materializavam-se no espaço vazio, e os olhos de Otávio percorriam-nos vagorosamente, demorando-se nas curvas profundas dos lugares mais cobijados.

O velho Leopoldo estraçalhou o silêncio com a tosse voluntariosa; virou-se no leito, rangendo as enxergas cansadas; espectorou mais nervoso, arrojando as cobertas para o lado, e mergulhou novamente no sono sem sonho.

Otávio expeliu a fumaça cinzenta, acompanhou as volutas imperfeitas, demorando os olhos nas curvas criadas e distantes. As mãos aproximaram-se do objetivo abstrato, fecharam-se em fumaça e escorregaram, lentas, para o lençol que encobria sua insuficiência, detendo-se ali, imperiosas, inertes.

Madalena, Madalena, os ombros visíveis, o colo à vista, o estreito caminho entre os seios conduzindo a distância. O verde vestido, a rosa vermelha, os lábios abertos, os beijos, coitados, naufragos, perdidos de outros lábios. Madalena esperando a chegada impossível de um homem sem perna, de um homem caído, de um homem partido como os deus falsos. E fôra tão fácil, tão simples.

— Otávio, você hoje almoça comigo. Não adianta tentar um alibi; hoje é sábado, você almoça em minha casa, depois vamos ao circo.

Sérgio sempre fôra tão amável, mais agora quando desejava sua intervenção para conseguir transferir-se para a filial de São Paulo.

— Madalena, esse é Otávio, gerente da firma. Otávio, esta é Madalena, minha esposa.

Realmente era diabólico aquele atirador de facas. As lâminas pareciam enterrar-se na carne macia da moça de maiô amarelo. Num gesto instintivo Madalena firmou-se na cadeira, encontrando sua mão; o primeiro contato da pele morena, dos dedos agudos.

— Sérgio, tenho uma grande notícia para você — o diretor concordou comigo, você dirigirá a filial de São Paulo.

Madalena demoraria algum tempo no Rio, concedendo a Sérgio o tempo suficiente para estabelecer-se definitivamente naquela cidade. Aos sábados e domingos estariam juntos.

Depois tudo sucedeu depressa. Otávio deixou a firma por uma proposta muito mais vantajosa. Prestava sua assistência a Madalena durante a ausência do marido. Jantaram juntos um dia.

Há uma música para cada momento de amor. A música sempre teve função de encantamento, de entorpecente. Os mártires entoavam cânticos ao partirem para a morte, e ela descia até eles serena, na boca das liras, no aço dos algozes. Toda religião tem suas canções.

Olharam, o negro suado, jogando as mãos, o corpo sacudido no espaço estranho, enquanto o bombo, em mãos frenéticas, marcava um ritmo de sangue e loucura... O violino era cortado em sons de queixa; as mãos encontraram-se conhecidas, e amoldaram-se às concavidades vazias. O tango de amor, não deviam tê-lo escutado.

As vezes só há um passo para ser dado — para trás — como ao atravessar a rua. Mas ele também errara naquele momento.

Sérgio não desconfiara. Os erros acumularam-se, porque é inútil desfazê-los. Os dias perdiam-se na busca do que fôra desperdiçado. Teresa não tinha o direito de censurá-lo; chegara tarde; oferecia-lhe menos, muito menos do que ele possuía.

Madalena não concordava em prosseguir aquela desonestidade ostensiva; iriam para longe. Uma carta explicaria tudo ao amigo. O trem partiria às quatorze horas.

Faltavam dez minutos, e o sinal fechara no momento exato em que pensava atravessar a rua, mas daria tempo, o carro ainda vinha longe. Precisava alcançar o trem; Madalena estaria reclamando sua demora, entre indecisa e medrosa; o colo nu exposto aos olhares antropófagos dos homens, a rosa vermelha, derradeiro indício de sangue e vida, convidando ao mergulho pelo decote ousado...

Naturalmente lera nos jornais, ele ainda guardava um recorte de lembrança. Por que não viera ainda? Melhor não vir; ele estava fracionado, reduzido, inútil para levá-la conde quer que fosse. Melhor não vir; seria desagradável reconhecê-lo naquele pedaço estático, estacionado sobre quatro pernas que não se moviam. Voltara talvez para Sérgio; ele de nada sabia, ainda seriam felizes; o colo moreno reverteria à posse, e a rosa vermelha seria abandonada em algum ponto distante.

Deslizava alguém pelo corredor que conduzia ao quarto. Uma forma estabilizou-se no portal, e Otávio não conteve o grito:

— Madalena!

— A Rosa branca.

CAPÍTULO VIII

O CRUCIFIXO — Otávio orientara a enfermaria. As camas dispunham-se três na parede oeste e quatro na parede leste, ao sul nenhum mar, o Cristo ao norte.

As rosas nasciam a leste, expeliam o odor de iodoformio, impregnava o aposento de fragrâncias de vida, afirmava a existência de um sol, deixavam a certeza de que havia seres completos. A rosa vermelha, cessa da sua presença enganosa, mergulhava pela janela oeste; a Rosa branca nascia a cada momento em que se necessitasse de mãos macias e anestesia de um sorriso.

Estático, paralisado, fixo o crucifixo tôsko. A figura em bronze imponente nas duas ripas pequenas de madeira negra. Ao norte uma mancha de consolo e esperança.

Otávio considerou a imobilidade da figura. Qual sua mensagem, estava morto? Mas todas as noites o velho Leopoldo recitava: «ao terceiro dia ressurgiu dos mortos». Por que a obsessão de representá-lo morto humano, fixo? O Cristo possuía pernas presas ao madeiro, ele não, revoltava-se por isso; se as tivesse permitiria que as prendessem? Sem mais lógico fixarem a ressurreição, mais intuitivo, mais didático. O momento da cruz fôra uma degradação, e este fôra assistido, contemplado em toda crueza por discípulos, amigos e algozes. A ressurreição era clímax, a sublimação do drama; sem assistentes, incógnita, vedada aos olhos dos mais íntimos, realizada no silêncio e vazio de uma caverna no subsolo, descida da ostentação do calvário. Quase mesquinha apoteose.

Por que fixarem a degradação. Devia ele também mandar-se fotografar assim, ápodo, pedaço de homem imóvel, seria essa a lembrança exata de si?

— Otávio, será que você está rezando? Perguntou Edson admirado.

— Não. Tento explicar-me o porquê do Cristo crucificado, estável, de pido de sua grandeza de Deus.

— Pretende você ser filósofo agora? É muito mais cômodo aceitar que descobrir. Muitos já devem ter explicado, por que se submete você a esse interrogatório? Indague do velho Leopoldo ou do Padre Mariano. Joguemos uma partida de dominó, haverá menos controvérsias entre nós dois que em você mesmo. Vou até aí.

As pedras circularam sobre a mesa de cabeceira, movidas pelas longas mãos de Edson. Sete pedras escolheram cada um. A mais elevada inicia a partida, os retângulos negros iniciam a dança poligonal; dispõem-se, combinam-se ressurgindo para Otávio a cruz negra da fixidez.

— Você ganhou, Edson. Desculpe-me, mas as dores estão voltando, não prosseguirei o jogo.

— Quer que chame a enfermeira de plantão?

— Não é preciso. O cigarro me dará um pouco de alívio; logo continuaremos a partida.

A fuga do cigarro não é completa, mas as espirais de fumo auxiliam na solução de problemas retílineos. A fumaça eleva-nos até o ponto decisivo ou, se não, permite-nos escapar com ela pela janela aberta, imperceptivelmente.

A cruz criava nova orientação dentro da que Otávio estabelecera; o próprio norte decompunha-se em novos cardiais. A nova orientação desorientava, ou então errava na primitiva. O que importava realmente é que o Cristo estava sempre ao norte.

Descobrir. Tinha que ser isso, essa seria a verdadeira explicação. «Ao terceiro dia ressurgiu dos mortos». Forçosamente todos deviam ter um terceiro dia, não o período métrico de setenta e duas horas, o momento dilatado de setenta e dois instantes de submissão. Existia algo semelhante ao seu drama naquelas pernas e braços imobilizados, dependia apenas de serem arrancados os cravos.

Intrinsecamente não encontrava razão para alardear-se a ressurreição; era o final lógico de um Deus, todos secretamente a esperavam. Os homens não se conformam com a estabilidade da morte, não podem crer na estagnação de suas possibilidades, jamais se inteiram da paralisação de suas conquistas. Este o instante a fixar — a mesquinhez da virtude de ser humano, a impotência da estabilização.

As lições melhor aprendidas são as que nos trazem recordação de sofrimento. Os falsos deuses caíram porque se apoiavam nos esplendores de uma divindade fictícia, exigiam hecatombes, vestiam ouro. Cristo deu a lição do sangue. Tinha que ser isso, não podia haver outra explicação para a anestésica simetria da cruz. Seria credice, superstição, imbecilidade mesmo, ajoelharem-se os crentes ante a impotência de um deus fixo, imóvel, estático.

Havia um grande consolo naquele retrato. O espoliado ator transmutara-se. Mas até Cristo buscara auxílio, mesmo ele deixara a outros o encargo de lhe arrancarem os cravos e descenderem-no daquela iniquidade. Quem o ajudaria, colocando-o ao contato da terra para elevar-se ao céu?

Descido o Cristo ainda lhe restaram as pernas sobre que caminhar, ele não as tinha; poderia assim mesmo equilibrar-se?

(Cont. no próximo número)



O ENIGMÁTICO KAPITZA

Por M.A. BIEV

Ilustração de RAMC

Especial para a REVISTA DA SEMANA — Copyright Keystone e Pierre Horay — Continuação do número anterior

♦ **RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA** — Para distarçar a «Operação Maior», os encarregados da propaganda soviética são incumbidos de desencadear uma terrível campanha de ridículo contra os nomes mais ilustres das ciências soviéticas. Ehremburg, o grande escritor russo da atualidade, é o chefe de tal campanha, a qual surte maravilhosos efeitos no mundo ocidental. Os sábios europeus e americanos chegam a sorrir de pena com as pesquisas que, segundo Ehremburg, estariam sendo efetuadas na União Soviética. Enquanto isso, Kapitza e seus auxiliares trabalham febrilmente na confecção da Bomba de Hidrogênio...

KAPITZA fala em palavras nervosas e incisivas. É um pesquisador, não um orador. Mesmo sua atitude desmente todas as notícias que a seu respeito se espalham, desde que voltou à pátria. Continua sendo o grande físico que a Inglaterra conheceu. É aplaudido com vigor. O professor Serge Vavilov, que preside o congresso, toma por sua vez a palavra, na qualidade de diretor dos dois Institutos. E nem uma só palavra menciona de sua participação no Conselho dos Sete. Fala apenas da teoria das interferências...

OS ATOMISTAS DEVEM PREPARAR-SE

O professor Alexandre Terenine fala dos raios cósmicos; e é lida uma comunicação do professor Georges Landberg sobre uma extensão do princípio da combinação. A descoberta de Landberg atrai a atenção geral, e só uma coisa é estranhada: é que o sábio não tenha vindo em pessoa comunicar ao plenário a sua extraordinária façanha. Afirma-se que está doente, desde a véspera. Mas os bem informados sabem que ele se entrega a experiências secretas na companhia de Kourchatov. Esse também não está presente, muito embora sua residência fique ao lado, quase, do local onde se realiza a conferência.

O professor Jacob Frenkel fala de um novo método de formação artificial do átomo. É um puro teórico, que jamais penetrou num laboratório. Seguem-se outras memórias.

Zukov, que não é, ao contrário do que muitos afirmam, irmão do famoso marechal soviético, é químico de profissão. Faz um apanhado geral do problema dos estados líquidos, aludindo de passagem aos trabalhos de pesquisa efetuados no estrangeiro. Classifica de «interessante» a pesquisa de Otto Hahn. Seria porém inútil, no seu entender, tomar partido em face a uma questão que a cada momento se modifica.

«Os russos têm preocupações científicas», pensa o mundo científico, enquanto a imprensa ocidental ressalta o «despertar dos soviéticos», muito embora as tentativas ainda hesitantes de alguns de seus sábios...

André Jdanov está exultante. Esse sacrifício do próprio prestígio não é coisa nova. O exército russo consentira num, na «guerrinha» com a Finlândia, durante o inverno de 1939 e 1940. Esta humilhação sem precedentes, e desejada pelos próprios soldados, anestesiou a atenção de Hitler, que não atacou a Rússia no mesmo momento em que invadia a França — ataque que Stalin temia acima de tudo.

Um velho amigo de universidade perguntou a Kapitza que motivo o levava a pronunciar discursos dominicais. É em tal época que saem já do solo certas construções que mais tarde constituirão os «atomgrads», cidades atômicas. A idéia, a «lusão», base da futura bomba H, ainda não transpassou os limites estreitos da teoria. O efeito curvo de Kourchatov, Flerov e Petrzak já atingiu outra fase, mas não passa também ainda de uma hipótese.

Talvez cause um pouco de admiração o fato de Jdanov ter demonstrado primeiro certas experiências de grande valor. Porém as comunicações dos sábios soviéticos sobre os estados líquidos não inquietarão o mundo ocidental, porque esse mundo não pode admitir que os cientistas soviéticos estejam bastante mais avançados do que ele em suas pesquisas

atômicas. De 1940 a 1948, tais conferências repetir-se-ão, até que Tru-
ma é obrigado a reconhecer que os russos de fato possuem a Bomba Atômica.

Esta política, segundo a terminologia soviética, é toda de adaptação, o que significa, em bom português, toda de despistamento. Piotr Kapitza, aclimatizado, soviético, aceita nele tomar parte. Suas descobertas são justamente aquelas que mais devem ser ocultadas ao mundo ocidental. Para aclimatá-lo, é verdade que foram necessários cinco anos...

PILOTO UM AVIÃO ESPECIAL

Já servia eu há sete anos a aviação naval soviética, quando, pela primeira vez, me concederam férias durante seis semanas. Em 1934, e estava na Alemanha. No ano seguinte, já a serviço do Kremlin, uma delicada missão impedirá que eu gozasse férias. Em 1936 houve a guerra espanhola, e, tão logo voltei da Península Ibérica, mergulhei no mundo das prisões. Mal liberto, fiz a guerra na Mongólia, na Polónia, na Finlândia e nos Países Bálticos. Afinal, no início de 1940, parti para Kubark, onde tencionava passar minhas primeiras férias em tantos anos. Mas porém acabara eu de passar três dias em meu retiro, quando o telegrama oficial chegou às minhas mãos: «Volte por avião imediatamente!»

ATÉ PILOTAR ELE SABE!

Eis-me em frente ao comandante do aeroporto militar de Kronstad. Diante dele está sentado um civil.

— Onde está a licença para voar?

Entrego-a a quem me pediu. Folheia o documento minuciosamente, e ali lê: «Pode voar em seu tipo de aparelho» e «Pode voar para sempre por tempo indeterminado».

— Quando obteve esse certificado?

— Antes de partir para a Espanha, camarada general.

— Bem. Tenho uma missão para você. Mais tarde terá conhecimento dos detalhes. Por enquanto, o senhor experimentará um avião, de sua livre escolha. Liberdade também de manobrar, porém estrita observância das etapas. Levarei consigo o camarada...

Volta-se de lado e indica o desconhecido com a mão estendida. Não é outro senão Piotr Kapitza.

— O senhor?

— Essa é minha cidade natal, camarada! E nada de perguntas supérfluas.

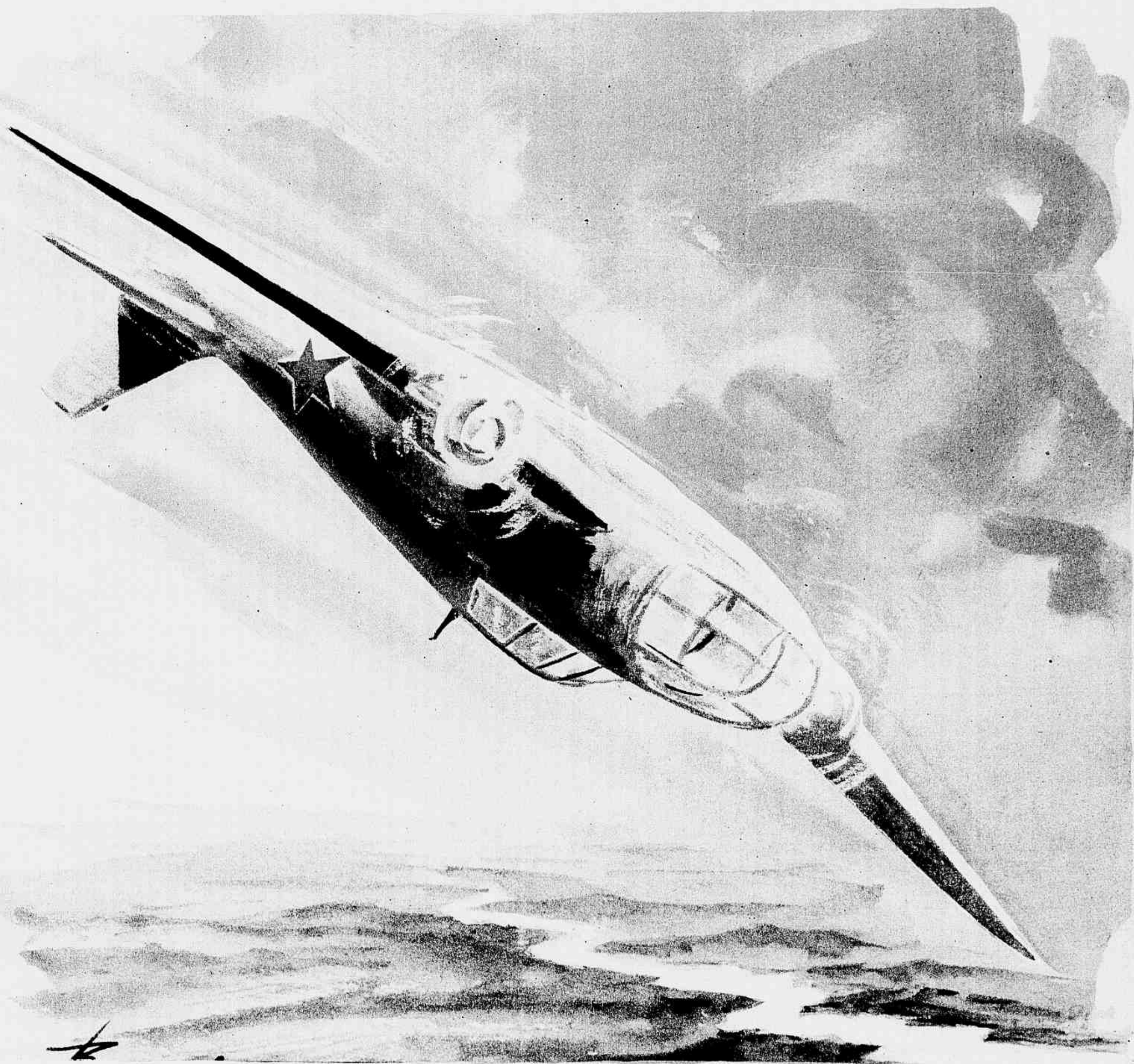
— Bem, interrompeu o comandante, é preciso escolher um de nossos aviões. Qual o que mais lhe agrada?

— Levarei um LB-2, camarada general.

Sobrevoamos o golfo da Finlândia. Sou sumamente orgulhoso de ter sob minha responsabilidade — eu, um estrangeiro — o homem mais importante, no momento, em toda a União Soviética. O que não aconteceria se eu resolvesse atravessar, por minha conta e risco, as fronteiras?

Kapitza está silencioso. Estou a três mil metros de altura, e começo a fazer acrobacias. É proibido, é verdade, mas que me importa? Estamos

SOBREVOAMOS O GOLFO DA FINLÂNDIA. SOU SUMAMENTE ORGULHOSO DE TER SOB MINHA RESPON-



apenas os dois lá em cima. Kapitza nunca mais me verá, e a escolta aérea que nos tinha proporcionado já regressou à base, após meia hora de voo.

Estou sentado no posto do piloto da esquerda, enquanto Kapitza se aboleta a meu lado direito. Ele suporta minhas diabruras sem contrair um só músculo. Viajo como se estivesse sozinho. Caio em fôlha seca e procuro voar de cabeça para baixo. É algo arriscado, em se tratando de um LB-2, porém quero fazer com que Kapitza saia de seu mutismo. Rápido como um raio, porém, meu vizinho toma dos comandos e faz com que o aparelho volte à linha horizontal.

— Incrível! pensei comigo. Também sabe pilotar!

Sabia que era um volante temível, mas o fato de ser também piloto de aviões era-me totalmente estranho. Daí minha grande surpresa.

— Não sou mais teu passageiro, porém teu chefe, daqui por diante. E por muito tempo...

A alegria me tira o fôlego. Eis, portanto, minha missão: pilotar o avião de Kapitza! O que não fôra possível obter há três anos atrás — fazer parte da turma Kapitza — era-me agora proporcionado da maneira mais inesperada.

Assim começaram os mais felizes e ricos anos de minha vida. O professor Kapitza sobrevoa em todos os sentidos o vasto território soviético, tal como fizera havia três anos. Porém, agora, não é para visitar o «reino das sombras» onde se esgueiram os prisioneiros de Estado, mas para percorrer o infinitamente mais vasto império da Grande Operação. Le-

vanta, por assim dizer, a carta atômica russa, sem qualquer limitação de meios e de verbas. Como lhe achar melhor.

UM PESCADOR DE NOME IDANOV

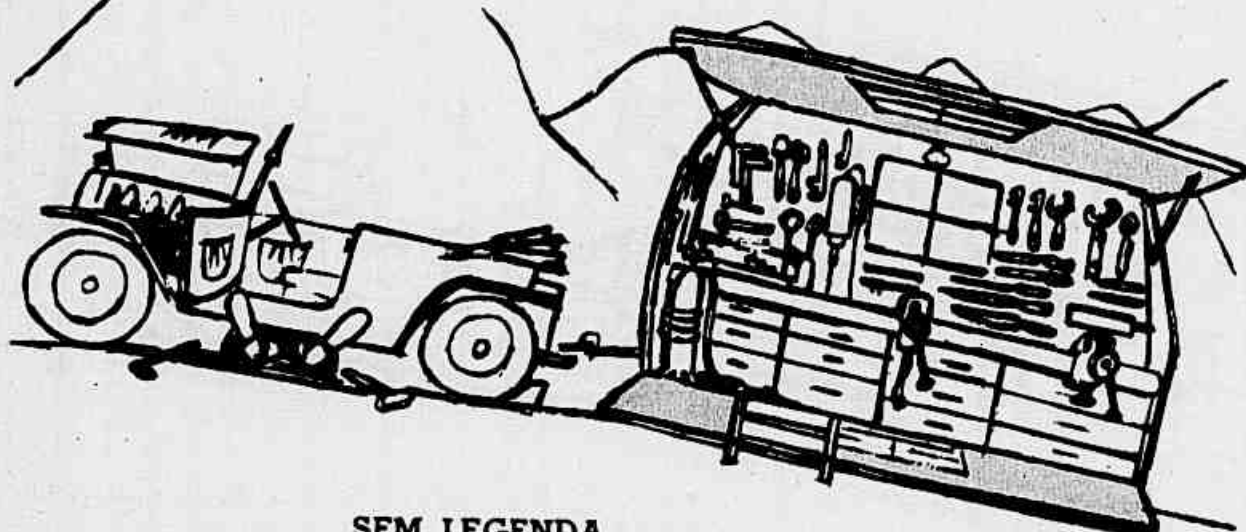
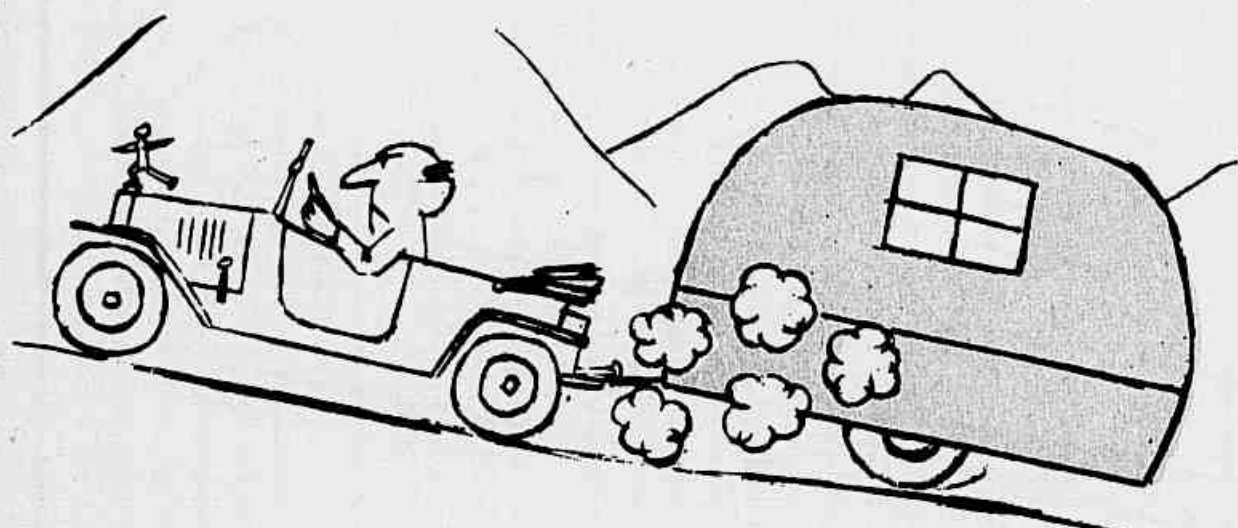
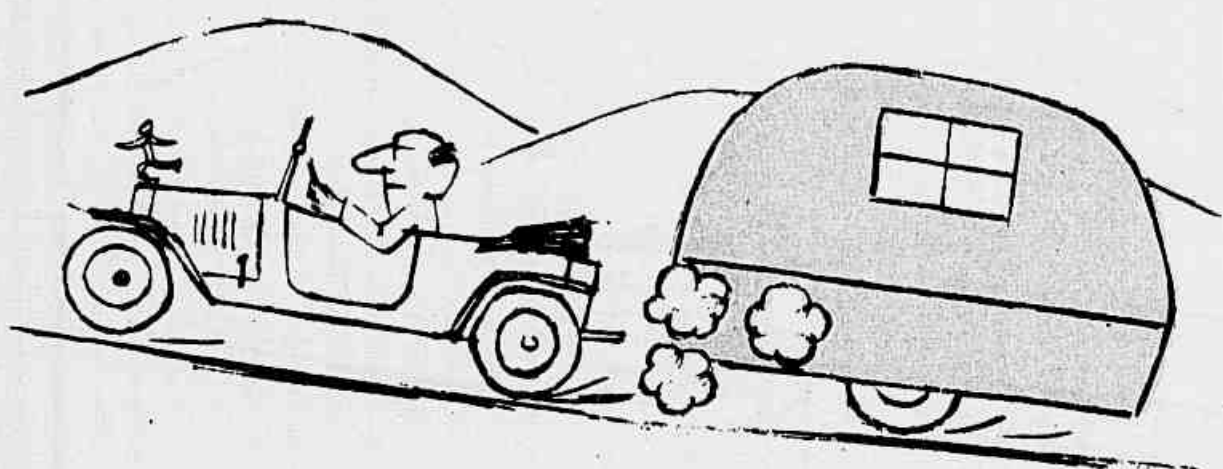
Viajamos porém sem Malenkov, dessa feita. Kapitza segue com alguns técnicos, mas se acaso necessita de ouvir as opiniões deles, é verdade também que é o chefe absoluto de todos eles, em hierarquia e em ciência. O poder de que goza, na hierarquia soviética, não tem antecessor em toda a história dos soviéticos.

Não sei bem o que desejam de mim, porém adivinho que devo abandonar qualquer espécie de vida quotidiana e pré-estabelecida. De manhã cedo, certo dia, levam-me, por exemplo, a visitar a cabana de um pescador. Esse pescador chama-se... André Idanov. Vi-o sempre no Kremlin, quando ali servíamos, ele e eu. Seguro de si, não perde tempo com formalidades. Adora ir ver homens trabalhar nas funções que preparou especialmente para eles, e não envia ninguém para vigiá-los e dar-lhes novas instruções — ele, que poderia mandar a União Soviética inteira, com exceção de Stalin. Encontro-me pois sozinho diante do chefe da operação maior. É nosso primeiro encontro, após minha libertação, que já data de um ano.

Idanov fala, sem pressa e sem ênfase. Suas frases são harmoniosas e ritmadas. É quase tão gordo como Malenkov, porém seus gestos são mais comedidos.

(Continua no próximo número)

SABILIDADE — EU, UM ESTRANGEIRO — O HOMEM MAIS IMPORTANTE, NO MOMENTO, EM TÔDA URSS

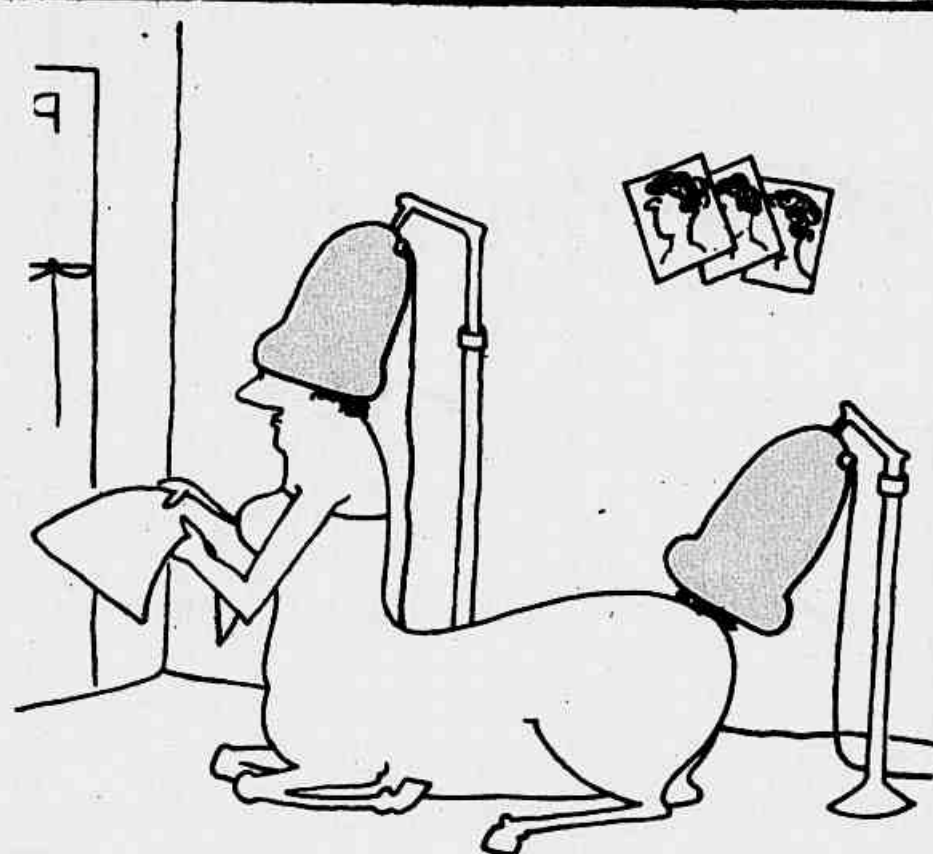


SEM LEGENDA

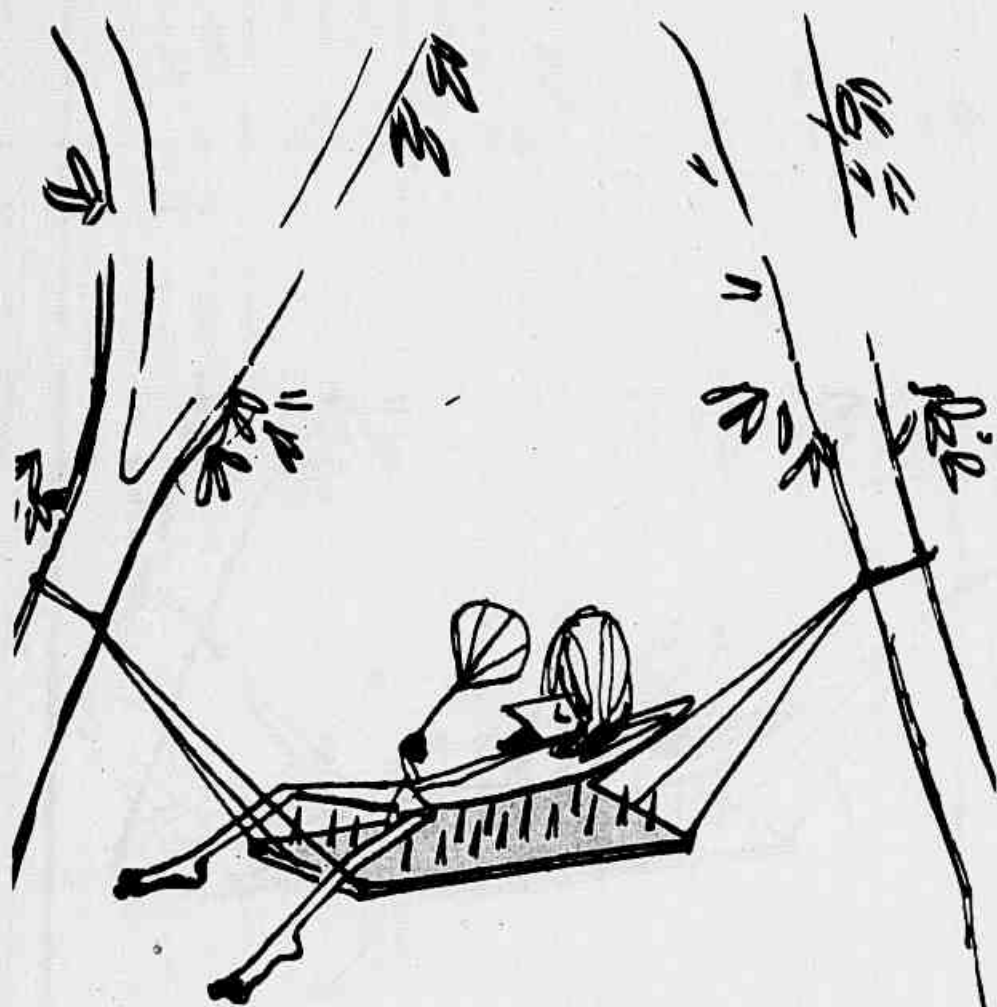
O RISO DOS OUTROS



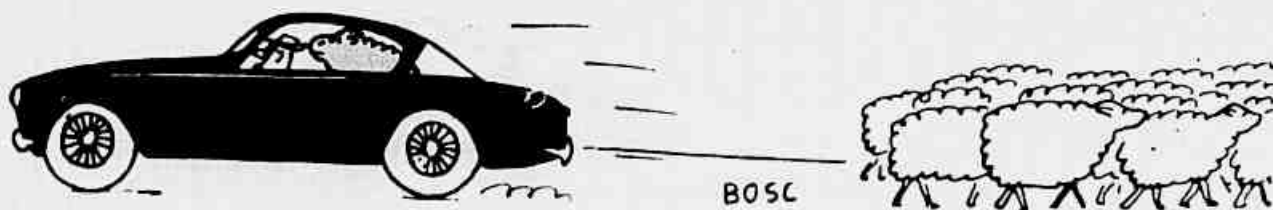
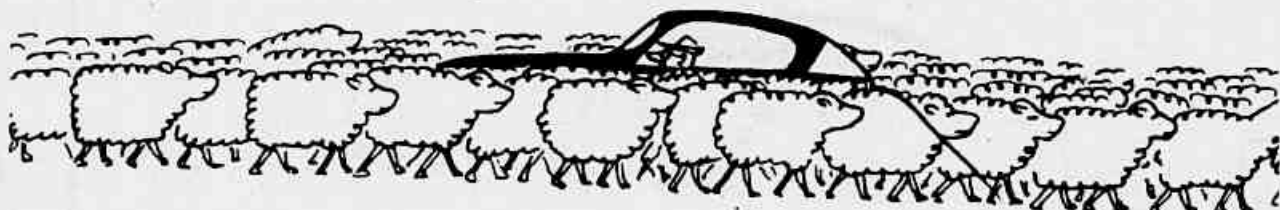
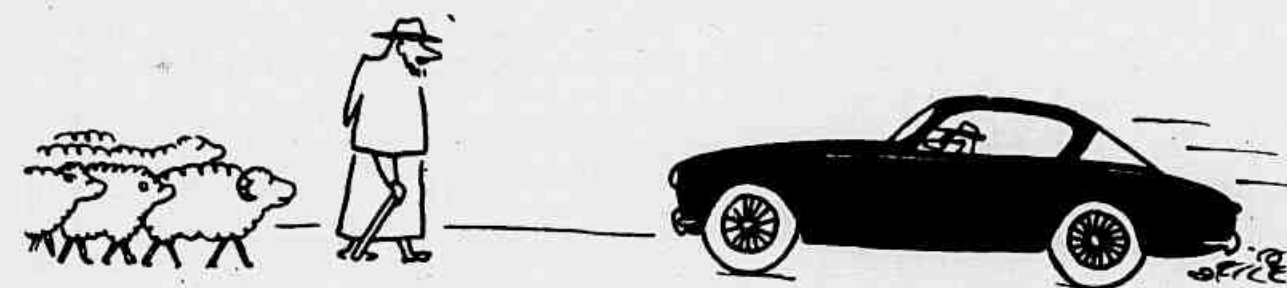
— Agenor, gostaria que me dissesse quem mandou o jardineiro aparar o ficus desta maneira!



Centaura no Cabeleireiro



SEM LEGENDA



SEM PALAVRAS

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTES

- 1—O cardeal Capranica escreveu:
 - Speculum Mentis?
 - Speculum Santitudine?
 - Speculum Artis Bene Moriendi?
- 2—~~Quem~~ ~~foi~~ ~~foi~~:
 - músico flamengo do século XV?
 - filósofo inglês do século XIII?
 - general sueco do século XVII?
- 3—Quem foi o antecessor de Otávio Mangabeira na pasta das Relações Exteriores:
 - Raul Fernandes?
 - Félix Pacheco?
 - Leão Velloso?
- 4—Pablo Gargallo é famoso:
 - pintor espanhol?
 - escultor espanhol?
 - teureiro espanhol?
- 5—Escreveu célebres Relatórios sobre Conduta Sexual:
 - Jung?
 - Kinsey?
 - Freud?
- 6—Que quer dizer caliga:
 - nome de imperador romano?
 - botina militar?
 - planta malvacea?
- 7—Em que ano apareceu o primeiro selo postal brasileiro:
 - 1798?
 - 1845?
 - 1841?
- 8—Nova York foi fundada:
 - pelos ingleses?
 - pelos holandeses?
 - pelos franceses?
- 9—Zuñiga é personagem de que ópera:
 - Alegres Comadres de Windsor?
 - Goyescas?
 - Carmen?
- 10—«Debalde nos meus sonhos de ventura...» — assim começa um célebre poema de:
 - Fagundes Varela?
 - Álvares de Azevedo?
 - Casemiro de Abreu?
- 11—Capistrano de Abreu escreveu célebre tratado sobre o «Ratxa-hu-ni-kuê»; mas o que é isso:
 - língua dos baccaeris?
 - língua falada na Guiana Holandesa?
 - língua dos caigangues?
- 12—A cidade de Upsala fica:
 - na Albânia?
 - na Suécia?
 - Na Holanda?
- 13—O «país dos shqipetars» é:
 - Albânia?
 - Noruega?
 - Suécia?
- 14—Quantas vezes casou-se Barbara Hutton:
 - 3?
 - 7?
 - 5?
- 15—Que faraó tentou abrir um canal onde hoje está o de Suez:
 - Tutancâmem?
 - Necao?
 - Ramsés II?

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginásial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; todas as 15: um gênio em pessoa.

RESPOSTAS: 1 — Speculum Artis Bene Moriendi; 2 — músico flamengo do século XV; 3 — Félix Pacheco; 4 — escultor espanhol; 5 — Kinsey; 6 — botina militar; 7 — 1841; 8 — pelos holandeses; 9 — Carmen; 10 — Álvares de Azevedo; 11 — língua dos baccaeris; 12 — na Suécia; 13 — Albânia; 14 — 7; 15 — Necao.

Usando REGULADOR GESTEIRA



A Senhora também poderá **SORRIR**
todos os dias do mês!

REGULADOR GESTEIRA

é um remédio extraordinariamente eficaz no tratamento das menstruações dolorosas e outros distúrbios funcionais dos órgãos femininos.

UM NOVO tratamento

complexo injetável de alto valor
anti-anêmico, anti-tóxico e reconstituente
Injeções intra-musculares:
1 ou 2 ampólas diariamente.

YAKRITAMIN



fração solúvel de extrato hepático
concentrado com ácido fólico
triptofano, histidina e metionina
Caixas com 3 amp - 2cc.



INSTITUTO BIOLOGICO do RIO de JANEIRO Ltda.
E/C: Rua Santa Luzia 799-132 - fone 22.09.02 - Lab. Alam. São Boaventura 1027-Niterói



COMO APRENDER A DANÇAR

7ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Choro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 70,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

JORGE DE CASTRO E SUA MÁQUINA

GASPARINO DAMATA

◆ JORGE DE CASTRO foi, durante alguns anos, uma espécie de fotógrafo oficial de tudo quanto é artista plástico e intelectual brasileiro. E' que, na sua época, podendo tornar-se um profissional, preferiu, em boa hora, manter-se como um simples amador, mas um amador de renome — um artista, antes de tudo! E se teve vários trabalhos seus publicados em revistas populares, jamais perdeu, no entanto, aquelas características essenciais e natas de que são dotados os verdadeiros artistas. A máquina, nas suas mãos, sempre foi um instrumento de sua arte. Abra-se, por exemplo, um dos seus empoeirados arquivos... O que a gente vê logo é aquela desorganização organizada, de que tanto se jactam os franceses — gente com a qual conviveu vários anos de sua mocidade. E fotografias sôbre fotografias, de personalidades nacionais e estrangeiras, tiradas sem aquela preocupação de ângulos espalhafatosos, sensacionais, absurdos, mas fixando de cada um «um determinado momento psicológico».

◆ A verdadeira fotografia, a nosso ver, não é aquela que a gente pega, olha, acha bonita, mas depois joga de lado, entrega ao arquivista, esquece; a autêntica fotografia, é a que antes de tudo resiste ao tempo. E que cada vez que a olhamos, nos revela alguma coisa... Antes de explicarmos aos nossos leitores a finalidade desta série, gostaríamos de acrescentar mais alguma coisa sôbre o artista. Jorge de Castro recebeu a sua primeira máquina como presente paterno, pois viajava muito em companhia da família, pela Europa. A máquina, conta o artista, era tão complicada, tão cara, tão cheia de aparatos, que êle se sentiu inibido; e nada fez... até que a deixou de lado, trocando-a por uma «tipo caixão». E foi com esta que começou a tirar as primeiras fotografias.

◆ O seu período mais afanoso, quando êle também tomou mais gosto pela sua arte, foi durante a Segunda Grande Guerra Mundial, quando serviu, logo após os torpedeamentos, como fotógrafo da nossa Marinha de Guerra. Ali veio a conhecer, entre outros, o grande diretor de cinema norte-americano, John Ford, com quem passou a trabalhar. Ford ~~viera~~ fazer uma série de documentários de guerra no Atlântico. E depois, o grande «camarão» há pouco falecido, Gregg Toland. Ao receber uma grande herança, foi aos poucos desinteressando-se por fotografia, até sumir completamente. O artista viajou durante vários anos pela Europa (Itália e França, principalmente), e, ao regressar, comprou uma ilha na Guanabara, onde passou a residir; vendê-la e voltou a ocupar o seu antigo apartamento, na Lapa.



O mestre e seu cartaz

◆ A fotografia que aqui aparece do p... O exu... Cândido Portinari, foi por mim tirada, com... aparência... poderá facilmente ver, no edifício em con... tratar as... ção do Ministério da Educação e Saúde... desconcer... certo tem... tempo em que as duas pastas, inexplicável... muito o c... te, eram ligadas). O pintor, com quem ma... compos... veras, por... durante certo tempo as mais estreitas rela... A sua... de amizade, terminara o trabalho dos seus... brilho est... mas mã... elogiados e discutidos painéis, naquele pr... daria par... E preparava-se para exibi-los ao público... Acho q... crítica especializada. Aproveitei então o... histórias... mento em que o pintor terminara de pint... E não gos... porém, er... tempo, m... posição. O que não posso compreender é... um determ... até agora, de tãda aquela gente que se... coisas que... freqüentou a casa do artista, que sempre es... todos os... ligada ao artista — ninguém até agora se... de fotogra... brou de escrever alguma coisa que remem... chegou m... se aquêlo tempo... vez senti... é muito natural, teme-se muito o «mago... para que... susceptibilidade de A ou B... E se a p... que não p... não quisesse enveredar por êsse caminho... conversado... fácil, embora áspero, perigoso, poderia... na qual... contar, por exemplo, como nasceram cr... dos meus... obras. A maneira como se trabalha, por ex... ber-me. C... plo, em equipes, nos «ateliers» de Oscar... sem maior... mayer, de Roberto Burle-Marx, e do pr... tive, nos... Portinari. O que se faz aqui, porém, quando... esquisita, simplesme... faz!, é analisar, e nem sempre bem, a obra... então... determinada obra de um determinado arti... palavra, er... E nunca se conhece o verdadeiro trabalho... lo; e malu... nascimento e obra, a sua gradativa evoluç... bom-humo... as depurações sofridas. E os pontos de vi... a obra. A... que prevaleceram... As relações entre pintor... mica fant... ou os grupos em tórno de certos e determinad... mais de u... artistas plásticos, ainda continuam, aqui en... de rojão, nós, pouco desconhecidas, pouco divulgadas... que contar... que já não acontece com a literatura... dono de t...



O maestro revolucionário

O exuberante maestro Vila-Lobos, com sua aparência meio selvagem, seu modo insólito de tratar as pessoas, seu vozeirão, suas tiradas desconcertantes, sempre me intimidou; durante certo tempo, achei mesmo impossível, embora muito o desejasse, qualquer aproximação com o compositor revolucionário. E lamentava de verdade, porque sentia nele um modelo de primeiras. A sua mímica, os seus olhos cheios de um brilho estranho, suas sobrancelhas espessas, e suas mãos nervosas, de pedras... O que não queria para fotografá-lo, um dia!

Acho que muito concorreram para isso, as histórias que sobre ele ouvia, na redação. O homenzinho, segundo diziam, era um bicho... E não gostava nada de fotógrafos! A verdade, porém, era bem outra. O maestro, durante certo tempo, mostrou-se avesso a fotografias, porque era um determinado profissional... Bem, isso são coisas que não se deve entrar em detalhes; nem todos os profissionais são desonestos, amantes de fotografias sensacionalistas. Assim, quando chegou meu dia de fotografá-lo pela primeira vez senti um certo temor, certa inibição... E, para que não confessar? até mesmo medo... O que não poderia, porém, era deixar passar tão excelente oportunidade. O modelo, devidamente conversado pelo diretor da credenciada revista na qual publicava, naquele momento, alguns dos meus melhores trabalhos, induzira-o a receber-me. Como de fato, o maestro me recebeu sem maiores dificuldades. A impressão que dele tive, nos primeiros momentos, com sua camisa esquisita, quadriculada, foi a de uma figura simplesmente grotesca. E com aquela gravata óbvia... O maestro, ao contrário do que se produzia, era obediente, pelo menos como modelo; e maluco por publicidade! Aproveitei o seu bom-humor, a magnífica ocasião, e meti mãos à obra. A sua natural exuberância, a sua mímica fantástica, forneceram-me motivo para mais de uma centena de fotos. E todas feitas de rojão, uma atrás da outra. E todas como que contando uma história, pois nunca tive diante de mim um modelo tão rico de expressões, dono de tamanha naturalidade.

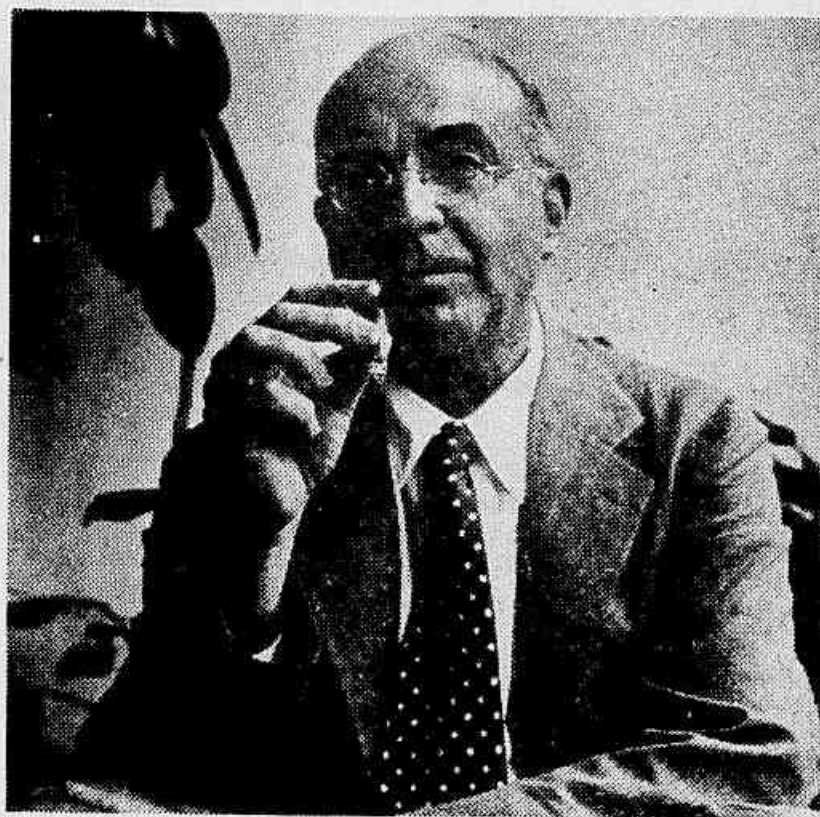
Um escritor em apuros

◆ Antes da segunda Grande Guerra Mundial eu estive em Nova York, por sinal que no mesmo hotel em que se achava também hospedado o veterano novelista norte-americano, John Dos Passos. Mas não consegui avistar-me com o autor da célebre trilogia «The Big Money», «Parallel 42» e «U.S.A.». E regressei ao Brasil bastante desapontado por não ter conseguido fotografá-lo, como era meu intento. Aconteceu, porém, que tínhamos, ao que parece, um encontro marcado: estava eu na redação de uma certa revista, isto por volta de 1950, quando soube que o novelista acabara de chegar, e hospedara-se no hotel Vogue (hoje desaparecido, após o violento e trágico incêndio), em Copacabana. Sem perda de tempo, para lá me dirigi, munido da minha primeira Rolleyflex, comprada, aliás, nos E.E.UU. Ao entrar no salão, deparei-me com uma cena curiosa: o famoso escritor estava sendo assediado por um repórter e um fotógrafo de uma das nossas revistas de maior circulação. O repórter tentava fazer o escritor (sem dúvida o tomavam por algum artista de cinema!) posar para o fotógrafo, numa publicidade forçada, a contra-gosto, mostrando a capa da revista... Aproveitei então o momento em que o escritor visivelmente contrariado, no seu espanhol canhestro, procurava desculpar-se... E fiz a foto, de surpresa, por detrás de um «ficus» italiano, quando ele, mais calmo, curti o seu aborrecimento fumando um perfumoso Havana.

Aproximei-me dele e apresentei-me, falando numa língua que lhe era familiar; ele imediatamente se abriu comigo, dizendo aquela frase para mim já clássica, pois que a ouvira dezenas, centenas de vezes, em situações idênticas: «It is good to find somebody who speaks the language»... (A tradução literal: É bom a gente encontrar uma pessoa que fale inglês). E, em seguida: «Do you know them?» (Sabe quem são?). A verdade é que não se pode agir desse modo como com personalidades internacionais. E antes de responder-lhe à pergunta, procurei desculpar os meus dois colegas, dois jovens e

inexperientes profissionais, via-se logo. O escritor sorriu agradecido. E passamos a falar sobre outras coisas...

John Dos Passos explicou-me que era a sua primeira viagem ao Brasil, país que conhecia apenas de informações e através de alguns filmes... E que viera a conselho médico, pois acabara de ser acidentado; perdera uma filha meses atrás. (O sr. não leu? perguntou-me), num desastre de automóvel. E também um olho, o esquerdo, que fora substituído por um de vidro. O trabalho era tão bem feito, tão perfeito, que ninguém notava! E assim nos tornamos bons camaradas. A fotografia que tirei, de surpresa, ele pediu-m'a como «souvenir»... de um momento bastante desagradável num país bastante agradável, confessou-me. E sorriu com aquele seu jeito simplório, de capitalista em férias, pois não tinha a menor aparência de intelectual, de escritor, por sinal um dos mais importantes de sua época.



O mais arrojado

◆ A moderna arquitetura brasileira, que hoje ocupa merecidamente uma posição de destaque, invejável, no mundo, nasceu, por assim dizer, ou quando menos teve o seu impulso inicial, com a construção do edifício do Ministério da Educação e Saúde, quando ocupava a pasta o sr. Gustavo Capanema. Ali, sob a influência do



mestre Le Corbusier, e debaixo da orientação de Lúcio Costa, revelaram-se os grandes arquitetos brasileiros da atualidade. E dentre estes, o mais arrojado de todos, o mais revolucionário, a nosso ver: Oscar Niemeyer. O jovem arquiteto, naquela época, já me chamava a atenção, porque, aparentemente um espírito comunicativo, no íntimo, eu o sabia um grande introvertido. E era exatamente essa dualidade que tanto me fascinava... Pensei, exatamente, em fazer-lhe uma fotografia que mostrasse ao leitor essa dupla personalidade do artista. A oportunidade, porém, é que nunca aparecia. Porque, todas as vezes que dele me aproximava, com a máquina, não é que ele fugisse, evitasse ser fotografado, mas estava sempre cercado de amigos. Quando recebi ordem da redação, para ir ao «atelier» do artista, jamais me passou pela cabeça que surgisse tal oportunidade. E' que me haviam encomendado fotografias apenas profissionais, o arquiteto cercado de seus ajudantes, etc., na prancha de trabalho. Após fazer dois filmes, dei o serviço por terminado. E quando já ia colocando a máquina na bolsa, pronto para me retirar, ergui casualmente a cabeça... E lá estava o artista na posição exata, como sempre o desejei fotografar!... A emoção que senti, foi das maiores. Então fingi que se perdera uma pecinha da máquina, tomei-a nas mãos, ergui-a até uma certa altura... E sem que ele percebesse, bati a tão ansiada chapa!



Anilza Leoni, abre a janela formosa mulher. Angelita Martinez, «jambrou» ou não «jambrou»?

MAN SPRICHT DEUTSCH

Fernando LOBO

DO ALTO espio o cais. Ele está parado como um animal gordo e sonolento que caminha por caminhos longos. Encosta-se a amurada e deixa que lhe tirem o peso do lombo. A água que sinto por baixo da barriga é morna e mais doce. Uma escada anêmica o liga ao chão, à terra por onde não sabe caminhar. É um animal do mar que dêle só sai quando é obrigado a baixar, o hospital, por ferimento grave, por ameaça perigosa. Embandeirado, cheio de luzes, é assim que se exhibe, mesmo cansado, aos homens da terra, no instante em que os homens que trouxe para terra foram. A noite está lá fora, lá fora o mar à sua espera para novos passeios no lombo de suas ondas. Dentro dêle o homem da terra experimenta uma sensação de liberdade total. Não há ruído de telefones, não há vozes em protesto, não há ordens a cumprir, nem queixas e reclamações, nem cobradores de pasta, nem pessoas que odiamos e sorrimos, nem jornais de manchetes medonhas. É um mundo novo o navio parado. Um mundo que nos dá algumas horas de curta felicidade. Os anúncios em línguas diversas, os avisos incompreensíveis, os garçons de louros cabelos e passageiros com marcas de guerra ou de esperança de um mundo bem melhor do que o que a pouco deixamos. A guerra vasculhou todo o navio, da popa a proa, mas logo que ela se foi ele se refez, limpou seus ferimentos graves, renovou os pulmões das suas caldeiras e caminhou sem medo pelos mares sem minas. A guerra ficou na terra, uma guerra sem ruídos longos e de inimigos sem farda. O navio é um animal pacífico. Os homens é que dêle fazem um instrumento de luta. Em tempo de paz é esse mundo que tenho agora para um isolamento sem equanil.

A bandeja grande nos traz o bom vinho do Reno. Taças Longas, vinho côr dos cabelos da «frau» deixada em Düsseldorf. Capanés os mais variados, cigarros americanos ou alemães, chocolate de tôdas as côres e gostos em caixas que fazem sucesso como presentes. Uma garrafa de uísque escocês por 350 cruzeiros! E falar em cruzeiros dentro de uma noite que é tão longe de ser nossa e que dentro dela estamos vivendo por um momento. Falar de nós sem guerra dentro de nossas fronteiras, mas com fome dentro delas! Vamos ficar no barco até o instante último, até que a sineta dê o último sinal para as visitas. Então desceremos a escada anêmica, tomaremos o caminho do cais, seguiremos a Praça Mauá e a luz dela nos dirá que se quisermos mais da noite teremos que nos entregar de corpo e alma as hienas noturnas que vão nos entregar uma dose de uísque do tamanho de uma gota de colírio, por 150 cruzeiros! De longe escutamos o som rouco do navio que parece nos pedir que não caminhemos para a boca daquela alcatéia de Copacabana, pois o navio voltará e nos dará bebida, e nos dará comida, e nos entregará principalmente a ventura de sermos livres por alguns minutos do lobo noturno, última inovação que a noite carioca recebeu de graça e com o apoio legal dos que mandam e dirigem. O som rouco do apito do navio outro vez nos chega. Nós não iremos não, querido amigo, não iremos não! Ficaremos à sua espera. Aufwiedersehn!

♦ **«FIESTA»** — Está inaugurada «Fiesta», uma «boite» que Copacabana acaba de ganhar. Se fizerem um inquérito para saber onde amanhã, não há detective que descubra. As «bars» estão cheios e cheio há car também esta «Fiesta» que tem gerado primeiro time no comando das suas mesas (ta & Ramón) e em boas condições a com a bebida ali oferecidas. Sou sempre a das casas novas que podem, para a minha, chupar a freguesia de casas monodoras que vendem pelo preço que bem dem as suas bebidinhas e suas «almônd» de nomes trocados. Chega!

♦ **MAIS UM** — Mr. Eco, depois de ter «barrado» no «Diário da Noite» a pedido, de ser também «impedido» no «Mundo Ilustrado». O dono da noite propôs àquele sem páginas e páginas em troca da não presença do nosso Eustorgio naquelas conceituadas. Será que o Geraldo Rocha sabe? Acho que não! Será que o sr. Herbert Moser e o sr. Luís Guimarães, do Sindicato dos Jornalistas sabem que agora a moda é mais jornalistas embora de seus postos com o momento de enfiar publicidade paga, de mulas de pernas de fora? Sabem? Se não sabem, cismam ficar sabendo! Quem sabe, sabe!

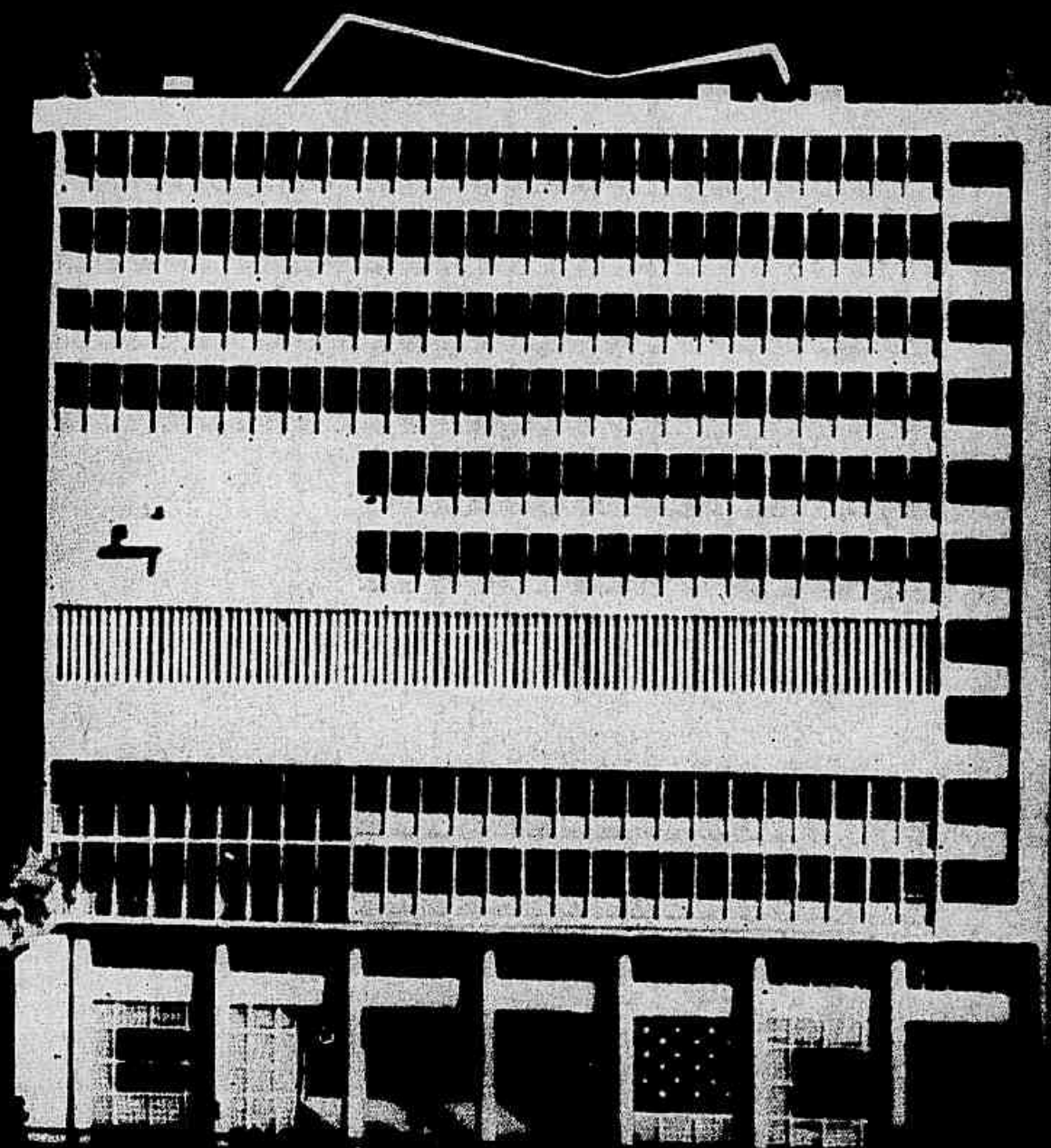
♦ **MARIA EM 33 ROTAÇÕES** — Vai surgir praça um L.P. da fábrica «Rádio» sob o nome de «Antônio Maria na Intimidade». Trata-se de um disco não comercial e sim de «assinatura» para a chamada «gente bem». São apenas discos a 600 pratas cada um, com autógrafo do autor, conversa e cantigas do próprio. A finagem já está inflamada e a leva inicial, colocada. Maria pensa em tirar uma segunda formada, logo que Grottera lhe entregue a primeira, o que será no Natal, boa época para presente original e relativamente barato querer?

♦ **ESTA EM TÔDAS** — Nestor de Holanda deu o passo com Geysa de Bôscoli e este em «Tôdas» tem marcado ponto bom. A «Tôdas» agora está afinada e já na máquina para uma segunda produção para entrar, logo Copacabana começar a deixar de ir ao teatro. Sei do título mas não estou autorizado a dizer, pois, tem muito «nêgo bebo aí» de cura de idéia para «shows».

SEVERINO ARAÚJO FAZ FESTIVAL — Dúvida o conjunto d'oste nortista é um dos justos que esta cidade tem. No próximo dia, o chamado dia da Primavera, vai acontecer grande baile na «Associação dos Empregados do Comércio». Naquela noite, todos os músicos, muito bonita, a Orquestra Severino Araújo dar um verdadeiro «festival» tocando durante cinco horas seguidas. O norte é de morte.

♦ **ROTEIRINHO** — Nanai no «Carioca» e Helena de Lima a caminho do Rio (não do Nanai), logo que acabar seu pequeno contrato no «Little Bar». ♦ Ribamar vai largar os cabos a caminho da Venezuela. «Jirau» sem ninguém até o presente destas linhas. ♦ Carlinhos e seu conjunto (Bilunga e Darci) em pleno «Maxim's» que há muito estava precisando de reforço. ♦ Dois bons conjuntos o do Copacabana nesta temporada. ♦ Cópia sempre com a bola branca do bom gosto. De «Humoresque» as irmãs Marinheiro dou o resto..

PARA MELHOR SERVIR AO BRASIL



DESDE 1893 →

◇ A sede atual da Associação Cristã de Moços é na Rua Araújo Pôrto Alegre nº 36, telefone 22-9860. Mas a gravura que apresentamos é da sua futura sede na Rua da Lapa, 40. Dê a sua cooperação a esta grande obra.



Grand Monde internacional



Ann Miller, tem atualmente em Hal Hayes, seu «date» preferido.

Como vocês sabem, a minha colega Carmen Jessier é a mais «suspense» colunista atualmente em Paris, como falei para vocês no outro dia. Hoje, vou dar alguns traços da minha jovem e famosa colega. Carmen, que é morena e muito bonita, usa em sua cabeleira negra umas mechas brancas, que, aliás, lhe ficam, muito bem. Sua coluna, a exemplo desta, tem uma base de «gossips», chamada «potins». — Quem é o mais disputado galã atualmente em Hollywood é Robert Wagner. Robert tem na mexicana estrêla Rita Moreno, seu «date» preferido. — Hal Hayes, milionário norte-americano, estêve por muito tempo figurando nas colunas de «gossips» internacionais, por motivo de um romance com a conhecida e irrequieta Zsa Zsa Gabor. Agora, estou sendo informado por meu «gabinete social» internacional que o atual «date» de Hal Hayes é a conhecida estrêla Ann Miller. — Num recente número

desta revista, noticiei para vocês que Leslie («Lili») Caron ia casar (pela segunda vez) com o diretor Peter Hall. Pois bem, ambos já se casaram em Londres, onde Peter dirige uma famosa peça num teatro londrino. Acontece que Leslie tem um contrato com a Metro para filmar dentro de alguns meses. E se o contrato não fôr cumprido, pois Leslie trabalha juntamente com o marido, terá que sofrer as consequências (muitos \$\$\$) da quebra desse contrato. — A famosa intérprete de «Sabrina», a atriz Audrey Hepburn, surpreendeu seus fãs, conforme alguns jornais noticiaram, aparecendo com um novo penteado. — No próximo dia 28 de setembro será lançada a outra biografia da Duquesa de Windsor, já batizada de «O coração tem razões».

Pequenos Flashes

BABY THOMAS — Vou transcrever para vocês um «flash» que publiquei outro dia na minha coluna do «Diário da Noite» que provocou comentários realmente «suspense». São Paulo: — Acabo de receber da milionária srta. Baby Thomas uma carta, na qual frisa que vai aceitar meu convite para chefiar o «gabinete social» desta coluna, lá no Planalto. Baby diz, entre outras coisas, na sua amável carta, o seguinte: «Jeff, você não calcula como fiquei com toneladas de alegria quando recebi, aqui, as credenciais que você me enviou, para dirigir os destinos de seu «gabinete social» no «high-society» paulista. Pois, como leitora assídua de suas colunas, uso com muita frequência os «suspense» termos lançados por você. De maneira que não me vai ser difícil enviar minha correspondência, de acordo com suas credenciais profissionais.

Até a próxima. B.T.». — A elegante senhora Becki Klabin cancelou sua já programada viagem para o velho Continente. — A «beaut» senhora Anne Marie Quartin Barbosa recebeu um pequeno grupo do «high-society» carioca para jantar. A coisa mais comentada dessa reunião foram as jóias da senhora Otacilio Gualberto que são águas-marinhas. — A noite da pré-estréia da cantora francesa Rose Avril foi na de terça-feira passada na «Maison de France». Foi uma noite de caridade em benefício das obras sociais franco-brasileiras, e da Associação de Cultura Franco-Brasileira. Este acontecimento teve o patrocínio do prefeito Negrão de Lima, senhor Herbert Moses e o Embaixador da França. — Dalal Achar, cujo talento na arte do «ballet» é realmente «suspense», tem programado uma grande «tournée» com sua

nova companhia. — No jantar que o sr. e sra. Antenor Mayrink Veiga deram em honra dos marqueses de La Penna, a coisa mais comentada foi a beleza da jovem Monique Douvermois. — O Lagoinha Country Club está fazendo um sucesso de bola na rede com seu semanal jantar às quintas-feiras. — O grande acontecimento do «high-society» carioca será a reabertura do «Night-And-Day», com o «show»: «Quo Vadis Momo». Depois darei detalhes. — EXCLUSIVO: Para o meu «gabinete social» local, nacional e internacional. Este colunista está agora devidamente localizado no Hotel Glória, que como vocês sabem é um dos mais famosos hotéis do mundo. Agora estou tomando banho de piscina à domicílio. Bola na rede. — O famoso «GELOT» continua em cima. ATE A PRÓXIMA.



A elegância «suspense» do sr. de Souza Campos, já voltou à Didu estêve acamado durante dias devido a um acidente na quando jogava pólo.

CLÁUDIO SILVEIRA

SUA ELEGÂNCIA ESTÁ REALMENTE «SUSPENSE». E TE ANO PODERÁ SER UM DOS PARTICIPANTES DA LISTA DOS «DEZ MAIS ELEGANTES».

Gossips



Teresinha Simões Soares com seu «date» o mata Daniel Sabadine já projetam subir ao

A Senhorita V. S. (iniciais trocadas) continua sem «date». Será que ela está sendo perseguida por dona prateleira? — A «beaut» senhora paulista Nilza Gouthier, que circulou recentemente na «soirée» carioca, fez um sucesso realmente «suspense», pois a menina é mesmo uma boneca. Mas, vocês sabem quem foi o «date» da menina Nilza aqui no Rio? — Jorginho Doria, continua tendo em Marina Tonanni seu romance preferido. — Raquel dos Santos Jacinto está sendo escollada por Alfredo Canônia Barbosa. E o Ricardinho Fazzanello? — O Barão de Rothschild e a srta. Glorinha Drumond foram vistos dançando «cheek-to-cheek» num «night-club». Romance na pista... — Quem vai viajar para os «States» é Verinha Maria Pereira. O Cluck Woodward já está ficando com saudades. — O sr. Geraldo Pena está escollando agora a srta. Regina Goes. Enq isso, seu ex-«date» Terezinha Simões Soares já projeta subaltar com o diplomata argentino Daniel Sabadine. — O do romance entre Lygia Coutinho e o paulista Mauricio Duificar «gêlot». — De São Paulo, a chefe do meu «gabinete social» Baby Thomas, informa que a srta. B. M. P. chegada há poucos dias do Rio continua sem «date». Até quando, menina? — continua figurando na Prateleira.

Jeff Thomas Rosinha Se ambos se

O elegante senhora

Eloisa Dolo Serzedelo

SOIRÉE SNOB

NO COUNTRY

Jeff Thomas olha o menu com a glamorosa Rosinha Serzedelo Machado, e pede para ambos seu prato internacional preferido, que é «Costeleta Kevv».



O elegante sr. Cláudio Silveira e a «beaut» senhora Álvaro (Cininha) Alberto Filho.

★ Foi na noite de domingo que o Country Club, que é o mais “high-society” do Brasil, realizou mais uma movimentada “soirée” onde apresentou um “show” realmente “suspense” começado pelo já famoso imitador de Al Jolson, sr. Chuck Woodward, e terminado com o grande seresteiro Silvio Caldas. A mulher mais elegante nesta “soirée-snob” foi a jovem embaixatriz Laiz Gouthier. A mesa do senhor Roberto Lacerda, já batizado por este colunista de a mesa das celebridades, estava como sempre povoada por um grupo jovem do “high-society”. O senhor Adolfo Graça Couto, esteve perfeito no seu trabalho como diretor-social. Foi mais uma noite realmente “suspense” que o clube de Ipanema, viveu. Tudo perfeito: mulheres elegantes e bonitas, homens bem vestidos, muita classe e muita categoria tem o Country Club.



Eloísa Dolabela, Haroldo Christofel e Gilca Serzedelo Machado. Eles estavam na mesa das celebridades.

Literatura e arte

JOSÉ ROBERTO TEIXEIRA LEITE



Tasso



Bandeira



Dantas

NOTAS E INFORMAÇÕES

DE 29 de outubro a 4 de novembro, em Campos, patrocinada pelo Clube de Poesia local, será efetuada a Primeira Semana Literária Campista, no decorrer da qual serão levadas a efeito projeções de filmes sobre Arte, palestras e exposições. Haverá também uma Feira de Livros, e, comemorando o segundo aniversário da revista «Horizonte 22», órgão oficial do Clube de Poesia, uma Festa da Poesia, que contará com a presença, entre outros poetas residentes no Rio, de Afonso Felix de Souza, Geir Campos e Arino Peres.

★ MANUEL BANDEIRA terá publicada (pela José Olympio) a segunda edição de «Itinerário de Pasárgada» — sua autobiografia —, acrescido esse livro de mais as páginas que constituem um «Caderno de Cultura» de há muito esgotado, «De Poetas e de Poesia». A capa é a mesma da primeira edição, de autoria de Carlos Drummond de Andrade.

★ SALDANHA COELHO publicará, brevemente, seu romance «Memórias de Inverno». Espera-se com ansiedade o primeiro romance do autor de «Mural» e «O Pátio».

★ TASSO DA SILVEIRA apresentou a um grupo de amigos seu novo livro de poesia, «Puro Canto», editado pela Simões.

★ «CATAVENTO», NOVO livro de Vivaldo Coaravy, está para ser lançado pela Livraria José Olympio.

★ PAULO DANTAS, para terminar o último volume de sua «Trilogia Nordestina», viajou de «pau de arara» para Bom Jesus da Lapa, na Bahia. O conhecido escritor sergipano quer ver se termina o mais breve possível o ciclo de romances a que denominou de «O Livro de Daniel».

O FATO LITERÁRIO

Jaccobi e outros assuntos

♦ CIRCULAM RUMORES de que o teatrólogo italiano Ruggiero Jaccobi que há muitos anos reside no Brasil, terá de brevemente deixar o país porque uns certos senhores descobriram, no pequenino ensaio que creveu a respeito de «Maria Stuart», de Schiller, o que consideraram como marxistas perigosíssimos. Recordar-se, aliás, que quando a obra do grande poeta alemão foi levada à cena entre nós, na magnífica produção de Manuel Bandeira, outros «inteligentes» defensores, esse moral, quiseram proibi-la aos menores de dezoito anos, considerando decentes certas passagens. O fato teve inclusive repercussão mundial e nós mesmos lemos, cheios de vergonha, o comentário jocoso que respeito estampou o «Schweitzer Illustrierte», que se edita em Zurich Suíça. Mas voltemos ao caso de Jaccobi, o qual, não faz muito, ed pelo Ministério da Educação, na Biblioteca de Divulgação Cultural Instituto Nacional do Livro, pequenino volume de ensaios, «A Expressão Dramática». O episódio que ora se desenvolve, e sobre o qual vêm manifestando os nomes mais ilustres de nossas artes e letras, sério, difícil, se não fosse mais um sinal dos tempos perigosos que vive em nosso pobre país. Então se deseja expulsar de nosso convívio homem que tanto tem feito pelo Teatro Brasileiro, e que vem emprestando o melhor de sua inteligência e experiência às manifestações artísticas nacionais? Não se pode ter, com um homem inteligente como Jaccobi a mesma atitude que se teria com um desclassificado, com um chagista qualquer. Mas — e aí vem o mais doloroso — justamente são os chagistas e os desclassificados que têm a vez no Brasil, e o que condena, em Jaccobi, talvez não seja tanto os indigitados vírus marxistas que lhe descobriram alguns salvadores da sociedade, mas a sua prementalidade, sua cultura e bom gosto. Esses sim, são imperdoáveis no Brasil...

♦ QUASE ERA proibida a vinda ao Brasil da tradicional Ópera Pequim, que não faz muito percorreu mais de 50 cidades da Europa, com êxito fantástico. E' que os mesmos eruditos senhores que descobriram em uma simples conferência uma tentativa insólita de derrubar o regime vigente no país, acharam que os artistas chineses viriam era fazer propaganda comunista, entre nós. Quem os alertou foi uma pseudo-Embaixada chinesa no Brasil, que distribuiu à imprensa um comunicado sobre o assunto, muito mal redigido, aliás. Afinal, o ministro Macedo Soares resolveu conceder o visto à toda a Companhia, que poderá, assim, representar no Brasil, os mesmos êxitos que já alcançou em países mais democráticos e cultos, como a Inglaterra, a França e a Holanda, por exemplo.

★ MECENAS DOURADO foi o primeiro ganhador do Prêmio Pa Calógeras, recentemente instituído pela Biblioteca do Exército. Quando a entrega desse importante galardão, usou da palavra José Hon Rodrigues, um dos membros da Comissão Julgadora.

★ SOB A ORIENTAÇÃO do ilustre professor Augusto Meyer, pioneiro dessa espécie de trabalho intelectual entre nós, os escritores Ca David e Waldir Ribeiro do Val, e esse cronista encetarão, dentro pouco, minuciosa pesquisa sobre «Temática e Tópica da Poesia Brasileira». E' trabalho para muitos anos, mas indispensável para a compreensão da obra de nossos poetas, desde os tempos coloniais aos dias de hoje.

★ A ÉPOCA, revista do corpo discente da Faculdade Nacional de Direito, acaba de completar cinquenta anos de existência. Essa publicação — a mais antiga devida a estudantes, em toda a América do Sul — foi dirigida por nomes hoje ilustres na Literatura e na Política, no Direito e na Diplomacia brasileiros, bastando citar os de Alceu de Amorim Lima, Léo Ivo, etc., etc. O número comemorativo do cinquentenário, variada colaboração, avultando os ensaios sobre matéria jurídica literária.

★ O PRÊMIO Moinho Santista, no valor de um milhão de cruzeiros, um dos mais importantes do mundo, portanto — foi concedido ao famoso entomologista Angelo Moreira da Costa Lima, autor de mais de treze livros, ensaios e monografias.

ARTE

AVULSOS

● EM «CONNAISSANCE de Arts» de 15 de julho do ano corrente, há pouco chegou ao Brasil, Alain Jouffroy, pesquisador francês, para nós até então desconhecido, tece diversas considerações sobre o pintor holandês Jheronimus Bosch (1). É um artigo longo, fartamente ilustrado, ocupando nada menos de oito páginas daquela conhecida revista francesa de arte, e vem mais uma vez atestar, claramente, a importância que o velho mestre de 's-Hertogenbosch vem ultimamente assumindo. A despeito de alguns pequenos equívocos cometidos pelo autor (chama de retrato indubitável de Bosch ao rosto conservado na Biblioteca de Arras, rosto que Mosmans afirma não ser o do pintor), é artigo importante, que dá uma visão de conjunto, não só da obra, como também um pouco da vida do pintor.

● FAYGA OSTROWER desenvolverá esse ano grande atividade artística. Além da sua exposição, atualmente aberta ao público,

no primeiro andar do Ministério da Educação (tecidos e gravuras), ela deverá enviar trabalhos seus para exposições que terão lugar em Paris e Lausanne, e expor também com a «Xilon», Exposição Internacional de Xilogravuras, mostra itinerante. Fayga presentemente trabalha em um álbum com dez gravuras, que será vendido a subscritores (oito mil cruzeiros), em tiragem limitada a 40 exemplares.

● GRAVADORES HOLANDESES contemporâneos estão expondo no Museu de Arte Moderna. São vinte e cinco artistas de re-

alce na arte holandesa atual. Voltaremos ao assunto.

● GEORGES ROUALT completou, em maio, oitenta e cinco anos de idade. O excelente artista francês, talvez o último dos grandes artistas religiosos, mereceu, na Galeria Creuzevault, em Paris, uma exposição consagrada, não de óleos ou gravuras, porém de sua obra artesanal: esmaltes, pratos decorados e águas-fortes. E o escritor J. A. Cartier escreveu, no último número de «Jardin des Arts» chegado ao Rio de Janeiro, um bom artigo a respeito: «Roualt Artisan».

● APARECEU EM julho em Paris, mas ainda não foi posta à venda no Brasil obra de Germain Bazin sobre «L'Architecture religieuse baroque au Brésil», em dois volumes. O preço em cruzeiros deve ser bem salgado; em francos, à guisa de curiosidade, podemos adiantar que vale nove mil francos. Façam a conversão para a nossa moeda, ao câmbio atual, e ficarão assustados.

O RETORNO DE HENRIQUETA LISBOA

♦ A POESIA, entre nós brasileiros, sempre teve, ao lado de grandes cultores masculinos, ótimas intérpretes do sexo feminino, capazes de com eles suportar o mais severo e minucioso dos confrontos. E' por exemplo o caso (e para só tratar de poetas contemporâneos) de Cecília Meireles, hoje considerada uma das mais legítimas vozes da moderna poesia no Brasil, e cujo «Romanceiro da Inconfidência» é uma experiência poética única entre nós; é igualmente o caso de Adalgisa Nery, que há vários anos não publica, guardando àvaramente para si os belos poemas que em outros tempos lhe granjearam tão grande e justa nomeada; caso, também, de Henriqueta Lisboa, tímida e grave professora da Faculdade de Filosofia de Belo Horizonte, que habita a linda capital mineira, totalmente avessa às glórias literárias, sempre às voltas com seus alunos, num fecundo e silencioso trabalho de educadora, justamente de Henriqueta Lisboa, cuja obra poética, já bastante extensa, acaba de ser acrescida de mais um volume, (1), desejamos falar nessas linhas. Nada menos de nove volumes poéticos já lêz ela estampar, além de dois ensaios também sobre poetas e poesia — sua preocupação única e constante. Da importância dessa obra, fala melhor o prêmio que lhe conferiram, não faz muito, os governantes de Minas: a «Medalha da Inconfidência», pelo conjunto da obra. Outros lauréis literários já lhe foram contudo atribuídos: pela Academia Brasileira de Letras («Enternecimento»), pela Academia Mineira de Letras («Flor da Morte»), pela Câmara Brasileira do Livro («Madrinha Lua»).



H. L.

Mas passemos a examinar a poesia de Henriqueta Lisboa, tal como se nos apresenta em seu último livro, esse «Azul Profundo» que temos diante dos olhos, e cuja adorável simplicidade conduz tão bem com a poesia espontânea e ao mesmo tempo pudica da autora. Ela, que em «Flor da Morte» e em «A Face Lívida» havia dado a lume alguns dos mais belos poemas de brasileiros tendo por tema a Morte, volta agora cantando em tom diverso, embora, vez por outra, o antigo despoite em seus poemas:

(1) — Henriqueta Lisboa — Azul Profundo — Belo Horizonte, 1956. 114 páginas.

De que neve nasceu, à luz
de que lua polar, de que polidas
superfícies da morte?

Essa constante intimidade com a morte e com o mundo de sombras que ela sugere, apresenta-se em vários outros poemas:

Ó Noite, ensina-me
o teu magno
segrêdo.

Íntima das palavras, Henriqueta pode fazer um poema como esse «Serena», sem descambar para o puro virtuosismo:

Essa ternura grave
que me ensina a sofrer
em silêncio, na suavidade
do entardecer,
menos que pluma de ave
pesa sobre meu ser.

E só assim, na levitação
da hora alta e fria
por que a noite me leve,
sôrvo, pura, a alegria
que outrora, por mais breve,
de emoção me feria.

A forma é aí verdadeira luva, enfeixando num todo de beleza, inexcédível o conteúdo poético, também altamente elogiável. Nenhuma peça, porém, com a beleza e a densidade da intitulada «Estudo», longo e puro poema de cunho auto-biográfico:

Reflete-se no fundo do espelho:
De onde veio? Quem é? Para onde
vai, quando se fôr? Mistério.

Quer-nos parecer que essa peça, de grande valor para quem deseje penetrar na psicologia de Henriqueta Lisboa, é um dos pontos altos não só de sua poética, como também da moderna poesia brasileira, de tal maneira nela estão casadas a mais pura das inspirações e a mais espontânea das formas.

Também queremos realçar a originalidade de Henriqueta Lisboa. Porque, com efeito, ela não imita ninguém, não mostra em sua obra ressonâncias de outros poetas, colhe, pura e simplesmente, o fruto da Poesia em sua própria essência. E bem poucos, no Brasil, podem merecer palavras semelhantes. Bem poucos, os que não se sentiram (ou se sentem ainda em determinados instantes), tentados a seguir rumos poéticos que não são os seus, porém os do vizinho...

Interessante, a galeria que constitui a segunda parte do volume, formada pelas seguintes peças: «Do Idiota», «Do Mutilado», «Do Cego», «Do Surdo», «Do Hipócrita», «Do Louco», e finalmente «Do Poeta». Veja-se esse verso, arrancado ao poema «Do Idiota»:

Como pesaria uma pluma
sobre o espírito!

Tudo neste volume é belo e é bom, e como seria impossível citar o hino, inteiro, contentamo-nos com o que já dissemos, e que, longe de se constituir em uma crítica à sua poesia, são antes o louvor profundo de quem, desde há muito, habituou-se a amá-la.



CANTIGA DA MOÇA NA VARANDA

*A moça — longe — na varanda
contempla.*

(O que?)

Contempla.

*Ai, moça, d'olhos profundos,
azulíneos como o mar,
sôbolos olhos, dois mundos
levam-na aonde chegar.*

*A cadeira de balanço, a revista
entreaberta, a varanda,*

longe a moça do lugar.

*Ai, moça, à beira da estrada...
À beira?... A estrada é esse olhar
da moça triste sentada
na varanda, a contemplar.*

LAGO BURNETT

Desenho de MARIA TEREZA

MARIA DELLA COSTA:



T A

E

D

O U mu
Roac
Maria d
co públi
dade ex
perfeita.
do talen
— talent
comenta
plo —,
fácilmen
de Joane
das bra
«Othelo»
mona. A
próprio r
com os d
rel, Ode
de estrê
cornar o
«ordata»
que é te
S.A.», tr
há algu
la», que
bosa —
mos —,
virtude,
ser hone
tem o s
compran
ainda ou
rígida p
possuina
Vem de
veis cor
que def
vem par
rém, qu
ou com
sando n
ção dos
cadas, e
certame
mour» e
Isso tud
um luga
tal bra

TALENTO E PERNAS DE FORA

OU muito nos enganamos, ou foi em «Tabaco Road», a estupenda peça de O'Neill, que Maria della Costa pela primeira vez propiciou ao público de teatro sério, artístico, a oportunidade excepcional de observar a sua plástica perfeita. Porque Maria, essa é a verdade, além do talento que já hoje ninguém ousa negar-lhe — talento que, de resto, começa também a ser comentado no estrangeiro, em Paris, por exemplo —, possui linhas harmoniosas e sedutoras, facilmente imagináveis nos contornos da malha de Joana, em «Canto da Cotovia», ou através das brancas e longas vestes que utilizou em «Othelo», como a esposa casta e infeliz, Desdêmona. Agora, porém, no teatro que leva seu próprio nome, situado em São Paulo, juntamente com os artistas Jardel Filho, Luís Tito, Diana Morel, Odete Lara e Rosamaria Murtinho, a grande estrela de nosso teatro tem o ensejo de encarnar o papel central da peça «Moral em Condição», daquele Abílio Pereira de Almeida que é também o autor de Santa Marta Fabril, S.A., tremenda sátira à sociedade paulista de há alguns decênios atrás. «Moral em Condição», que tem por epígrafe a frase de Rui Barbosa — tão característica dos tempos que vivemos —, «O homem chega a desanimar-se da virtude, a rir-se da honra e a ter vergonha de ser honesto», pretende provar que cada homem tem o seu preço, havendo moralidades que se compram com cem cruzeiros, outras com cem mil, e ainda outras, com cem milhões... A peça foi dirigida por Bollini Cerri, e produzida por Sandro, possuindo cenários de autoria de Túlio Costa. Vem despertando interesse e mesmo inúmeras controvérsias, em São Paulo, pois a tese que defende, ou pelo menos expõe, a muitos vem parecendo por demais negativa. Nós, porém, que pouco temos que ver com a inflação ou com a deflação moral por que vem atravessando nossa terra, queremos é chamar a atenção dos leitores para as fotografias aqui publicadas, e que mostram uma Maria della Costa certamente ignorada por muitos, cheia de «glamour» e profundamente dotada de «sex-appeal». Isso tudo, e mais talento, garantem-lhe ou não um lugar de primeira no moderno panorama teatral brasileiro?





BANQUETE MACABRO

EDUARDO TOURINHA

COM três naus e a 10 de maio de 1501, deixa André Gonçalves a capital do Reino a fim de proceder ao reconhecimento das costas do Brasil. Acompanha-o — na sua terceira viagem à América — o florentino Américo Vespúcio. E' quem através de cinco cartas — a de Cabo Verde, a 4 de maio de 1501; a de Lisboa, em 1502; a «Fragmentária», de 1502 ou 1503, ratificando a anterior; a «Mundus Novus», desse último ano e «La Lettera», de 1504 — transmitiu-nos a melhor notícia da expedição. Não mencionou, entretanto, o nome do Capitão das naus. Vencidas as Canárias e as ilhas de Cabo Verde, a 17 de agosto viram os navegantes terras brasileiras: Rio Grande do Norte. Ancoraram ao abrigo de um cabo a que deram o nome do santo do dia: São Roque. Avaliou-o Vespúcio em cinco graus de latitude austral. Durante sete dias demoraram-se os navegantes no exame do litoral e em contactos com o gentio.

x x x

Aos conhecimentos adquiridos nas viagens anteriores, deu Vespúcio preciosos informes sobre os **brasis** na carta a Soderini, em 4 de maio de 1504.

Por essa correspondência sabemos que, no dia seguinte à chegada

dos expedicionários, o gentio reuniu-se na praia e ofereceu-lhes presentes. Homens e mulheres estavam nus, «sem cobrir vergonha alguma». Descreve-os assim o grande florentino: de estatura mediana, bem proporcionados, pele puxando a vermelho, sem nenhum pêlo no corpo, cabeleira lisa e negra — que «tornava as mulheres formosas». Achou «o rosto cheio, querendo parecer-se aos tártaros». Viu-os rápidos no andar e no correr. Grandes nadadores — as mulheres mais do que os homens — varavam duas léguas de mar. Tinham arcos e flechas contruídos, lanças temperadas ao fogo, cacetes — os tacapes ou gapemas — «com cabeças muito bem lavradas». Assim vira-os tanto. Pero Vaz Caminha.

Inimizades ancestrais faziam com que se guerreassem continuamente não tinham justiça para reprimir malfetores e nunca os pais castigavam os filhos. Em cuias ou vasilhas de barro comiam a qualquer hora e dormiam em rédes que os navegantes acharam melhor do que as madeiras em que se deitavam. Polígamos e ciumentos, eram dotados de aversão à brosa luxúria, «muito mais as mulheres do que os homens». Fecundavam ao extremo, as índias trabalhavam durante a gestação e, um dia depois do parto, iam lavar nos rios. Ao brigar com os maridos, matavam o primeiro filho no ventre. Suas habitações — as tabas — eram feitas de troncos de árvores e eram cobertas de palmas. Algumas abrigavam seiscentas pessoas. De quando em quando, mudavam de sítio e toda a riqueza que alardeavam eram apenas de pássaros e colares de osso ou colares de pedras coloridas. **Tembetá** verde na beíçola, seu comércio consistia em meras trocas. Davam sem medida e, sem medida, pediam. Alimentavam-se de frutas, caças, peixes, raízes e, sobretudo, da farinha de mandioca. O maior sinal de amizade, cifrava-se em oferecer ao forasteiro as mulheres e filhas. Zebavam-se com o suco azul-negro do genip e o vermelho-laranja do urucu. Curavam-se com sangrias, suadouras e ervas medicinais. Enterravam seus mortos colocando junto à tumba mentos, água e a **cangoera**: folhas de fumo enroladas. Não conheciam o governo senão o do morubichaba — o **maioral** — em tempo de guerra. Nem templos, nem cultos. Daí, escrever Vespúcio: — «Não se lhes pode chamar mouros ou judeus; não lhes vimos praticar nenhum sacrifício, tão pouco possuem casas de oração».

x x x

Em busca de informes, tinham os navegantes mandado dois marinheiros ir para dentro com a recomendação de voltar no prazo de cinco dias máximo. E jamais regressaram...

A 24 de agosto — último dia de permanência no Cabo de São Roque — foi um grumete falar com as muitas índias que se achavam reunidas na praia. Mal saltou do escalor, logo o rodearam e **começaram a apalpar**. Das naus, viram então os da frota de André Gonçalves aproximando-se do grupo uma nativa que brandia grosso pau. E, chegando-se, levantou o tacape e «descarregou tão grande golpe no cristão que o estendeu morto por terra».

Logo as outras mulheres arrastaram o corpo — **pelos pés** — para a

elevação. Acorrendo à praia, assestaram os homens a guarnição no escalor. Das naus foram disparados **quatro tiros de bombardas**... E narra Vespúcio: — «As mulheres despedaçaram o cristão e numa fogueira que haviam feito o assaram à nossa vista, mostrando-nos muitos pedaços de carne, que em seguida comiam. Gesticulando, mostravam-nos os homens que assim tinham matado e comido os outros dois cristãos», os que tinham internado pela terra em busca de informes.

x x x

Esse banquete macabro, a primeira notícia da antropofagia ritual dos **brasis**, seguem-se as que nos transmitiram Hans Staden, Knivet, Gabriel Soares, Thevet, d'Abeville, Nóbrega, Anchieta, Fernão Cardim...

Quando Tomé de Souza chegou a Bahia, os jesuítas que o acompanhavam foram estabelecer-se no Monte Calvário — o Carmo — além dos exíguos limites da primitiva Cidade do Salvador. Certa ocasião, pretendiam acabar com grande festim canibalesco. Reagiram os selvagens de tal forma, que os Missionários tiveram de mudar de pouso.

Foi Mem de Sá — o grande terceiro Governador Geral do Brasil — quem ao definir «a guerra justa» contra o silvícola, proibiu a antropofagia

RENOVE agora
o prazer daquela
viagem de férias

REALIZADA PELA

Vale a pena repetir aquela viagem que o senhor proporcionou à sua família pelos aviões da Nacional. Foi tão proveitosa que seria agradável realiza-la novamente nos primeiros feriados ou num destes próximos fins de semana. Ainda mais quando permanece a facilidade que a Nacional oferece: com uma só passagem o senhor poderá fazer diversas paradas nas pitorescas cidades intermediárias. Aproveite da melhor maneira os seus dias de descanso, programando outra inesquecível viagem de passeio através as linhas da

NACIONAL

TRANSPORTES AÉREOS

RIO: 32-6119 — S. PAULO: 36-3264 — B. HORIZONTE: 2-0818 — SALVADOR: 2384 — E MAIS 120 CIDADES BRASILEIRAS





UMA DAS mais recentes fotos do casal Vivien Leigh-Laurence Olivier. Vivien acaba de perder a criança que esperava. Ela está casada com Olivier há dezesseis anos. Não têm filhos.

POR ESSE MUNDO DE DEUS



O EX-REI Miguel da Rumânia há pouco esteve em Hollywood, pois da em Los Angeles indústria aeronáutica. Teve o ensejo de visitar a Rhonda Fleming, com a qual o vemos.



GEORGIA MOLL, é o nome dessa menina que mata o tempo em uma praia italiana. Ela tomou parte, há pouco, na «Kermesse des Étoiles» realizada em Paris. E vai fazer cinema em breve.



JOHNNY WEISMULLER, que por tantos anos fez no cinema o papel de Tarzan, foi preso há dias, por dirigir seu automóvel em estado de embriaguês. O ator tem atualmente cinquenta e dois, está pesado e totalmente afastado dos estúdios.



GRETA GARBO, em uma recente e raríssima fotografia, em que aparece de frente. A grande artista sueca, hoje com quase sessenta anos, percorre incessantemente a Europa, em um giro contínuo e que parece só terminará com a morte.



ROBERT MITCHUM, sua esposa e a filha do casal seguem no táxi, do aeroporto de Londres para um hotel. O avião que os trouxe de Nova York sofre um pane no motor, mas tudo não passou de um grande susto.



IGOR STRAVINSKY observa, interessado, uma loja típica napolitana. Ele chegou há pouco à Itália, proveniente dos Estados Unidos onde mora, a fim de tomar parte no Festival de Veneza.

SILVANA PAMPANINI se diverte com essa criancinha, numa praia próxima a Cannes. Ela foi uma das grandes atrações do há pouco findo Festival Internacional de Cinema de Berlim.



CAMPINAS

120
VIAGENS
POR DIA
DAS
5,05
ATÉ
23,50 HS.

cada 10 minutos

AGÊNCIAS:

SÃO PAULO

Av. Ipiranga, 895 - Fone 34-1395

R. Senador Queirós, 85 - Fones 34-2379 e 36-6402

Parque D. Pedro II, 1.092 - Fones 32-8733 e 34-5393

CAMPINAS

Pça. Flor. Peixoto, 292 (Lgo. da Est.) - Fone 5848

Rua Dr. Campos Sales, 758 - Fone 3169



VÁ PELO MELHOR!



EXPRESSO
BRASILEIRO

VIAÇÃO LIDA

AZASO - EB-3

SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 15 E 21 DE SETEMBRO DE 1964 (HEMISFÉRIO SUL)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

- ★ **CARNEIRO** (21/9 — 20/10) — Seus negócios correrão favoravelmente, no decorrer da semana e haverá harmonia na vida doméstica. Com a mente bem aguçada, o leitor poderá empreender algo importante. O momento será propício.
- ★ **TOURO** (21/10 — 20/11) — Não espere grandes coisas nos três primeiros dias da semana. O influxo planetário lhe prejudicará a ação. Os dias restantes, porém, serão bem favoráveis e lhe darão margem às realizações programadas.
- ★ **GÊMEOS** (21/11 — 22/12) — O novo período favorecerá as associações de interesse, a organização de firma e a assinatura de contratos. Apenas mudanças serão desaconselhadas, principalmente nos três últimos dias da semana.
- ★ **CÂNCER** (23/12 — 20/1) — Os negócios em andamento poderão ter solução rápida e até mesmo inesperada. As relações do seu astro com Urano, no decorrer da semana, provocarão alguns imprevistos, todos favoráveis, porém, à mente.
- ★ **LEÃO** (21/1 — 20/2) — Estará por cima o seu poder de insinuação e sugestão. Assim, o leitor poderá impor, nas relações, sua vontade e, nos negócios, seu preço. Sustente seu ponto de vista. Ele será respeitado.
- ★ **VIRGEM** (21/2 — 22/3) — O leitor terá na semana entrante as melhores oportunidades para resolver as pendências, os conflitos de interesse em sua vida. Os quatro últimos dias do novo período, serão os melhores.
- ★ **LIBRA** (23/3 — 20/4) — O hábito deforma o corpo, diz o adágio. No seu caso, na semana em pauta, esse princípio se aplica às companhias habituais, amigos, a todos os que lhe constituem a «entourage». Cuidado, muito cuidado com eles.
- ★ **ESCORPIÃO** (21/4 — 20/5) — Haverá perigo de traições de falsidades. Sua vida sentimental ou conjugal estará exposta às más linguas. Faça-se surdo e não reaja, pois o pior poderá acontecer. Os influxos reinantes não são favoráveis aos deslizes.
- ★ **SAGITÁRIO** (21/5 — 23/6) — As viagens, as excursões e as mudanças serão aconselháveis no decorrer da semana. Do que empreender nesse sentido, o leitor obterá os melhores resultados, para a saúde, inclusive.
- ★ **CAPRICÓRNIO** (24/6 — 22/7) — O ambiente astral será favorável às solicitações aos requerimentos e aos pedidos verbais. Faça os seus, preferentemente nos primeiros dias e será atendido.
- ★ **AQUÁRIO** (23/7 — 21/8) — Sonhos proféticos ou promonitórios e acontecimentos inexplicáveis serão registrados durante a semana. Sua intuição será poderosa e, em alguns casos, poderá ser até providencial. Guie-se por ela.
- ★ **PEIXES** (22/8 — 20/9) — O meio ambiente lhe proporcionará uma reação satisfatória ao espírito, levantando-lhe convenientemente e oportunamente as forças morais. Não haverá abatimento possível. Tudo correrá bem.

OS NOMES DA SEMANA

Setembro, 15	—	Flácio	—	Enilda.
" 16	—	Jorge	—	Argina.
" 17	—	Telmo	—	Adalgisa.
" 18	—	Pedro	—	Natércia.
" 19	—	Rui	—	Fédora.
" 20	—	Etelvino	—	Solange.
" 21	—	Argeu	—	Lília.

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Setembro, 15	22° 36' 34"	(Signo da Virgem)
" 16	23° 35' 4"	" " "
" 17	24° 33' 36"	" " "
" 18	25° 32' 10"	" " "
" 19	26° 30' 46"	" " "
" 20	27° 29' 23"	" " "
" 21	28° 28' 02"	" " "

NOTA — As efemérides e as tábuas astrológicas de que nos servimos são preparadas para o hemisfério norte. Nas previsões para o hemisfério sul, temos de invertê-las para que os prognósticos correspondam à realidade, como acontece em relação aos fenômenos cósmicos. Observamos, neste particular, a doutrina e a técnica do Colégio Astrológico de França, único centro, em todo o mundo, de astrologia verdadeiramente RACIONAL E CIENTÍFICA.

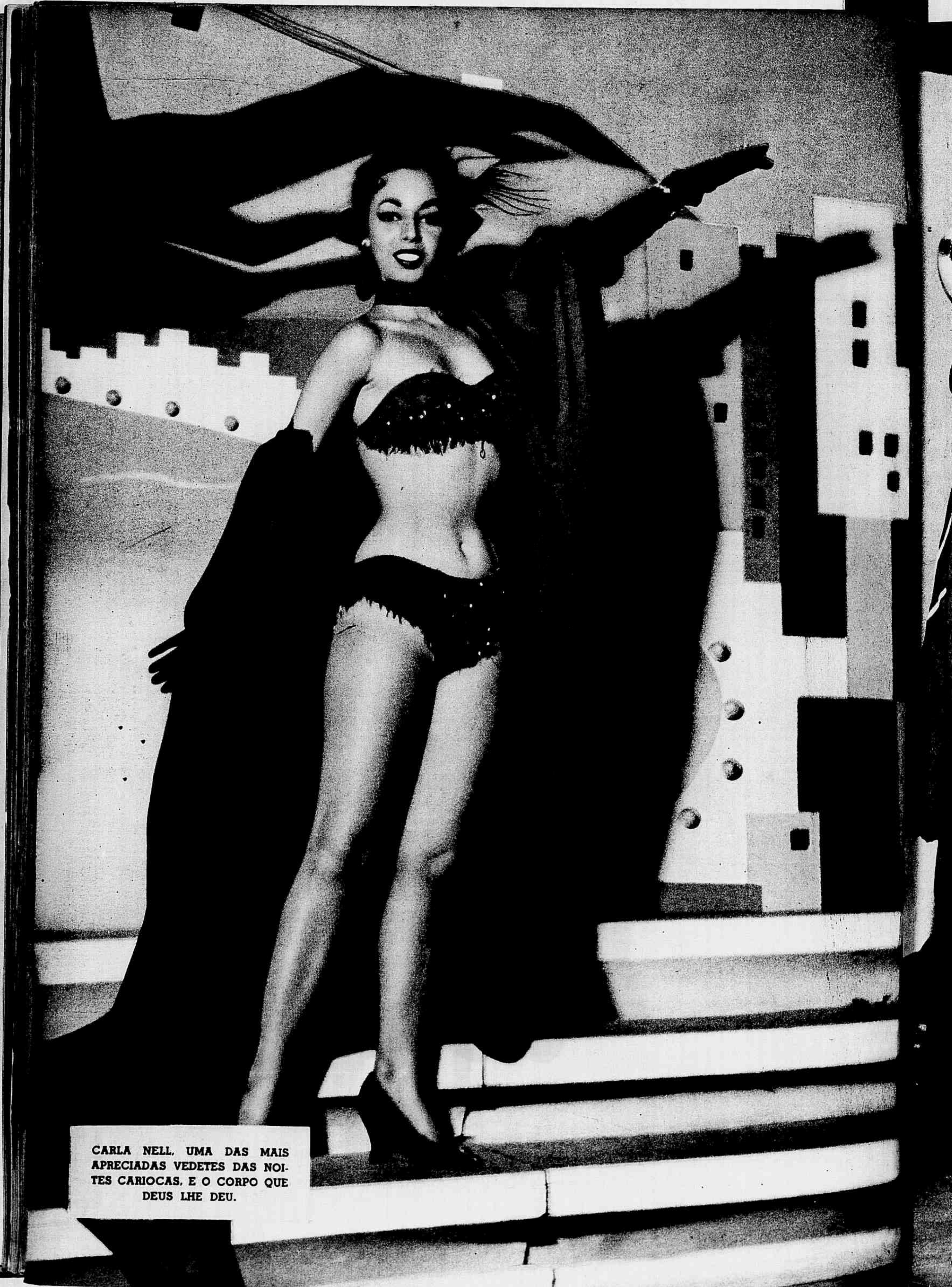
UMA DAS BELAS GARÔTAS
QUE FAZEM O SUCESSO
DE «CHEZ COPACABANA»,
ATUALMENTE DO FOLLIES.



SEM ESSAS PERNAS, A NOITE NÃO CAMINHA

♦ PARA SE fazer um «show» interessante, capaz de atrair as atenções dos frequentadores da Noite — público heterogêneo e cheio de artimanhas, desconcertador e caprichoso como nenhum outro —, é preciso, antes de tudo, que se possa dispor de algumas garôtas como essas que apresentamos em nossas páginas. Sem elas, sem o «sex-appeal» que delas emana, nada feito: o espetáculo esboroa-se, a Noite arrasta-se monotonamente nos teatros e nas «boites», enquanto pesam sobre as

pálpebras do espectador o tédio e o cansaço. Essas quatro meninas pertencem ao elenco de Valter d'Ávila, e exibem-se, tôdas as noites, no Teatrinho Follies, em Copacabana. Dizer qualquer coisa sobre a plástica de que são possuidoras, realçar êsse ou aquele de seus fabulosos atributos físicos, esgotar o estoque de adjetivos, mesmo de superlativos, na vã tentativa de qualificar um par de pernas e sabe-se lá quê mais, é tarefa inglória e totalmente dispensável, desde que o francês Nouveau,



CARLA NELL, UMA DAS MAIS
APRECIADAS VEDETES DAS NOI-
TES CARIOCAS, E O CORPO QUE
DEUS LHE DEU.



A BELEZA MORENA DE ELOINA E
A MELODIA DE «LOS PANCHOS»
CASAM-SE PERFEITAMENTE AO
RITMO DO ESPETÁCULO.

SEM ESSAS PERNEIRAS

SEM ELAS, SEM A PLÁSTICA E O SEU ENCANTO, A NOITE É UM ESPETÁCULO DE MIL OLHOS



que além de francês era poeta — e grande poeta — inventou a fotografia a cores. Deixemos portanto de lado a fragilidade das palavras e mesmo sem citar Boileau — outro francês a aparecer nesse texto que procura valorizar o produto nacional por excelência, a mulher... — passemos a examinar minuciosamente, se possível armados de lupa ou de qualquer instrumento óptico, as quatro fotos aqui estampadas. Cada uma, já o sabia o velho legislador da Poesia galesa, vale bem mil palavras. E com a vantagem de não cansarem a mente e de não fazerem mal aos olhos... — (Ectachromes de ARNALDO VIEIRA).

QUE É UM MORMON?

Por RICHARD EVANS

Membro do Conselho dos Doze na Igreja de Jesus Cristo dos Mormons.

Especial para a REVISTA DA SEMANA — Copyright United Press.

ESTRITAMENTE falando, não há uma religião «mormon», não há uma igreja «mormon». O termo «mormon» não é outra coisa que um apelido dado a um membro da Igreja de Jesus Cristo.

São os «mormons» cristãos?

Não resta a menor dúvida; são unânimes na incondicional aceitação dada a um membro da Igreja de Jesus Cristo.

São os «mormons» protestantes?

Não. Joseph Smith nunca pertenceu a qualquer outra igreja. Nunca arrogou a si o direito de suceder a qualquer outra seita. E nunca se julgou autorizado pela Bíblia. Ele e seus séquito dizem que receberam autoridade por uma concessão direta de Deus.

Quando e como foi fundada a Igreja de Jesus Cristo dos «Mormons»?

Os «mormons» crêem que o Evangelho de Cristo foi proclamado nos céus antes do surgimento do mundo; que foi trasladado para a terra nos tempos primordiais, chegando ao conhecimento de Adão e de outros homens; perdeu-se repetidas vezes, como nos tempos de Noé; e que finalmente, foi restaurado em várias de suas disposições (através de Abraão, Moisés e de outros). Acreditam que a última «restauração» ocorreu no início do século XIX, começando as «disposições sobre a abundância dos tempos» (Efesios 1:10.)

Em 1820, perto de Palmyra, Estado de Nova York, por ocasião de um retiro religioso, Joseph Smith (contando então quinze anos de idade) relatou como (sob a impressão de uma leitura evangélica) havia se retirado para uma alameda próximo à fazenda da sua família a fim de dirigir orações ao Senhor.

O que ele viu e experimentou é narrado num panfleto altamente difundido («A História de Joseph Smith»), que inclui o aparecimento de «dois personagens, cuja resplandescência e glória desafiavam toda capacidade descritiva... Um deles falou-me... e disse, apontando para o outro: Este é o meu Filho muito amado. Ouve-O!» (Ver também S. Mateus 3:17 e 17:5.). As declarações que se seguiram indicavam a necessidade de uma «restauração» do Evangelho de Cristo (fato que alguns dos «reformadores» religiosos logo reconheceram).

Como entidade legal, a «Igreja restaurada» foi organizada em Fayette, no condado de Seneca, Nova York, no dia 6 de abril do ano de 1830. O número de membros aumentou rapidamente, o que determinou uma forte oposição. Os membros primitivos viram-se compelidos a transferir-se para o Ohio, em seguida para o Missouri, estabelecendo-se, finalmente, no Estado de Illinois. Depois que Joseph Smith foi martirizado por um grupo de opositores armados em Carthage, Illinois, em 1844, os «mormons» partiram para o oeste sob a chefia do mais antigo membro do Conselho dos Doze Apóstolos, Brigham Young, e se estabeleceram no vale do Grande Lago Salgado (por volta de 1847), numa região «por todos desprezada».

Cada vez que se transferiam, deixavam atrás de si casas, fazendas e outros haveres, inclusive verdadeiras cidades, como Nauvoo (20.000 habitantes), que construíram nos pantanos do Mississipi, tendo sido, naquela época, a maior cidade de Illinois.

Durante as duas décadas seguintes, cerca de 80.000 «mormons», todos pioneiros, atravessaram mais de mil milhas de planícies, venceram as Montanhas Rochosas, na direção da Grande Bacia. Alguns viajavam em carruagens; outros conduziam seus bens em carros de mão; a maioria enfrentava a jornada a pé — e mais de 6.000 morreram durante o percurso.

De que maneira os «mormons» encaram a figura fascinante de Joseph Smith?

Eles vêem Joseph Smith como aquele que foi encarregado por Deus para efetuar a «restauração» do Evangelho de Cristo e torná-lo susceptível de receber novas «disposições» evangélicas. Vêem-no como um profeta de Deus, no mesmo sentido que vêem os profetas do Antigo e do Novo Testamento (e aceitam os sucessores de Joseph Smith desde Brigham Young até David O. McKay, atual chefe da Igreja).

Joseph Smith nasceu em Sharon, Vermont, no ano de 1805. Seus progenitores foram primitivos colonos na Nova Inglaterra, tendo chegado ao Novo Mundo em 1683. Seus ancestrais chegaram a lutar com as forças coloniais.

Acreditam os «mormons» na Santíssima Trindade?

Sim. Os «mormons» aceitam a divindade como três personalidades distintas: Deus, o Pai; Seu Filho, Jesus Cristo (que se acha unido ao Pai em propósito e em pensamento, mas Dêle separado como categoria física); e o Espírito Santo, um Personagem espiritual (Atos 7:55, etc.).

Neste ponto, os «mormons» levam em conta a linguagem literal das escrituras. Eles crêem num Pai compreensível e amantíssimo que fez Seu filho «à Sua imagem e semelhança» (Gênesis 1:27).

Que pensam os «mormons» a respeito de Jesus Cristo?

Acreditam que Ele é o Filho de Deus, «o único gerado nas entranhas do pai». Crêem na recompensa do Seu sacrifício e na ressurreição completa. Aceitam-No como o salvador e redentor da humanidade. «O mediador entre Deus e os homens» (Timóteo 2:5), e pedem graças ao Pai invocando o Seu nome. Finalmente, acreditam que Ele retornará e reinará sobre a terra (Atos 1:9-11).

Acreditam os «mormons» que Cristo tenha nascido de uma Virgem?

Sim. Aceitam sem restrições a miraculosa concepção de Jesus da Galiléia.

Que acham os «mormons» da Bíblia?

A Bíblia é básica para a crença dos «mormons». A versão do Rei Jaime é oficialmente usada, e crêem que ela representa a palavra «traduzida da maneira tão correta quanto possível» (8º Artigo de Fé).

Que é o Livro dos Mormons?

O Livro dos Mormons não é uma «Bíblia Mormon», como pode parecer. Trata-se de uma das obras complementares que os «mormons» aceitam como escritura.

Os «mormons» não aceitam a crença de que as revelações de Deus ficaram confinadas na Palestina. Não acreditam que o Pai amantíssimo tenha restringido suas comunicações a uma parte da Sua família, a um período histórico ou a uma região da terra. E dizem que «Deus revelou, revela agora, e que ainda revelará muitas e importantes coisas referentes ao Reino do Céu» (9º Artigo de Fé).

O Livro dos Mormons é parte de um registro, ao mesmo tempo, sagrado e profano ou secular, deixado pelos profetas e por alguns ancestrais dos «Índios Americanos». E compreende principalmente os povos do período que vai de 600 anos A. de C. a 421 da era cristã. Esses povos eram de origem asiática — da Casa de Israel — e abandonaram Jerusalém durante o reinado de Zedekia, cruzaram o mar na direção do mundo ocidental, onde construíram grandes cidades e uma adiantada civilização. Mas ultimamente, esses povos se destruíram em guerras uns com os outros. Trouxeram muitos registros documentais do Velho Testamento. Acresce que seus historiadores, estadistas e profetas conservaram os registros dos mais importantes acontecimentos ocorridos no seio de sua própria civilização, alguns dos quais foram gravados em placas de ouro. E foi de tais placas «preservadas pela bondade e poder de Deus» que Joseph Smith traduziu o Livro dos Mormons (a primeira edição é de 1830).

O livro herdou esse título do nome de um homem chamado Mormon, que foi um dos últimos profetas do último milênio, e que não era muito diferente dos profetas do Velho e do Novo Testamento, exceto pelo fato de que viveu no Hemisfério Ocidental entre algumas das «outras ovelhas» do Salvador (S. João 10:16). O Livro dos Mormons afirma que Jesus Cristo visitou os habitantes deste hemisfério já depois de sua Ascensão.

Que pensam os «mormons» da imortalidade do homem?

Energia, matéria e inteligência existem eternamente e são indestrutíveis. O homem existiu em essência e continuará a existir com sua identidade individual para todo o sempre. Em dado momento, porém, após essa transformação chamada morte, o homem ressurgirá como um todo imortal de corpo e espírito, seguindo fielmente as promessas e os desígnios do Salvador.

Quem será salvo?

Os «mormons» acreditam na salvação universal. Pois, «todos morreram com o pecado de Adão, mas Cristo a todos revivesceu. Mas cada um de acordo com os seus méritos...» (Coríntios 15:22-23).

O salvador referiu-se a muitas mansões (S. João 14:2). Paulo fala do homem «elevado ao terceiro céu» (II Coríntios 12:2) e além disso observou (Coríntios 15:40, 41, 42), que existem diferentes graus de glória. Mas enquanto a «salvação» é universal, a «exaltação» deve ser ganha pela obediência às leis do Todo Poderoso.

Crêem os «mormons» no céu e no inferno?

Para os «mormons» o paraíso é um lugar de eterna ventura, onde todos vivem ligados por um amor imaculado. Para aqueles que são voluntariamente indiferentes às suas oportunidades na terra, o conhecimento ou a consciência de que não atingiram a felicidade possível será parte da punição. O inferno está na terra.

Porque motivo os «mormons» dão tanta importância à educação?

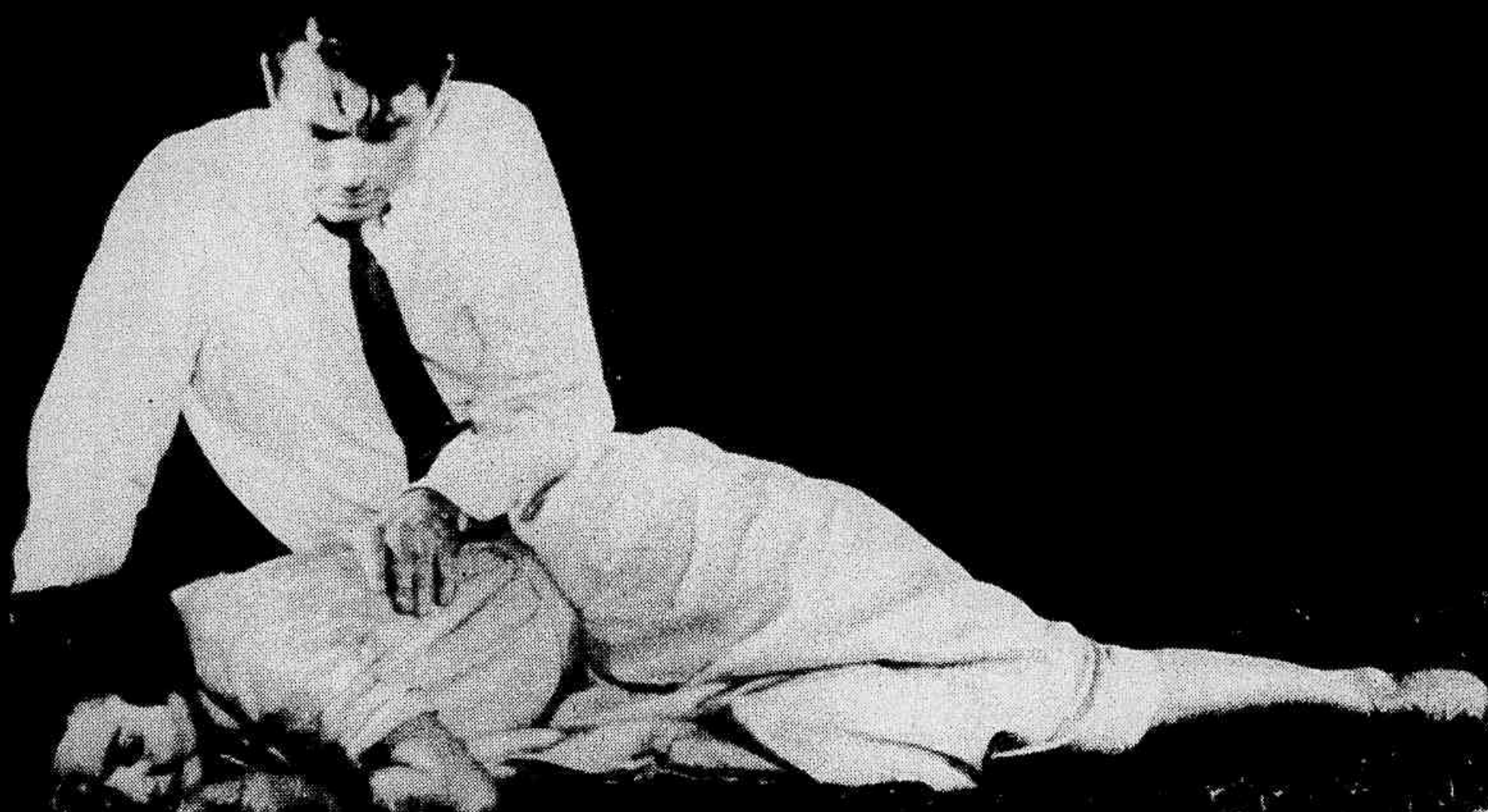
Esta pergunta pode ser respondida mediante a citação de três significativas sentenças:

«A glória de Deus é a inteligência, ou... a luz a verdade (Doutrina 93:36).

«É impossível que um homem seja salvo em estado de ignorância (Ibid. 131:6).

«As grandezas da inteligência são conseguidas em vida, e ressurgirá conosco na ressurreição (Ibid. 130:18). (Continua no próximo número)

O HOMEM DO TERNO CINZENTO



Tom Rath estava confuso. Não sabia se devia contar a Betsy o romance que tivera com Maria, na Itália, durante a guerra. Tinha medo que tal revelação destruísse a sua felicidade conjugal.

TOM RATH escreveu e reescreveu o discurso para Ralph Hopkins. Todas as vezes que Bill Ogden lia, achava-o horrível e pedia a Tom que o fizesse novamente. Mas quando era Hopkins que lia, considerava-o maravilhoso, o que, no entanto, não o impedia de fazer algumas sugestões.

Certa noite, quando Tom parecia não estar mais apreensivo acerca do encontro com Cesar Gardella, este aconteceu. Gardella desceu com ele no elevador, e perguntou se poderiam almoçar juntos um dia. Manifestou o desejo de conversar com ele. Tom voltou para casa profundamente preocupado.

Então Betsy vendeu a casa de Westport por 16.000 dólares, e mudou-se antes do fim da semana. E quando chegaram à mansão em South Bay, o velho Edward chamou Tom particularmente e perguntou friamente o que a sra. Rath havia deixado para ele em seu testamento. Tom respondeu-lhe gentilmente que seu nome não fôra mencionado no testamento, e recomendou que ele tivesse cuidado. Edward ficou horrorizado. Por que Tom pensava que ele havia morado ali ano após ano, só por causa do amor

CAPÍTULO III

(THE MAN IN THE GRAY FLANNEL SUIT)

E L E N C O :

Tom Rath	GREGORY PECK
Betsy	JENNIFER JONES
Hopkins	FREDRIC MARCH
Maria	MARISA PAVAN
Juiz Bernstein	LEE J. COBB
Mrs. Hopkins	ANN HARDING
Cesar Gardella	KEENAN WYNN
Hawthorne	GENE LOCKHART
Susan Hopkins	GIGI PERREAU
Ian	PORTLAND MASON
Walker	ARTHUR O'CONNELL
Mrs. Manter	CONNIE GILCHRIST

Produtor	DARRYL F. ZANUCK
Diretor	NUNNALLY JOHNSON
Roteiro	NUNNALLY JOHNSON
Novela Original	SLOAN WILSON
Música	BERNARD HERRMANN
Fotografia	CHARLES G. CLARKE
Trajes	CHARLES LE MAIRE
Consultor de Côres	LEONARD DOSS
Produção e distribuição	20TH CENTURY-FOX

que alimentava pela velha mulher? Tom procurou acalmá-lo. Se Edward controlasse a sua língua, poderia continuar na casa até que a partilha fôsse feita. E não deveria tomar qualquer iniciativa. Edward riu imperceptivelmente. Claro que ele havia salvaguardado o seu dinheiro, e provavelmente tinha mais do que Tom. Além do mais, ia constituir um advogado para ver quem iria ficar mesmo com esta casa. Tom disse-lhe que ele podia partir tão logo estivesse pronto. E realmente, Edward partiu naquela mesma noite.

Na manhã seguinte, Tom consultou ao advogado Sims a respeito de Edward. Sims disse-lhe que não se preocupasse. Pois a sra. Rath manifestara várias vezes ao advogado a intenção de deixar toda a sua fortuna para Tom.

— No momento — disse Sims — não quero intervir diretamente no caso. A única coisa que resta fazer é dirigirmo-nos ao juiz Saul Bernstein. Aliás, já enviei para ele uma cópia do testamento.

Na terça-feira pela manhã, o juiz Saul Bernstein sentou-se em seu gabinete de estudos em South Bay. Havia recebido uma carta de Tom Rath e um telefonema de um cavalheiro chamado Edward Schultz, ambos falando do testamento de Florence Rath.

Bernstein era um homem bondoso. Tinha vivido a maior parte da sua vida numa pequena comunidade; possuía uma fortuna razoável, era respeitado por todos, e poderia ter sido feliz se não fôsse uma particularidade do seu modo de ser: ele detestava a justiça tanto quanto odiava a violência e a crueldade. Muitas e muitas vezes o seu desejo era dar a absolvição, mas o sentido de justiça sempre o amarrava. Esta era a causa de suas dores de estômago. Estava começando a se sentir mal quando releu a carta de Tom e pensou na conversa que tivera com Edward pelo telefone. Cabi-lhe arbitrar a contenda. Se Tom ficasse com a terra, certamente iria subdividi-la em lotes de um acre. Mas acontece que a propriedade da sra. Rath ficava situada numa zona em que nenhuma faixa de terra podia ter menos de dez acres. Isto significava que se Tom ficasse com a terra, a referida zona tornar-se-ia litigiosa.

De manhã, Tom deu os retoques no último rascunho do discurso que estava redigindo para Hopkins e o mostrou a Ogden. O texto inteiro, que chegava agora a 30 páginas, era uma espécie de penitência da qual ele não podia escapar. Mas, de repente, Ogden disse:

— Muito bem, Tom, agora nós vamos resolver isto e dar uma bela rasteira em Gordon Walker.

Tudo muito bem. Nada ficou estabelecido. Nenhum acordo. Tom sentou-se em seu gabinete e não fez absolutamente nada até chegar a hora do almoço. Dentro de pouco Cesar Gardella telefonou, e os dois foram para o almoço marcado.

Gardella dominou a palestra. Contou que depois da guerra havia desposado Gina e que agora já tinham três filhos. Disse que Gina também trabalhava num elevador, e que ele e ela se alternavam no serviço noturno de modo que um dos dois sempre ficava em casa com as crianças. Não tinham muito dinheiro, e a pequena economia que faziam remetiam para a família de Gina em Roma. Era a respeito disto que Gardella queria conversar com Tom.

Maria se havia casado poucos meses depois de sua ruptura com Tom, e o garoto havia nascido logo em seguida ao casamento. O marido estava doente. Estava prestes a morrer ou talvez, naquele momento, já tivesse morrido. Gardella queria saber se Maria precisasse de dinheiro, Tom estaria pronto para auxiliá-la. Isto era justo uma vez que Tom agora era assistente de Mr. Hopkins e devia estar bem de vida.

— Mas a verdade é que eu também tenho esposa — disse Tom. — Uma esposa e três filhos! Ademais, nunca pude fazer nada por Maria sem que a minha esposa, mais cedo ou mais tarde, descobrisse.

— Não estou procurando arranjar dificuldades para você — disse Gardella. — Trata-se de uma simples sondagem. E acredito que você sabe até que ponto deve ir.

Ficou estabelecido que Gardella escreveria e descobriria o que estava ocorrendo com Maria e com o filho.

Tom foi para casa naquela noite com mais esta preocupação. Antônio Bugala, o contratador, estava à sua espera. Tinha uma proposta a fazer a Tom; então passou a expor suas idéias para a construção de casas, o que ia além do que Betsy desejava. Mas tratava-se de uma sociedade, para a qual era necessário que ele concorresse com uma boa soma. E acrescentou que não seria difícil encontrar um terceiro sócio, desde que o objeto da firma era uma terra tão valiosa.

Tom gostou da idéia, mas pediu que o outro o deixasse sozinho. A propriedade ainda não estava demarcada e o testamento podia ser contestado. Além disso, ainda necessitavam de uma permissão do Departamento de Demarcação. Mas tinha sempre em mente que se eles dividissem a propriedade em lotes de um acre, construísem casas e as vendessem a 25.000 dólares cada, todas as suas preocupações teriam um fim.

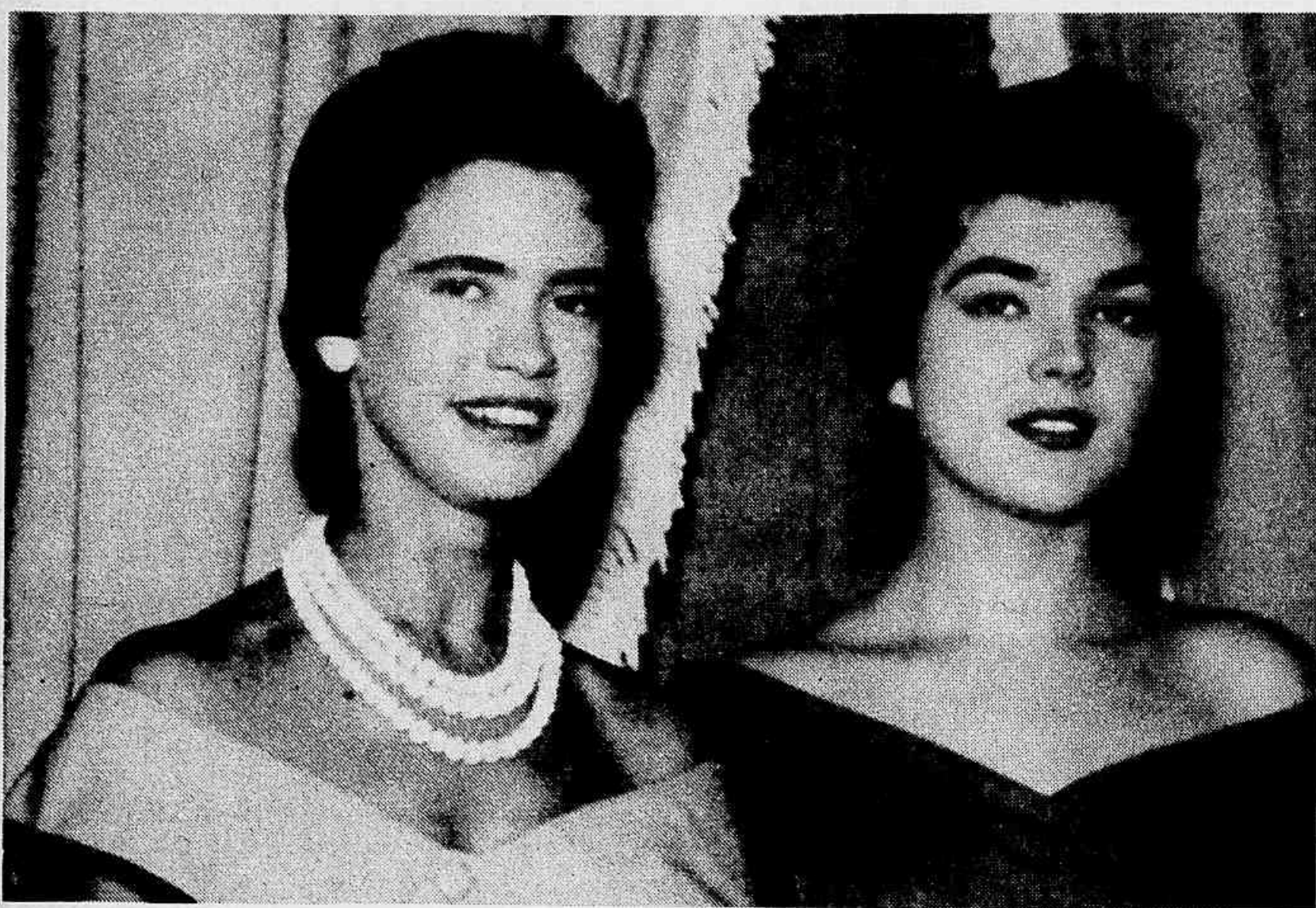
Na manhã seguinte, Ralph Hopkins despertou em seu apartamento da Park Avenue, precisamente às sete horas. Estiveram trabalhando em seu discurso acerca de saúde mental até meia-noite. O último esboço escrito por Ogden não parecia bom, e Hopkins já começava a se preocupar.

(Continua na página 58)



Betsy disse que o discurso de Hopkins era fraco e inexpressivo e que não devia ser pronunciado. Tom ficou indignado com o parecer emitido pela esposa e disse que não transmitiria essa crítica a Mr. Hopkins. Não conseguia ser absolutamente honesto. Betsy bem que poderia ter casado melhor, pois muitos eram os rapazes ricos que pretenderam desposá-la. Mas ela só amava a Tom. Agora, porém, andava as voltas com os problemas domésticos, o que não se coaduna com o espírito aventureiro de Tom.





Flagrante tirado nos estúdios da TV-Tupi, por ocasião das provas finais de um concurso para a escolha de uma garôta-propaganda. A vencedora foi Marlene Campos Silva, que se vê a esquerda

GARÔTA PROPAGANDA

SPECTATOR

★ Cresce cada vez mais o número de elementos do sexo feminino utilizados para propaganda, não só no rádio, mas principalmente na TV. As encarregadas do desempenho de tal tarefa têm grande responsabilidades, uma vez que está em suas mãos boa parte do sucesso que irá alcançar o produto que anunciam no momento. Mais do que beleza, é necessário que a garôta propaganda tenha muita personalidade; que realmente atraia a atenção para o que diz ou para a demonstração que realiza, por intermédio de gestos sóbrios e da sua voz natural e segura, aconselhando, sem no entanto considerar-se a única conhecedora das qualidades do produto que apregoa, pois tal atitude tornaria as suas atuações bastante antipáticas.

Presença de espírito e vocabulário variado também são requisitos necessários a fim de que possam ser suprimidas falhas de memória momentâneas, quando por qualquer motivo um trecho do texto decorado é esquecido, sem que seja necessário lançar mão dos já conhecidíssimos "maravilhoso" e "notável", adjetivos sempre utilizados para a propaganda. Está comprovada a eficiência feminina na propaganda e, deve-se ressaltar que as próprias mulheres gostam de ouvir ou ver anúncios apregoados por representantes do seu sexo. Anne Howard, diretora de propaganda de uma grande empresa norte-americana teve as seguintes palavras quando interrogada a respeito da atuação da mulher nos anúncios comerciais da TV:

"Não importava muito quem falava, quando a mensagem não era mais que uma voz, como acontecia no rádio. Mas chegou a TV, e descobrimos que o elemento credulidade era tremendamente importante. Os homens não são convincentes vendendo certos produtos. A credulidade exige que seja uma mulher que fale de produtos domésticos e de outras mercadorias usadas principalmente pelas mulheres". Como se vê, é de grande futuro a atuação da mulher na TV, não só como atriz, mas principalmente no terreno da propaganda. Entre nós já encontramos elementos que se têm destacado nessas atividades, e, incentivando o aparecimento de novos valores, algumas firmas comerciais patrocinam programas destinados justamente à escolha de moças que obtêm, quando classificadas e depois de passarem por diversas provas, contratos bastante vantajosos.

TV NOS ESTADOS

Em S. Paulo a TV Record tem alcançado grande sucesso com a apresentação de aventuras em episódios, destinados não só às crianças como também aos grandes, exibindo movimentadas histórias de «cow-boy».

A originalidade dessas apresentações está no fato de que as seqüências internas são feitas dentro dos estúdios, enquanto que os aspectos externos, principalmente cenas de perseguições e movimentados tiroteios são conseguidos através do encaixe de filmagens.

O processo é utilizado de maneira bastante

aperfeiçoada e as cenas reais e filmagens são intercaladas sem que os espectadores percebam o que se passa, acompanhando as aventuras com grande entusiasmo.

Esse é mais um dos recursos de que pode lançar mão a TV e que, quando bem aproveitado, alcança grande sucesso, evitando a composição de cenários que sempre tornam os programas muito mais dispendiosos.

x x x

Em agosto, a TV-Itacolomi de Belo Horizonte transmitiu diretamente de Sabará um importan-

te jogo de futebol, utilizando o processo de «espelho», pela primeira vez empregado na América do Sul.

Os dirigentes da TV-Itacolomi tinham o máximo interesse em levar aos seus espectadores a transmissão da importante peleja entre os clubes de Belo Horizonte e Sabará. Havia, no entanto, um impasse derivado do fato de que Sabará localizada muito abaixo da capital mineira, além de existir entre uma cidade e outras algumas montanhas que impediriam a propagação da imagem.

O problema, no entanto, foi contornado, não sem alguma dificuldade, com a instalação de um «espelho», de quatro metros quadrados, isto é, de uma tela de arame que foi colocada a alguma distância de Sabará, a 400 m de altura e que recebia a imagem televisionada naquela cidade, transmitindo-a diretamente para Belo Horizonte, passando portanto acima dos obstáculos localizados entre as duas cidades.

A transmissão foi feita com perfeição técnica de 80% e grande sucesso, sendo o processo empregado pela primeira vez na América do Sul. A vitória conseguida nessa primeira tentativa tornará possível novas transmissões entre as diversas cidades do interior e a capital do Estado, ampliando-se portanto o campo de atividade da TV-Itacolomi.

x x x

Os diretores das emissoras de TV Associadas do Rio, S. Paulo e Belo Horizonte têm mantido constante contato para a discussão da possibilidade da realização de transmissões feitas em ligação com os três Estados.

As dificuldades que possam apresentar essas realizações estão sendo resolvidas a pouco a pouco e, em breve cariocas, paulistas e mineiros poderão acompanhar pela TV os principais acontecimentos ou os grandiosos «shows» que se realizarem nas três capitais.

PRODUZINDO PARA A TV

Jerry Greene, diretor do programa «Hoje», apresentado na TV da NBC, oferece algumas sugestões para aqueles que se dedicam à produção de programas para a TV:

1 — Não superestime o que anuncia, isto é, não prometa a lua aos telespectadores e depois apresente apenas um pedaço de meteoro. Um caso típico é o do redator político que promete entrevistar uma personalidade da categoria de um vice-presidente da República e na hora aparece com o modesto assistente de um chefe de gabinete. Da mesma forma, não valorize demais os detalhes, para dar ênfase a fatos sem importância, nem tampouco informe com malícia fatos que possam ter essência maliciosa.

2 — Apresente o que tem valor como notícia, qualquer fato de conteúdo jornalístico de interesse pode ser apresentado na televisão. Isso se refere principalmente a nomes ou pessoas em evidência, seja nos esportes, nas diversões, na política, nos negócios ou em outro qualquer campo. Fatos ilustrados relativos ao esporte têm conquistado grandes freqüências no programa «Hoje», produzindo atletas de nomes de expressão que de outra maneira não teriam interesse para o programa.

3 — Não se envolva em controvérsias. Muitos elementos de relações públicas, especialmente nos negócios, evitam tecer comentários sobre assuntos controvertidos. É bom ter presente que os líderes sindicais estão sempre prontos a comentar qualquer questão; os líderes comerciais e industriais deveriam agir da mesma forma. Por isto, o programa «Hoje» muitas vezes discute assuntos com um elemento integrante de um grupo comercial da localidade quando poderia contar com a participação de um presidente de empresa.

Os programas de TV, visam essencialmente a informar e o entretenimento do telespectador e, esses objetivos devem ser alcançados a todo o custo, em qualquer apresentação.

Estrada de Ferro Central do Brasil

VIAJE COM CONFORTO E SEGURANÇA — Estão circulando entre Rio-São Paulo e Rio-Belo Horizonte os trens de luxo, dotados de todas as condições de conforto moderno. As composições são de primeira classe, com amortecedores hidráulicos, dispoem de carros-restaurantes, dormitórios, etc., providos de ar condicionado. O preço do leito para os superiores é de Cr\$ 100,00 para os superiores — as cabines de dois leitos. Para os inferiores o preço é de Cr\$ 150,00. Nos trens «Noturnos» o preço do leito é de Cr\$ 90,00 para os superiores e Cr\$ 70,00 para os inferiores. O percurso reduzido de uma hora e vinte minutos. Os horários e preços das passagens obedecerá ao horário abaixo:

HORÁRIOS (Com as últimas alterações)
1) — Ramal de São Paulo
TREM DE LUXO «SANTA CRUZ» (DP-3)
— I D A —

ESTAÇÕES	CHEGA	PARTE
D. Pedro II	—	22.40
Barra do Piraí	22.45	22.48
Cach. Paulista	22.50	22.52
Roosevelt	22.55	—

TREM DE LUXO «SANTA CRUZ» (DP-3)
— V O L T A —

ESTAÇÕES	CHEGA	PARTE
Roosevelt	—	22.50
Cach. Paulista	22.55	3.12
Barra do Piraí	23.00	6.15
D. Pedro II	23.05	—

2) — Linha do Centro
TREM DE LUXO «SANTA CRUZ» (D-3)
— I D A —

ESTAÇÕES	CHEGA	PARTE
D. Pedro II	—	22.10
Barra do Piraí	22.21	22.34
Três Rios	0.24	0.29
Juiz de Fora	2.17	2.27
Santos Dumont	3.28	3.35
Barbacena	4.54	4.57
Cons. Lafaiete	6.51	6.58
Belo Horizonte	11.00	—

TREM DE LUXO «VERA CRUZ» (D-4)
— V O L T A —

ESTAÇÕES	CHEGA	PARTE
Belo Horizonte	—	19.50
Cons. Lafaiete	23.53	00.01
Barbacena	1.59	2.01
Santos Dumont	3.05	3.10
Juiz de Fora	4.15	4.22
Três Rios	6.07	6.13
Barra do Piraí	8.03	8.12
D. Pedro II	10.15	—

PREÇOS DAS PASSAGENS

1) — Ramal de São Paulo
TREM DE LUXO «SANTA CRUZ» (DP-3)
De D. Pedro II para as Estações abaixo:

ESTAÇÕES	PASSAGENS	
	Simplex	Ida e Volta
Barra do Piraí	Cr\$ 142.00	Cr\$ 255.00
Cach. Paulista	Cr\$ 224.00	Cr\$ 403.00
Roosevelt	Cr\$ 299.00	Cr\$ 539.00

TREM DE LUXO «SANTA CRUZ» (DP-4)
De Roosevelt para as Estações abaixo:

ESTAÇÕES	PASSAGENS	
	Simplex	Ida e Volta
Cach. Paulista	Cr\$ 270.00	Cr\$ 377.00
Barra do Piraí	Cr\$ 266.00	Cr\$ 479.00
D. Pedro II	Cr\$ 299.00	Cr\$ 539.00

2) — Linha do Centro
TREM DE LUXO «VERA CRUZ» (D-3)
De D. Pedro II para as Estações abaixo:

ESTAÇÕES	PASSAGENS	
	Simplex	Ida e Volta
Barra do Piraí	Cr\$ 142.00	Cr\$ 255.00
Três Rios	Cr\$ 201.00	Cr\$ 361.00
Juiz de Fora	Cr\$ 228.00	Cr\$ 410.00
Santos Dumont	Cr\$ 245.00	Cr\$ 441.00
Barbacena	Cr\$ 263.00	Cr\$ 473.00
Cons. Lafaiete	Cr\$ 289.00	Cr\$ 520.00
Belo Horizonte	Cr\$ 341.00	Cr\$ 614.00

De Belo Horizonte para as Estações abaixo:

ESTAÇÕES	PASSAGENS	
	Simplex	Ida e Volta
Cons. Lafaiete	Cr\$ 188.00	Cr\$ 327.00
Barbacena	Cr\$ 223.00	Cr\$ 400.00
Santos Dumont	Cr\$ 244.00	Cr\$ 441.00
Juiz de Fora	Cr\$ 258.00	Cr\$ 473.00
Três Rios	Cr\$ 283.00	Cr\$ 520.00
Barra do Piraí	Cr\$ 308.00	Cr\$ 577.00
D. Pedro II	Cr\$ 341.00	Cr\$ 614.00

Para outras informações, os interessados poderão dirigir-se à Agência D. Pedro II, diretamente ou pelos telefones: 43-2000 e 43-3360. Nas seguintes Agências: Roosevelt telefone 9-2939 e Belo Horizonte telefone 2-7950 e 2-7267.

A Administração da Central do Brasil, empenhada no aperfeiçoamento dos serviços, comunica ao público em geral, especialmente ao Comércio e Indústria e Lavagem que acaba de criar trens rápidos diretos, especiais, de carga entre Rio-São Paulo, Rio-Juiz de Fora, Belo Horizonte e vice-versa, a fim de atender melhor seus interessados, que a têm distinguido com a sua honrada preferência.

ESTUDANTES DO RIO

DE CAMELO E ALBORNOZ

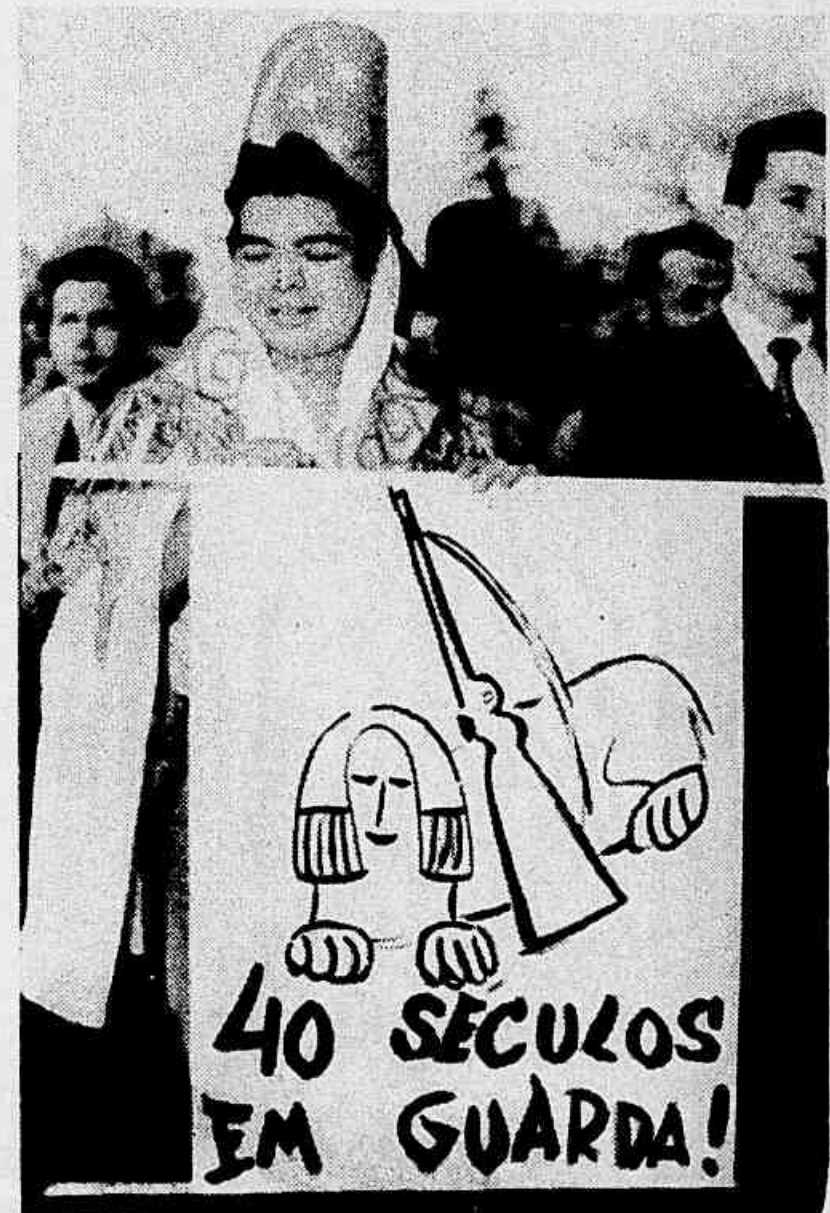


ME
PRESIDENTE
WASSER
Sobre
BIRIA
BANO
NE

Oitavo
Praça
do Egito



RAPAZES e moças da Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil realizaram, na semana passada, uma original e chistosa passeata a respeito do chamado caso do Canal de Suez. Munidos de cartazes alusivos, escritos em árabe e em português, trajados como legítimos beduínos, com brancos albornozes que, no mais das vezes, não passavam de lençóis subtraídos às guarnições caseiras, e, o que ainda é melhor, conduzindo um camelo e um dromedário de verdade, alugados por doze mil cruzeiros (para ver como andam super-valorizados esses bichinhos...) ao Circo Continental, os futuros advogados atravessaram o Campo de Santana e a rua Senhor dos Passos, para chegar à Avenida Rio Branco e por ela seguir até ao Municipal e às escadarias da Câmara dos Vereadores — término habitual de todas as passeatas e manifestações universitárias eleituadas entre nós. E' inútil acrescentar que, ao cruzarem, em caravana, a zona árabe da ci-





te e quatro, no anfiteatro da Faculdade, e que contou com a presença do Embaixador do Egito, senhor Sami Sikaika — o qual havia contribuído com uma bandeira de seu país para o maior brilhantismo do desfile da tarde —, do Reitor Pedro Calmon, do catedrático de Direito Internacional Público Lineu de Albuquerque Melo, do professor Guerreiro Ramos, do ministro Hélio Cabral e do vice-presidente da Câmara dos Deputados, senhor Adib Furzuli, que discursou em árabe, tendo sido a sua oração vertida para o português por um intérprete. São do desfile as fotos que estampamos nestas páginas, e que dispensam legendas, como se pode facilmente averiguar.



dade, que fica localizada exatamente nas imediações de Senhor dos Passos, em hora de grande movimento comercial, os estudantes praticamente paralisaram o comércio local. Não houve dono de armazém que não parasse por momentos seu negócio, atraídos pela iniciativa dos jovens manifestantes. Discursos chegaram a ser feitos em árabe, e as contribuições em dinheiro — justamente para pagar o preço do aluguel dos camelos — choveram. Tudo porém transcorreu dentro da mais perfeita ordem, tendo sido observado rigorosamente o trajeto que, dias antes, membros da Comissão Organizadora da passeata haviam apresentado, em ofício do Centro Acadêmico, ao chefe de Polícia. Por falar em polícia, convém acrescentar que aproxi-

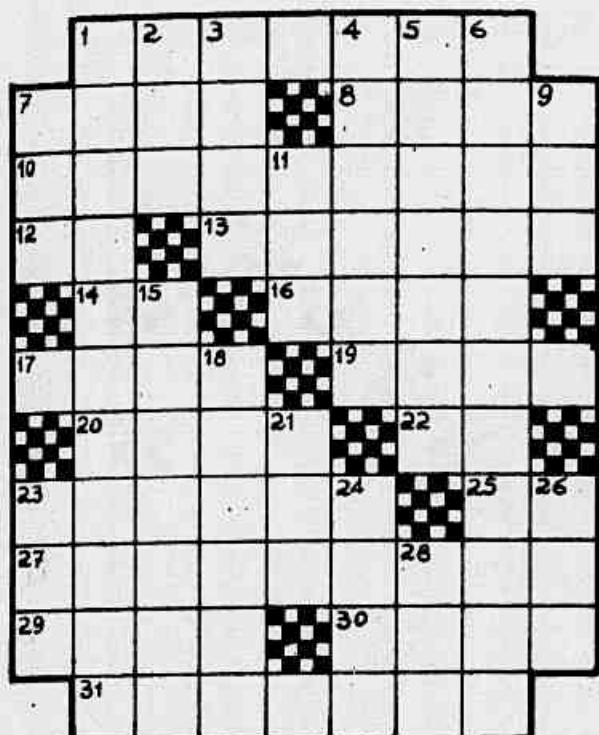
madamente para cada beduíno ou odalisca que tomava parte no desfile, um policial à paisana, da Ordem Política e Social, foi designado — o que, felizmente, não ocasionou nenhum incidente, tão ordeira foi a brincadeira dos estudantes, e tão cheia de espírito sua iniciativa. Fotografos e cinegrafistas de várias agências, e companhias estrangeiras, fixaram em filmes as várias seqüências da passeata dos universitários cariocas que, destarte, atravessará os limites de um movimento local, para alcançar o noticiário internacional. A noite, já de volta à rua Moncorvo Filho, beduínos e odaliscas, após despacharem em caminhão especial os animais, ainda tiveram fôlego para assistir a um debate que se estendeu por longas horas, das vinte às vin-



PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMAS Nº 136

PARA VETERANOS



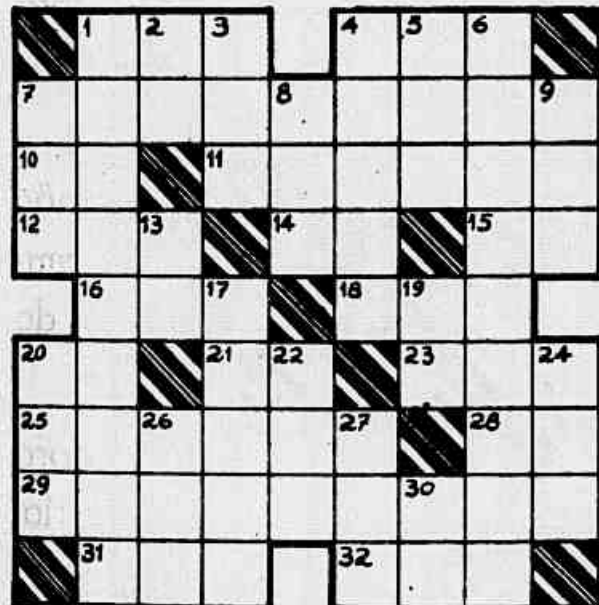
Oliver - Rio

HORIZONTAIS: — 1. Retalhar — 7. Significação emblemática da força — 8. Sífilis (pl.) — 10. Jornalista — 12. Cidade moabita consumida pelo fogo numa só noite — 13. (Edmundo), arqueólogo francês (1828-1911) — 14. Símbolo do metal de peso atômico 225,97 — 16. Purgatório dos maometanos — 17. Rio da Alemanha — 19. Admitir — 20. Diário — 22. Língua falada ao sul do Loire (França), na Idade Média — 23. Rumores confusos — 25. Rio da Inglaterra — 27. Muito gentil — 29. Quinto filho de Sem — 30. Jarro (planta) — 31. Rio da Venezuela.

VERTICAIS: — 1. Lugar onde o gado passa as horas de calor — 2. Barrete mourisco — 3. Aparência — 4. Entra em país estranho para nele viver — 5. Ilhaddô — 6. Aprovação — 7. Pimenta

da Índia e da Caiena — 9. Gênero de trilobitas da família dos Clenóides — 11. Cabilda de mouros, composta de aduarenses — 15. Porção de lezíria circundada de água — 18. Espécie de formão — 21. O seio da família — 23. Tribo árabe que invadiu o norte da África no sec. XI — 24. Palavra do antigo hebraico e que significava «montanha» — 26. O nascer do Sol — 28. Cidade da França, no depart. de Haute-Saône.

PARA NOVATOS



Oliver - Rio

HORIZONTAIS: — 1. Nome de homem — 4. Oceano — 7. Causar amargura — 10. Pedra de moinho — 11. Andaime baixo que se poussa no chão — 12. Folha de palma — 14. Forma apocópica de «uma» — 15. Nota musical — 16. Época — 18. Transpiro — 20. Antes de Cristo — 21. Batráquio — 23. Jornada, partida — 25. Move os pedais — 28. Encanto pessoal — 29. Que tem aroma — 31. Unidade das medidas agrárias — 32. Argola.

VERTICAIS: — 1. Tornara mole — 2. Símbolo químico do rádio — 3. Raiva — 4. Mulher sem fala

(pl.) — 5. Lavra — 6. Relativo a rapsódia — 7. Senhor — 8. Antílope africano — 9. Monarca — 13. Brisa — 17. Fio metálico flexível — 19. Interjeição de espanto — 20. Rio que separa o Brasil do Paraguai — 22. Fileira — 24. Divisão de peça teatral — 26. Sofrimento — 27. Liga — 30. Seguir.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 135

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: vez — ort — in — caa — eo — ar — Otr — lê — espiara — Ger — cem — gelo — ambó — Lif — nio — amargar — id — Goa — ia — Ro — Ols — oi — asa — Oss.

VERTICAIS: via — enregelados — bati — relambórios — toé — coprólogo — aracangas — selim — remia — rôlo — ira — ais.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: romeiro — semente — AM — uta — an — lis — elite — irar — orar — valer — aca — ar — mas — ad — rateiro — casaria.

VERTICAIS: remirar — Om — meu — ente — ítalo — ré — salivar — onerado — atacara — sal — ira — remas — rata — ser — rã — II.

"GUIA DA MEDICINA HOMEOPÁTICA"

PELO DR. NILO CAIRO

Agora novo e desenvolvido, completamente em dia com a evolução da Medicina Homeopática de nossos dias. Acaba de aparecer a 16ª edição deste utilíssimo livro, revista e aumentada com mais de 300 medicamentos novos, pelo dr. A. Brickmann. É o verdadeiro Médico da Família, sendo incalculável o número de curas maravilhosas que tem realizado. Todas as famílias o devem adquirir e guardar como objeto precioso. Onde não houver médico, ele o substituirá. Quem possuir um exemplar deste livro tem sempre ao seu dispor médico e farmácia.

Um grosso volume com mais de mil páginas, impresso em ótimo papel e solidamente encadernado Cr\$ 160,00

PEDIDOS A
LIVRARIA TEIXEIRA
Rua Marconi, 40 — Caixa Postal 258
SAO PAULO

Remetemos para todo o Brasil pelo reembolso postal, contra cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado.

EM QUALQUER PONTO DO
BRASIL QUE V. S. RESIDA

O MUNDO

UM JORNAL PARA O BRASIL E PORTUGAL

Estará Todas as Semanas ao Seu Alcance. Seja Assinante Deste Moderno Semanário e Esteja em Dia Com os Acontecimentos da Pátria de Camões!

Assinaturas:

AV. RIO BRANCO, 277 - 12.º - GRUPO 1.203 FONE 32-0499
RIO DE JANEIRO

EM S. PAULO HOSPEDE-SE

NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

SAO PAULO — End. Electr. «PRINCIPEHOTEL»



'Mil' lhe oferece:



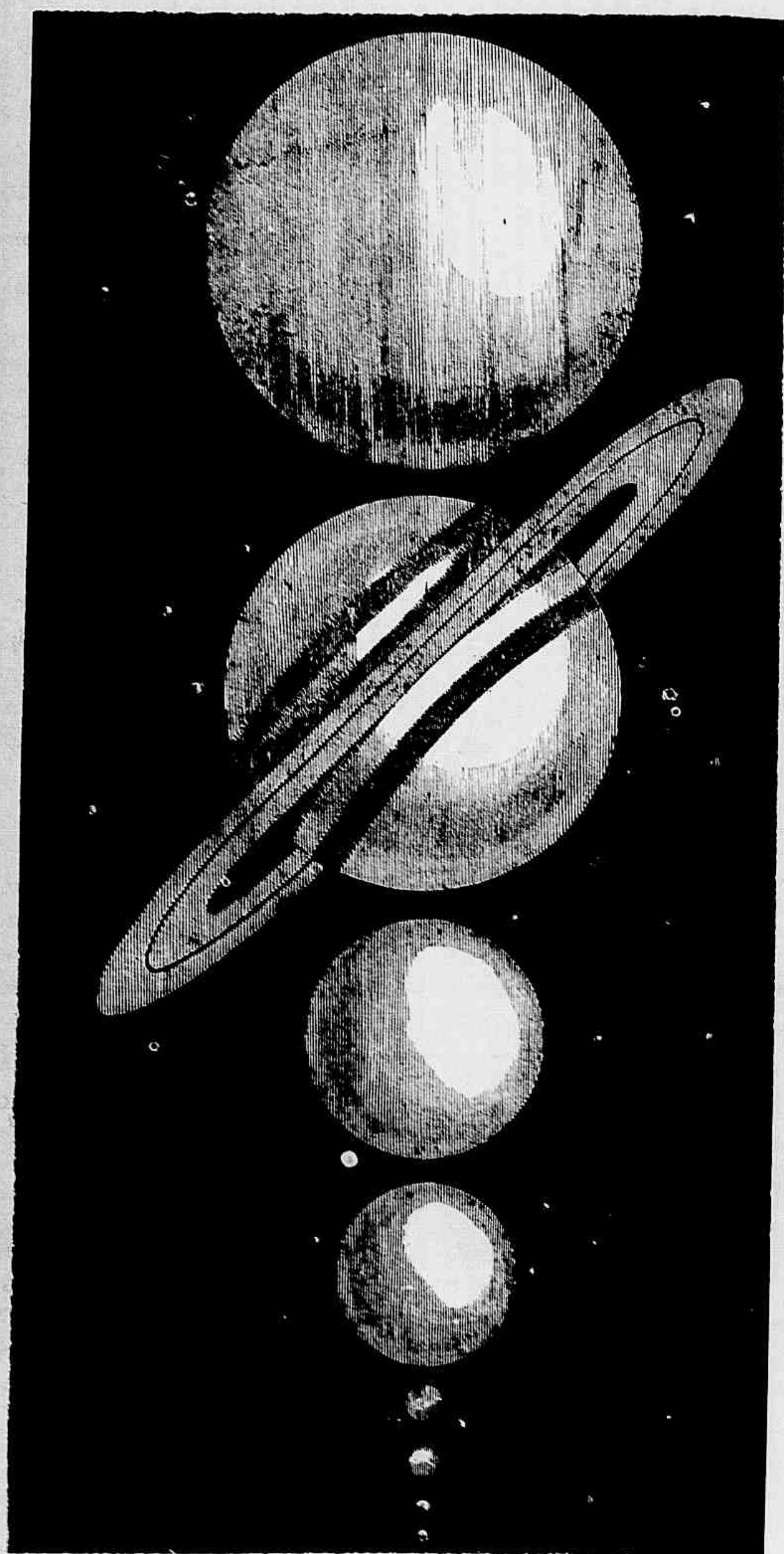
Ferramentas
OFICINAS
AMADORES
ESTOJOS SOCKETES
CATRACAS ESTRIAS

Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE
R. MEXICO - 98A
52-1066 - 22-6144 RIO DE JANEIRO

Só na
Mil

VEM AÍ O

O DEUS DA GUERRA



A GORA que tanto se fala em Marte, o planêta que está se aproximando da Terra, relembremos o que êle é, de onde vem e porque tem' êsse nome.

Na velha Grécia, existia um Marte que era o deus da guerra, filho de Júpiter e Juno e, provàvelmente pai de Rômulo, o fundador de Roma.

Talvez o planêta tenha recebido o nome do deus da guerra porque está sempre perto nas ocasiões dos grandes feitos guerreiros, como por exemplo a Batalha de Salamina em 490 A. C., onde Milcíades venceu os persas.

Depois de serem traídos nas Termópilas, os soldados espartanos, comandados por Leônidas, olharam, antes de morrer, para o planêta que ficou sendo o culpado da derrota.

Dizem também que as grandes erupções vulcânicas se dão quando o deus da guerra está perto do globo terrestre. Será que a sua influência sôbre a Terra é de fato muito grande? Existe uma civilização em Marte?

Ê bem provável que os habitantes do vizinho planêta não sejam nem um pouquinho parecidos conosco porque o ambiente em que devem viver é completamente diferente do nosso.

A temperatura média em Marte, daria por exemplo para solidificar a água e a pequena quantidade de oxigênio tornaria, se não impossível, bem difícil lá uma vida semelhante à nossa.

Admitindo-se que os marcianos tenham um organismo diferente do nosso, como serão êles? Serão civilizados?

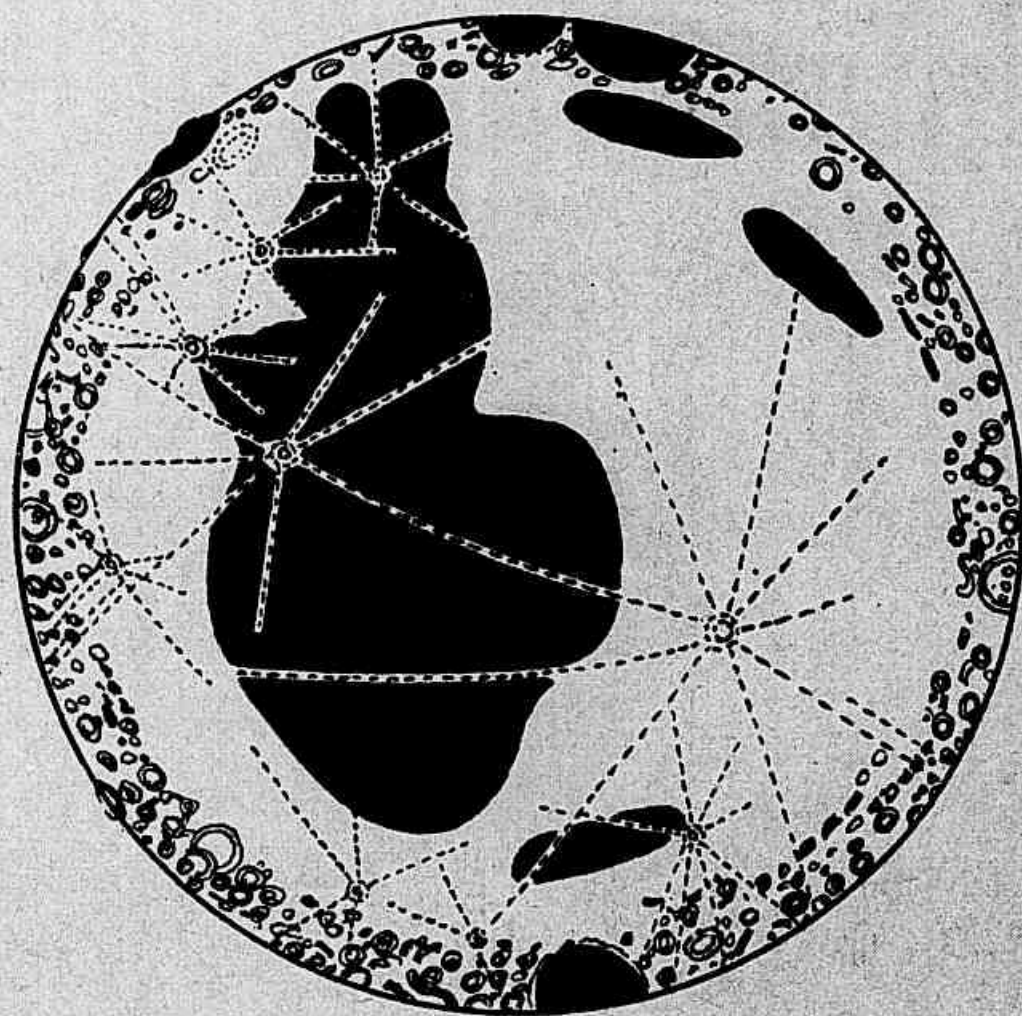
Em 1877 o italiano Schiaparelli observou em Marte dois canais que iam de um oceano ao outro. Quatro anos depois foram vistos mais canais. Como explicar isso? Será que foram feitos por seres civilizados? Coisas que deverão ser observadas pelos telescópios durante a aproximação do deus da guerra.

O grande enigma que inquieta a humanidade desde muitos séculos antes de Cristo ainda não foi desvendado. Ezequiel, no século VI A. C. viu em Tel Abib, nas margens do rio Chobar, quatro "rodas" que voavam pelo céu. E através dos tempos a visão se tem repetido. Nos nossos dias acentuam-se as notícias dos chamados discos voadores.

Depois das explosões atômicas o número das aparições

GRANDEZAS COMPARADAS dos planêtas Mercúrio, Marte, Vênus, Terra, Urano, Netuno, Saturno e seus anéis, e Júpiter.

**O que é e como é o nosso
vizinho. Menor e mais leve do
que a Terra. É ali, mas são
55700000 quilômetros. Os olhos
da Terra voltados para êle.
Entre os dias 7 e 10 de setembro.
Marte e Nasser.**



ASPECTO DE Marte, o planêta que mais se assemelha à Terra, com seus estranhos canais, seus continentes e mares.

dêsses agentes misteriosos têm aumentado e tripulantes de aviões dizem que foram seguidos por êles.

Que será isso? Virão êles de Marte?

Na verdade, tudo quanto nós sabemos sôbre os marcianos não passa de histórias mal contadas mas servem para aguçar a curiosidade do homem e intensificar as investigações científicas. E os astrônomos do mundo inteiro esperaram Marte, que esteve perto de nós entre os dias 7 e 10 de setembro.

Quantas dúvidas foram desfeitas desta vez? O grande observatório de Monte Palomar nos Estados Unidos foi o maior posto de observação.



Marte é um dos menores planêtas do sistema solar e gira em tórno do sol entre as órbitas da Terra e dos planetóides. Seu movimento de rotação dura pouco mais de um dia terrestre e o de translação, um ano e 321 dias, quase dois anos.

As estações do ano no planêta vizinho são iguais às da Terra, sendo que as do nosso planêta duram cerca de 90 dias, enquanto que em Marte duram quase o dôbro.

Ali, quando é verão, no hemisfério norte, a calota gelada do pólo sul se desenvolve consideravelmente e vice-versa. Ora, se há gelo, isto prova que há água no planêta.

Como Marte está mais longe do Sol que a Terra, sua temperatura é logicamente mais baixa.

Quando o deus da guerra está o mais próximo possível de nós, a distância que nos separa dêle é de 55.700.000 quilômetros. E a análise espectral revelou a existência ali do oxigênio, do hidrogênio e de muitos outros gases.

As montanhas marcianas são muito pequenas, por isso não são dignas de nota mas a superfície do nosso vizinho é muito curiosa: cerca de cinco oitavos sugerem um tipo de passagem desértica, de cor avermelhada, com ausência de água e de vida. Os três oitavos restantes são regiões cinza azulada tais como nossos oceanos.

Durante a primavera, a cor esverdeada é mais intensa, tornando-se parda, com a aproximação do inverno, o que nos leva a crer que lá existe vegetação.

Para os que gostam de poesia (trágica), informamos que Marte tem duas luas que são chamadas Deimos (medo) e Fobos (terror).

A temperatura da superfície de Marte também é de algum interesse para os que pensam haver vida naquele planêta: O emprêgo do bolômetro, instrumento ultra-sensível, que mede calor a grande distância, revelou dez graus ao meio dia e setenta graus abaixo de zero nas geleiras. Um clima dêsses não é lá muito confortável mas, é possível admitir-se vida nêle.



Muito se tem falado sôbre uma viagem da Terra a Marte mas seria mais fácil conhecer a Lua que está bem mais perto. É muito difícil uma viagem interplanetária mesmo "ali" para a Lua; a Marte ainda que fôsse feita num "Rocket" tomaria oito meses de ida e outros oito de volta, isto se o foguete fôsse a muitos mil quilômetros por hora...

Cinquenta e cinco milhões de quilômetros, distância mínima entre Terra e Marte é o mesmo que dar mil, trezentas e setenta e cinco voltas da terra.

Dêste percurso de 55.700.000 quilômetros, a primeira etapa da viagem seria atravessar a Troposfera, cerca de mais de doze quilômetros; a seguir sessenta quilômetros de Estratosfera; depois 120 quilômetros de hidrogenada. Ao todo uns duzentos quilômetros. Mas a camada Hidrogenada por si só oferece enorme perigo. E o restante? É o desconhecido.

Desta vez parece que Marte com sua aproximação vai causar também barulho na Terra. Se isto acontecer terá sido o Cel. Nasser, ditador do Egito, seu mais recente veículo entre nós. Cuidado com o que aconteceu a Leônidas, coronel!



16 de Setembro de 1906.

A CAPA é charge política
de Raul Pederneiras.

COURRIER DE LA SEMAINE

★ (A exemplo do que já fizera no número anterior, a Revista da Semana apresenta há cinquenta anos passados, um resumo, em francês, dos principais acontecimentos semanais. É que, nos princípios do século, a língua francesa era bastante divulgada entre nós, não só nas camadas aristocráticas, como também na classe média e entre populares).

Au Casino; Au risque de nous faire vouer encore une fois aux Gémonies par une partie de la Colonie Française, je ne puis pourtant pas m'extasier sur les artistes qui sont en représentation, dans cet établissement, pas plus au reste que sur celles qui sont au Moulin Rouge. Même quand elles sont "les enfants chéries du public". Il y en a une à quelque temps une revue au Casino, dont l'auteur bien que peu connu est loin d'être une bête et qui dans les différents points du globe a trouvé le moyen de faire applaudir la langue Française, même en Allemagne ou nous entendâmes une de ces revues (ceci n'est pas une réclame, je ne connais pas personnellement Mr. Ch. qui je crois est parti en Europe). De mem au Moulin Rouge, nous vîmes aussi une excellente troupe américaine. Mais en dehors de cela? Quelle purée, mon Empevreur, comme je m'en tiens à leur talent que j'ai le droit d'apprécier puisqu'il est public; or, il est nu sous Prefecture de 3ème ordre Française, Etoile Italienne ne serait supporter dans une Or, il y a au Café-Concert, comme au théâtre de véritables étoiles, des Etoiles de première grandeur, pour rester dans le langage astronomique. Or, de memme que celle du théâtre s'arretent maintenant à Rio, de même l'on pourrait faire en sorte d'alléger parfois les premières sujets di Café-Concert et entre-temps; nous servir les étoiles de deuxième grandeur pour continuer le langage cher a assini et non, les absolus non valeurs (oh! oui, a transformation!) Pourquoi aussi ne jamais nous exhiber des chanteuses ou des danceuses nationales? La maxixe, n'est elle pas une danse Brésilienne? Il doit y avoir...

MANOBRAS EM SANTA CRUZ

◆ Despertou o mais vivo interesse na população desta Capital, o desfilar das forças do Exercito, no dia 4 do corrente, pela Avenida Central, para serem passadas em revista pelo sr. Presidente da Republica. Em todo o elegante percurso da longa arteria, era compacta a massa popular, em um movimento igual de satisfação pelo garbo e luzimento com que as brigadas da divisão que seguiram para as manobras em Santa Cruz executavam as diversas evoluções militares. O sr. Presidente da Republica em landau, percorreu toda a Avenida, passando revista ás tropas, ladeado pelos srs. General Hermes da Fonseca, commandante da Divisão e os diversos commandantes das brigadas, que se iam incorporando aos primeiros, á medida que o carro presidencial passava de uma para outra brigada. O Chefe do Estado, visivelmente impressionado com a correção e disciplina que ia observando em todos os corpos da guarnição, dirigiu-se depois ao Palacio Itamaraty, onde recebeu as continências do estylo, de todas as forças, em ordem de marcha. Nas sacadas do palacete das Relações Exteriores tomaram logar o sr. Presidente da Republica, ladeado de titulares das pastas militares, todos os demais Ministros, Ministros da Russia e da Austria, Hungria, Generaes Rodrigues de Salles, Xavier de Camara, Valladão, Girard, Borman, Bellarmino de Mendonça, dr. Leoncio de Medeiros, Carlos Eugenio, Siqueira de Menezes, Barão de Traipu, Coroneis Martins de Mello, Bento Monteiro, Moraes Rego, Campos, Kennon, addido á Embaixada Americana, Rodolpho Brasil, Botafogo, Calheiros de Lima, Delegados Chilenos Hevia Riquelme, Martinez e Guerra, drs. Gastão da Cunha, Pandiá Callogeras, Leitão da Cunha e filhos, Domicio da Gama, Figueiredo Rocha, Francisco, Oscar e José Rodrigues Alves, Raul do Rio Branco, Pecegueiro do Amaral e filhos, Pizza e Almeida, Chefe de Policia, Senador Bezerril Fontenelle, Consules Araujo e Silva e Pereira da Cunha e Conde de Lagoaça. Finda a passagem das tropas, o sr. Barão do Rio Branco offereceu a todos os presentes um fino e delicado lunch, preparado em uma das sallas do palacio, para isso ornamentado com apurado gosto. Momentos depois, o sr. Presidente da Republica chegou acompanhado de seus ajudantes de ordem e secretario. O General Hermes da Fonseca, quando a força terminou a sua passagem pelo Itamaraty, foi comprimentar o Chefe de Estado, acompanhado de todos os commandantes de brigada, sendo por essa occasião muito festejado.

DUELO POR UM CÃO

◆ Um caso interessante e raro nos annaes dos duellos. Em Budapesth, um empregado de um banco foi mordido pelo cão Cesar, do sportsman Zomboy. O offendido, Syves, defendeu-se a pontapés e descompoz o molosso. Ameaçou de pancadas o proprietário do cão mordedor, e d'ahi troca de cartões; mas Zomboy entendeu que desceria de sua dignidade batendo-se com um simples empregado de banco. Toda a classe de funcionarios do banco deu-se por offendida e todos elles desafiaram Zomboy, que não pôde safar-se d'esta. Vae ser um duello complicado, e a elle deve assistir Cesar, o pomo da discórdia.



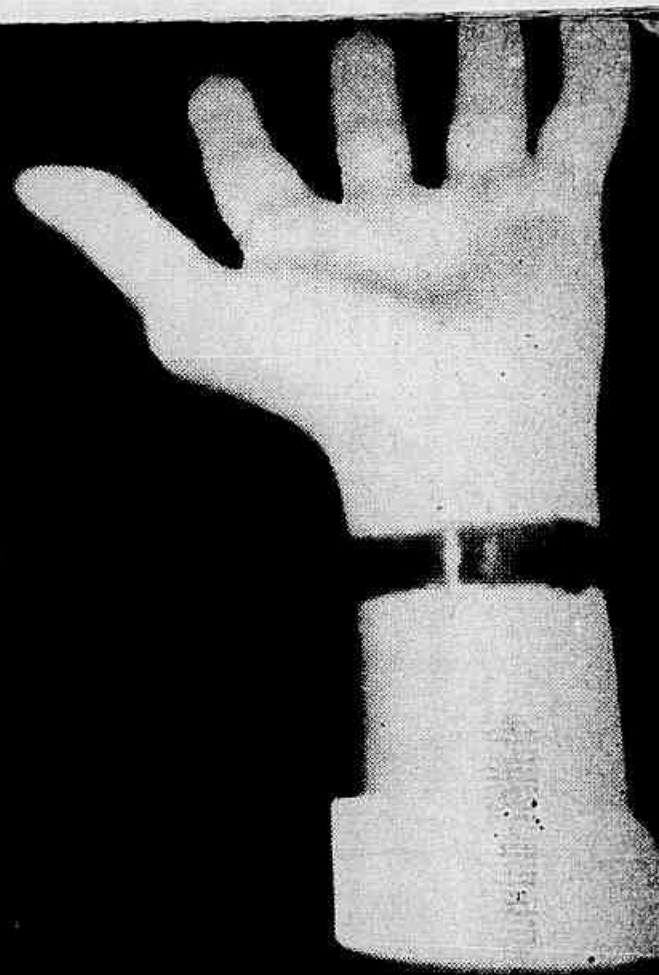
O Conde Mendes de Almeida sendo condecorado.

GUARDA NACIONAL

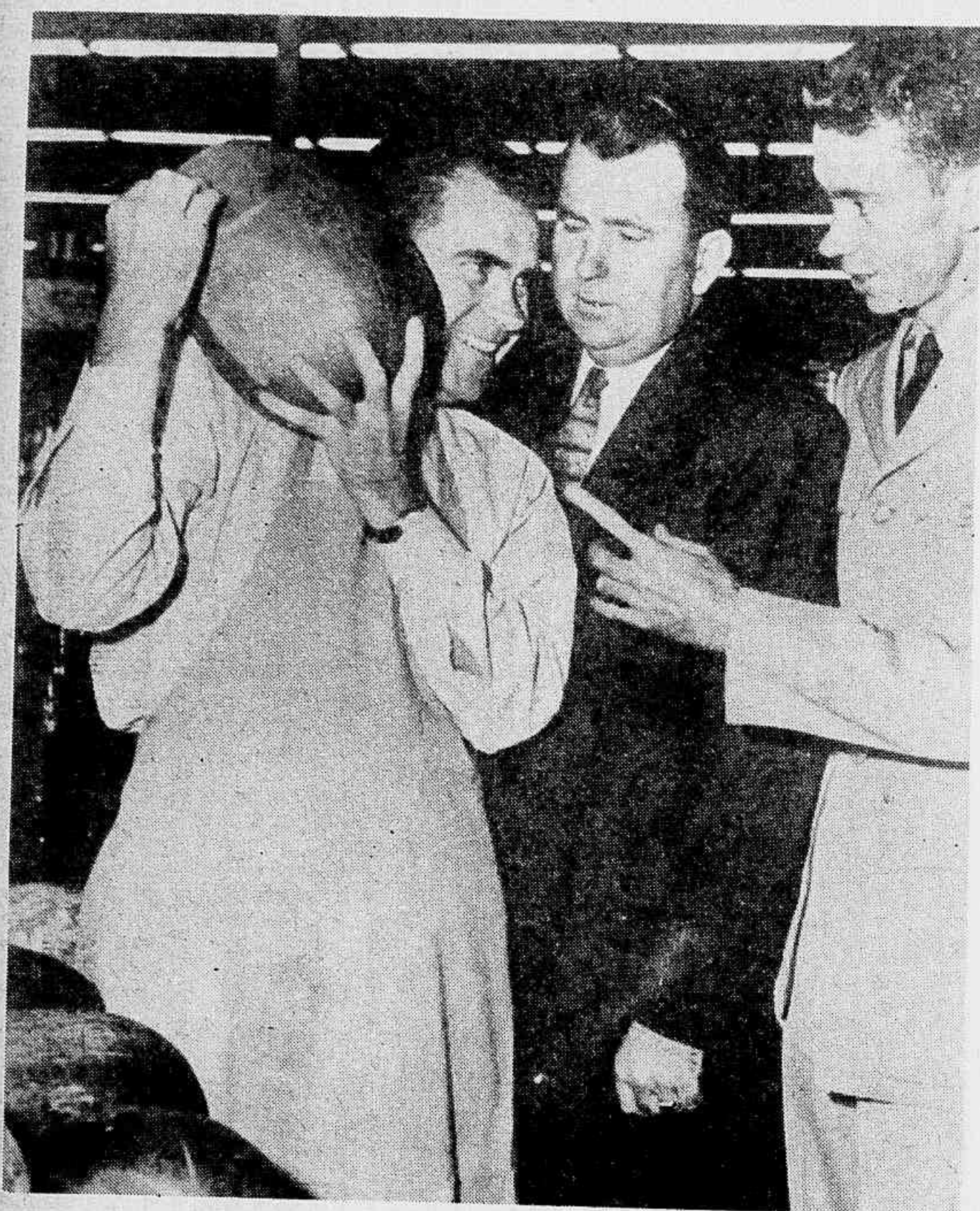
◆ Conforme noticiamos no numero passado da Revista da Semana, realizou-se no dia 7 do corrente, data da nossa emancipação politica, a cerimonia da entrega da primeira medalha militar de ouro creada em virtude do Decreto 6045 de 24 de Maio, para Officiaes e praças da Guarda Nacional, que tiverem mais de 15 annos de serviço, ao Coronel Dr. Fernando Mendes de Almeida, chefe do Estado-Maior. Esse acto, que se revestiu de todo o brilhantismo e solemnidade, foi bastante concorrido, ventura da ordem do dia, o Sr. Marechal do Exercito, João da Silva Barbosa, Commandante Superior, collocou no peito d'aquelle official a rica medalha de ouro com passadores de ouro, prata e bronze, precedendo-a de um vibrante discurso que em todos deixou as mais gratas impressões. O Sr. Coronel Dr. Fernando Mendes de Almeida, agradecendo a saudação que aquella medalha significava uma somma consideravel de esforços empregados pelo Commandante Superior, que bem conhecia os relevantes serviços da milicia prestados á Patria, em momentos afflictivos.

6 A CONVENÇÃO DOS REPUBLICANOS

IKE QUER REPETIR



O ATUAL presidente norte-americano, que acaba de ser escolhido novamente pelos Republicanos para concorrer às eleições de 1956, saúda os convencionais de S. Francisco reunidos no Civic Auditorium.



NIXON QUASE era vetado pelo representante republicano Stassen. Uma entrevista entre Stassen e Ike solveu o impasse. Em baixo, grupo de senhoras presentes ao encerramento da Convenção. À esquerda Mamie Eisenhower; ao centro Goodwin Knight, esposa do governador da Califórnia.

A CONVENÇÃO

O PARTIDO Republicano dos Estados Unidos já escolheu oficialmente seus candidatos às próximas eleições presidenciais, a serem realizadas em princípios de novembro, naquele país: por unanimidade, Eisenhower, atual Presidente da República, e Richard Nixon, seu vice-Presidente, foram indicados para representarem o partido naquele sensacional pleito, cuja importância para todo o mundo é facilmente percebível. Dwight Eisenhower, que parece fruir de excelente forma física, atualmente, (forma que vem desmentir totalmente as versões segundo as quais a saúde do Presidente estaria em condições precaríssimas), logo após ter sido escolhido pela Convenção reunida em São Francisco sob a presidência de Leonard Hall, consentiu em posar para algumas dezenas de fotógrafos, ao mesmo tempo em que verdadeira saraivada de perguntas se abatia sobre ele. Nixon, entretanto, rumava para a pequenina localidade de Whittier, onde reside seu velho pai, gravemente enfermo, e cujo estado ainda mais se agravava nas últimas horas, devido à marcha dos acontecimentos. A nota mais sensacional de toda a Convenção, que se desenrolou num clima de grande expectativa, porém de elevada educação democrática, foi a oposição sistemática de Harold Stassen, um dos mais credenciados representantes republicanos ao nome de Nixon. Desejava ele que o vice-Presidente da República em caso de os republicanos conseguirem reeleger-se no poder, fôsse não mais Richard Nixon, porém Christian Herter. Foi preciso que o próprio Eisenhower mantivesse longa conversação com Harold Stassen, para que



DOS REPUBLICANOS

esse, após muitas ponderações, aquiescesse em aceitar Nixon para vice-Presidente da chapa republicana. Após essa vitória pessoal de Ike, é claro que não houve qualquer outro impecilho, à escolha de Richard Nixon, que se seguiu à sua própria, na mesma noite do dia 23 de agosto passado. Agora, Ike e Nixon esperam somente o momento em que ter-se-ão de defrontar com os candidatos do Partido Democrata, Stevenson, e Estes Kefauver, pela posse do poder.

Enquanto os nomes de Eisenhower e de Nixon eram apontados pelos republicanos como candidatos oficiais do partido às eleições de 1956, o conselho diretor da grande organização sindical americana «AFL-CIO» se manifestava de todo contrário à eleição dos candidatos republicanos, caso fôsse Nixon o companheiro de chapa de Eisenhower. Todo o apoio dos sindicatos de que se compõe aquela grande organização seria assim concedido a Stevenson, que, se pudesse efetivamente contar com essa tremenda força eleitoral, não teria grandes dificuldades em vencer o pleito. Tudo, porém, não passa de conjectura. De qualquer modo, são mais ou menos idênticas as probabilidades quer de Eisenhower, quer de Stevenson, no pleito que se avizinha a passos de gigante. Das conseqüências de qualquer dessas vitórias, para a política de boa vizinhança, no que diz respeito à América Latina, e para a própria política mundial, só o futuro poderá aquilatar. Aguardemos, portanto, os acontecimentos. — (Fotos I.N.S.)



MAMIE EISENHOWER foi a dona da noite de encerramento da Convenção, quando, em palavras simples mas arrebatadas, saudou a multidão de convencioneiros, agradecendo-lhes a escolha de Ike para candidato oficial. Em baixo, parte da assistência presente ao San Francisco Civic Auditorium.



A qualquer hora
do dia
ou da noite
a
RÁDIO RECORD
de São Paulo
tem um PROGRAMA
que VOCÊ ouvirá
perfeitamente
em qualquer
ponto do país
EXPERIMENTE!

ondas médias: 1.000 kcs. 50.000 watts

ondas curtas: 19, 25, 31 e 49 metros

Record

MÚSICA

BOLIVAR COSTA

A POLÍCIA POLÍTICA INVADE A ÓPERA

♦ Tudo por causa da sra. ministro da Educação e Cultura. Cantora de grandes méritos, abusivamente imposta aos assinantes da Temporada Lírica Internacional por presumíveis determinações ministeriais, a sra. Lia Salgado deu motivo a um dos mais degradantes acontecimentos da história do Teatro Municipal. Vaiada, aliás com justiça, por ocasião da récita noturna da «Carmen» e, logo em seguida, alvo de manifestações desagradáveis quando de sua reaparição em «La Bohème», resolveram os interessados tomar as medidas necessárias para evitar que a cantora em questão se visse novamente entregue à fúria das «feras» que no teatro estariam para assistir à vespéral da obra-prima de Bizet.

E que providências deveriam ter tomado os defensores do fracasso lírico do soprano «ministerial»? Uma só teria sido o suficiente por consentânea com o espírito liberal que informa a arte: o cancelamento da participação enervante daquela «Micaela» da récita de gala, já que a sua atuação não satisfizera o gosto do público. Acharam, porém, que era forçoso garantir a ordem interna na casa da ópera, reprimir as «paixões políticas» malévolamente desencadeadas e, sobretudo, não recuar diante de uma platéia «oposicionista» que, numa ação articulada e conjunta, teria por objetivo único vaiar a esposa do ministro só pelo fato de tratar-se de pessoa ligada aos círculos governamentais. Compreendendo-se logo que optaram pela solução simples: a força. E esta força, representada por dez ou doze elementos da Delegacia de Ordem Política e Social, comandada pessoalmente pelo Chefe da Seção de Segurança Nacional do Ministério da Educação e Cultura, sr. Amado Mena Barreto, infiltrou-se nas galerias e balcões da nossa principal casa de espetáculos. O objetivo da missão policial era precisamente silenciar todos aqueles que não conseguissem tolerar as emissões irritantes, os agudos forçados e entorpecidos pela insuficiência vocal da sra. Lia Salgado. O pior de tudo é que, ao contrário do que se podia esperar, os elementos do DOPS não agiram veladamente. Chegaram às últimas consequências, particularmente nas galerias, onde o próprio sr. Mena Barreto teve uma alteração com um senhor já de idade avançada que, durante o 3º ato manifestava o seu descontentamento com a atuação do soprano Lia Salgado.

Agora perguntamos: em que país estamos? Será que o nosso público não pode mais se manifestar, pelo menos neste caso específico? Onde já se viu maior absurdo do que esse de se pretender impor, a todo custo, a mediocridade artística de quem quer que seja? Somente na Alemanha de Hitler o povo era obrigado a ouvir determinados cantores na interpretação de tais e tais obras de Wagner e de Richard Strauss. Mas pelo menos lá, a imposição representava uma necessidade ideológica, odiosa, sim, porém inteiramente coerente com o histerismo nazistóide inumano, detestável.

E aqui neste Brasil dito democrático, como justificar...

NOTICIÁRIO

Para comemorar o bicentenário de Mozart a direção da Escola Nacional de Música organizou um festival constando de concertos, recitais e conferências, que já se vêm realizando de acordo com um plano previamente estabelecido. Assim, teve lugar, no dia 31 de agosto, no Salão Leopoldo Miguez, o Sexto Concerto, quando foram interpretadas algumas das principais peças sinfônicas do genial compositor de Salzburgo.

x x x

A pianista patricia Guiomar Novais, apresentou-se para o nosso público, em recital único, no Teatro Municipal. Esse recital é parte do programa comemorativo do centenário do nascimento de Luigi Chiffarelli, de quem foi aluna, em São Paulo

A MÃO

Conto de GALENO DE SOUZA
Desenho de JERONYMO RIBEIRO

PRETENDO mexer-me, andar, livre, desembaraçado, mas não posso. A mão enorme, descarnada, similar a uma raiz ressequida, negra, perturba-me, aperta-me o crânio como se o quisesse esmagar. Endoideço, fujo correndo, atravesso manhãs sombrias, tardes luminosas, pulo de um trampolim no infinito. Enquanto caio sou esquecimento e essa uniformidade silenciosa afaga-me o corpo, os braços, o rosto, com algidez glacial. Adormeço. Vermes, lodo e eu são uma só coisa, um só corpo. Felicidade, silêncio, igualdade, vermes, lodo.

A intuição de linha vertical se anula, as palavras amolecem, os princípios deterioram-se. Regresso incontinenti para mim mesmo, em qualquer ponto da cidade. Contrafeito, ocupo dois palmos de terra, dentro de um círculo minguado. Recendendo a infinito, com os cabelos empoeirados de nebulosas, nu, completamente nu, assusto-me perante a realidade. Foi o esquecimento que motivou minha alegria? Foi? Não sei.

Tudo sofreu radical modificação, e eu apareci dentro do círculo escasso, cercado de gente-fera por todos os lados. Sim, por todos os lados, porque sou uma ilha.

Deram-me uma arma pesada demais para que eu me defenda contra milhares. Meu corpo está ferido, profundos golpes desfiguraram-me o rosto. Não me posso mover. Posso lutar; mas lutar, lutar somente.

O círculo é de fogo, a mão é de ferro, os inimigos são fortes e inumeráveis. Tristeza.

Ao fim do dia, porém, o fogo do círculo que me prende apaga-se, a mão parece saltar-me o crânio, os inimigos se vão. Noite. Festins aos meus vencedores, discursos patrióticos, medalhas de ouro aos heróis, hino nacional, bandeiras coloridas, tremulando sobre o lamento do ofendido. Humilhação.

Afasto-me, cambaleante, sorumbático, irradiando amargura, mas sem objetivo para ódios. Afasto-me simplesmente. Estrêlas, lua, espaço que chamam céu. Pedacos de minha infância divulgo em cada esquina, como cartazes de um movimento revolucionário frustrado; cartazes rotos nas expressivos. Adeus, cartazes, retalhos dos tempos primeiros. Passos, luzes, chão. Coisas comuns. Flores nos jardins desmanchando-se em perfumes, homens diluindo-se em sordidez. Sereno, suor da noite angustiada.

Surge a rua escura, a casa escura, véspera de tapera ou ninho de fracassado. Aproximo-me, entro.

A vela triste, improvisando luz sobre a mesa empoeirada, lutando também para vencer a treva. Luta! Luta! Pobre vela! Derretendo-se na peleja desigual. Que pensaria a vela? Ficaria dentro de um círculo maior ou menor do que o meu? Dariam armas tão pesadas e falsas quanto as minhas para que ela se defendesse, ou não lhe dariam arma nenhuma? Não dariam arma à vela. Existem tantas velas se gastando pelas ruas: corpos murchos, fogo apagado, olhos vazios, mãos inúteis.

x x x

Estou abrigado e deserto mas não dormirei. Ficarei atento para a mão que me abandonou ou que penso ter me abandonado, mas que fatalmente voltará. Recosto-me à cama estreita, arquejando, cansado; cansaço da luta, das traições, risos, ódios, decepções.

Amanhã, quase ao mesmo tempo em que o sol despontar terei de iniciar novo combate. Morrerei amanhã? Talvez sim, talvez não.

Uma ventania açoita e estica a cortina da janela de que eu tanto gosto. Gosto da cortina da janela, da rosa, do gato que vagueia nos becos escuros. A vela sobre a mesa se aflige, teme o ataque inesperado, está quase apagando sua luz frágil. Por trás da ventania surge a mão horrível. Recuo apavorado, achato-me na parede. Desejo ser estampa, traça, reboco, risco de lápis. Dedos compridos, frios, metálicos, alcançam-me. Estremeço, debato-me, inutilmente. A vela morre, a treva vence, lidera.

Ergue-me a mão no espaço, tenta jogar-me num abismo que apareceu de súbito. Agarro-me aos dedos felpudos, elásticos, enrosco-me, como inseto. Sou vencido. Não tenho qualidades para sustar o arremesso. O canto de um galo, o latido de um cão me acompanham na descida vertiginosa. Penso, ainda, Reincido no erro que tanto desespero me tem causado.

Bastaria uma palavra, uma amizade importante, um gesto que agradasse a todos e eu seria outro homem: sério, sem denotar alucinações, enfiado em roupas vistosas e pisando firme como convém a um cidadão, seria respeitado, chamar-me-iam pelo título sonoro. Dormiria no «aconchego do lar», minha esposa seria «une belle dame», e não olharia para as meretrizes que querem por força solapar os alicerces da sociedade.

Porque não nasci talhado para tais coisas, não agüento desaforos e tenho opiniões individuais, incômodas, amarraram-me pelo pescoço, como cachorro. Cachorro saliente, que late fora de hora, não anda com o rabo entre as pernas. Poderia ser diferente? Não. Quando pequeno, na escola, padre Frederico, alisando-me a cabeça com a mão fina, dizia:

— Deus olha para todos.

Aprendi a somar, diminuir, multiplicar, dividir, resolvia problemas. Padre Frederico dizia que Deus olhava para todos; papai, quando, após o almoço, dividia a sobremesa, acrescentava, dirigindo-se aos meus irmãos, que discutiam:

— Todos ganham igual!

Êles estavam errados ou pretendiam enganar-me? Todos ganham igual? Deus olha para todos? Deus existe e não sabe conta de dividir, ou Deus não existe. A escuridão sufoca-me, o silêncio exagerado fura-me os ouvidos, ensurdece-me. Ando às apalpadelas pelo quarto, procuro a caixa de fósforos para acender a vela. Antes de encontrá-la imagino a modificação que causará a chama vermelha do fósforo.

Deve ser quase de manhã e eu não preguei olhos. Dêsse jeito não resistirei muito. Talvez morra de noite, quando todos estiverem dormindo. Ao descobrirem o cadáver haverá falatório, gestos desnecessários, suspeita de suicídio.

Estarei tranqüilo nesse dia. A mão que me persegue desaparecerá para sempre e eu resvalarei para a terra com a mesma indiferença do fruto podre sob a árvore. Lamentarei apenas, quando isso acontecer, a ausência definitiva de certos objetos, que estão intimamente ligados a mim: as estampas nas paredes de meu quarto, a cortina branca enfundando-se ao vento, meus sapatos gastos, que cruzaram caminhos impossíveis, a história que principiei a escrever, faz tanto tempo. Os transeuntes, na rua, não sentirão nenhuma modificação na paisagem humana, mas um pingo de tinta, ínfimo, sem importância alguma para o colorido do conjunto terá secado, despregado-se da tela, sumido num declínio ininterrupto e contínuo.



JERONYMO
RIBEIRO

FORTUNA (descendo do galho) **APRESENTA**

ASSIM SE CONTA



A (PRÉ) HISTÓRIA



QUAL o prêmio — Os médicos de Chicago estão realizando um original concurso de beleza feminina: as candidatas são submetidas a um exame radiográfico. A vencedora será aquela que, diante de tal exame, revelar possuir uma coluna vertebral perfeita: a mais regular e direita. A notícia não especifica quais os prêmios concedidos à vencedora, mas achamos que um bom colchão de molas seria aconselhado para repousar tão preciosa coluna.



CONVERSA DE MULHER

LIGIA JUNQUEIRA

ONDE BUSCAR A FELICIDADE!

★ Este deveria ser o título de interessante estatística sobre casamentos publicada recentemente. Pelas suas conclusões vemos que hoje, muito mais que há 50 anos atrás, não existem limites de condições sociais para casamentos. Todos os dias os jornais estão anunciando o casamento de uma jovem pobre com um «príncipe azul».

★ Antigamente casava-se muito mais dentro do próprio círculo de relações; hoje os jovens, com a maior facilidade de conhecimentos, e a maior liberdade de fazer amizades, casam-se em outros ambientes que não o de sua família, sua religião, sua cidade natal. Pode-se dizer que, pouco a pouco, vai havendo uma fusão dos diversos grupos sociais: comerciantes casam-se com filhas de fazendeiros; industriais com filhas de comerciantes; médicos com filhas de intelectuais, etc., etc. Antes não era assim ou se o era, em proporção muito menor. Falamos em liberdade de fazer conhecimentos e amizades: isso acontece em cursos de línguas ou profissionais, em clubes e sociedades recreativas, ou simplesmente nas praias e «week-ends».

★ Portanto, se o seu programa é o casamento, aumente o seu círculo de relações: torne-se sócio de um clube, pratique um esporte, como tênis, natação, ou outro qualquer; matricule-se num curso de línguas ou de desenho. Se não alcançar a finalidade desejada (o matrimônio) ainda assim só poderá sair lucrando.

Um elegante conjunto para praia, de inspiração coreana: abrigo em tecido de algodão branco e negro, forrado de laranja — o mesmo tecido de «duas peças». Crapê e bolsa em palha rústica natural.

Nem
uma ma
lidade
Quando
com m
os acom
não são
ser, e
não é o

Não
teado n
ro se a
crítico:
teado s
de seu
acentua
que vo
exagera
muito g

Às v
duras e
unhas. U
gar nas

S

★ Un
que so
um lo
almofa
pareda
canto
divel
destoa
nota a

SUA BELEZA

Nem sempre o fracasso de uma maquilagem é devida à qualidade do produto empregado. Quando comprar preparados leia com muita atenção a bula que os acompanha, pois, muitas vezes não são aplicados como deveriam ser, e o resultado obtido assim não é o melhor.

★

Não adote cegamente um penteado na moda. Verifique primeiro se a embeleza. Tenha espírito crítico: observe se o novo penteado se harmoniza com o feitio de seu rosto e se por acaso não acentua algumas regularidades que você possua (como rosto exageradamente comprido, nariz muito grande, etc.).

★

Às vezes, as cutículas crescem duras e ásperas ao redor das unhas. Uma boa receita é esfregar nas pontas dos dedos — ao

menos uma vez por semana, deixando ficar durante a noite — uma mistura de vaselina e glicerina, em partes iguais. A receita é ótima para as unhas dos pés.

★

Os dentes constituem um dos principais ornamentos de seu rosto, além de serem necessários à boa conservação de sua saúde. Para mantê-los sempre belos e perfeitos é necessário que você procure o dentista ao menos uma vez por ano, para um exame geral, e para a extração do tártaro.

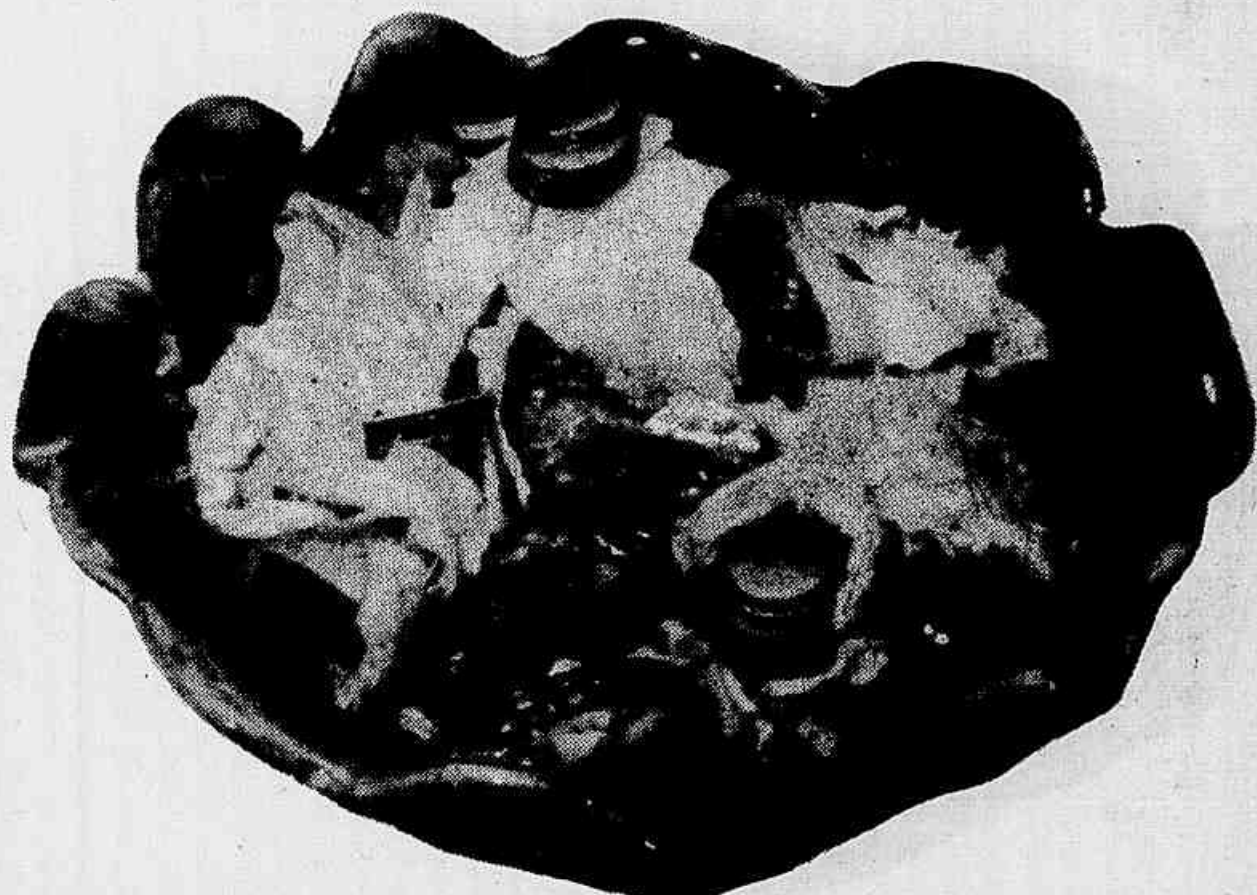
★

Ao adquirir sua nova roupa de banho para o próximo verão tenha especial cuidado ao experimentá-la. Verifique se o comprimento da mesma realça o contorno de suas pernas. Às vezes, um ou dois centímetros mais abaixo ou mais acima faz muita diferença para sua elegância.

SUGESTÃO PARA O LAR



★ Um recanto de sala muito bem aproveitado é este em que sofás e poltronas tradicionais foram substituídos por um longo divã estofado em listras, com encostos de almofadas, diretamente presas em ganchos de bronze na parede. Pode-se imaginar facilmente que em frente, (no canto oposto, não visível na fotografia) está o imprescindível aparelho de televisão. O tapete persa quadrado não destoa no ambiente funcional, antes contribui para uma nota acolhedora e de bom gosto.



WEEK-END NA COZINHA

Chegou a Primavera, daqui a pouco o tempo começa a esquentar num prenúncio de verão e... as saladas frias, refrescantes, voltarão a ser o prato preferido de nossas mesas. Procure torná-las atraentes e saborosas, variando não somente a composição como também os molhos que as acompanham.

Os norte-americanos em matéria de saladas podem nos dar lições. Fazem-nas coloridas, adicionando frutas as mais diversas, e arrumando-as com bom gosto em travessas vistosas. Dentre as frutas mais aconselhadas para acompanhar os legumes, citaremos: maçã, abacaxi, laranja e (uma especialidade dos ingleses) abacate meio verde. Também é preciso não esquecer figos e o melão, que sempre acompanham deliciosa e elegantemente o presunto cortado em fatias finas.

Quanto aos molhos, eis algumas boas receitas:

★ 3 colheres das de sopa de bom azeite, 2 colheres das de sopa de vinagre, uma pitadinha de sal, outra de açúcar e uma terceira de pimenta do reino. Bata juntos todos os ingredientes e empregue.

★ 4 colheres das de sopa de azeite, 2 colheres das de sopa de suco de limão, pitadinhos de sal e pimenta do reino, algumas gotas de suco de cebola. Misture bem e use como o anterior.

★ Um bom molho de maionese se prepara assim: Passe uma gema cozida por peneira fina, junte uma gema crua, tempere com sal e torne a passar tudo por peneira. A mão ou no batedor elétrico, vá batendo as gemas e juntando, gôta a gôta azeite e limão até conseguir a consistência desejada. O molho de maionese serve-se com salada de legumes cozidos (batata, beterraba, nabo, cenouras, etc.).

A solução da crise é um "ôvo de Colombo", mas...

A BALELA DA INFLAÇÃO CONFUNDE OS ECONOMISTAS BRASILEIROS

Reportagem de W. GUARNIERI

◆ Filho do ex-senador Leite e Oiticica e irmão do prof. José Oiticica, o dr. Francisco de Paula Leite e Oiticica Filho é natural de Oliveira no oeste de Minas, mas foi criado em Alagoas. Bacharelado-se em Direito na 1ª TURMA DO SÉCULO XX, em Pernambuco, fundou dois prestigiosos órgãos de imprensa ao tempo de sua mocidade, em Maceió. A Revolução de 30 o conduziu a Procurador de Xapuri, no Acre, para 4 anos depois se fixar no Rio, funcionando por longos anos como auxiliar de consultor jurídico do M. da Justiça, nas gestões de V. Rao, Francisco Campos e Agamenon. Nomeado procurador do Tribunal de Segurança Nacional, foi exonerado pouco depois, para voltar ao gabinete do M. da Justiça, onde permaneceu até a administração Adroaldo Mesquita, quando, então, aposentou-se aos 68 anos de idade. É autor de dois anteprojetos de Constituição (34 e 46) e depois de aposentado passou a dedicar-se com afinco ao estudo de nossos problemas econômicos. A solução que apresenta é fruto de suas acuradas observações da conjuntura brasileira, e refletem a opinião de quem «acredita de que o Brasil é o país mais fácil de concertar-se, desde que alguém se resolva, afinal, a fazer-lhe o DIAGNÓSTICO ACERTADO e aplicar-lhe a MEIZINHA SALVADORA que alguns alquimistas de nossas finanças se obstinam teimosamente em aviar».

QUEBRANDO «tabus» de nossa história econômico-financeira, um jurista aposentado, vem de apresentar pela primeira vez em público, um corajoso trabalho, em que inicia apreciando os erros fundamentais de nossa política econômica e desenvolve uma série de sólidos argumentos preconizando uma reviravolta em nossa orientação governamental através de medidas que, se aplicadas convenientemente, «viriam desafogar de vez o país da crise avassaladora que o vem sufocando desde a Monarquia».

O «TABU» DA INFLAÇÃO

Relutando em revelar detalhes de seus complexos estudos sobre a matéria, começa o prof. Francisco Oiticica por advertir, honestamente, que «não possui nenhum curso especializado de economia política», mas que «repele quaisquer proposições cujos argumentos que as justifiquem não o convençam de que estão certas, embora possam elas ser divulgadas pelos luminares nacionais e internacionais das ciências econômicas».

— Desde a Monarquia grita-se no Brasil contra o perigo da «inflação monetária», responsável por todos os nossos males, notadamente pela baixa do câmbio e pela desvalorização da moeda. Mas, a única coisa que ainda não temos aqui no Brasil é «inflação monetária»!...

«Senão, vejamos: «Que é inflação monetária»? — pergunta o professor, e ele mesmo a define: «Inflação é o aumento desproporcionado e rápido na quantidade de dinheiro ou crédito (ou de ambos), relativamente ao valor das transações comerciais». A inflação monetária caracteriza-se pelo juro baixo e pela aceleração do movimento no mercado de títulos. Mas, os nossos economistas deduziram daquela primeira definição que a inflação monetária se manifesta pela alta do nível dos preços, confundindo, assim, a carestia de vida (ou alta dos preços) com a própria inflação da moeda!...

«Inflação monetária — repito — é excesso de moeda fiduciária. Se há excesso de meio circulante, os bancos de economia privada estão com abundância de dinheiro, que lhes permitem dar maior expansão aos seus negócios ou levar ao máximo as facilidades de crédito.

Mas, pergunto eu aos nossos economistas — será isso o que ocorre no Brasil de hoje? Não. Absolutamente, não!»

O PAVOR DAS EMISSÕES

Revela o prof. Francisco Oiticica que a «campanha contra a inflação monetária leva o Tesouro a emitir para o aumento de vencimentos e salários, que dão ao consumidor poder de compra de mercadorias, preços altos, e a retraindo o crédito para a produção, sob o falso pretexto de inflação de crédito», e acrescenta:

— Impressionados com os efeitos da inflação monetária ao tempo da guerra, e nos países nela comprometidos, notadamente a Alemanha, atribuem os nossos economistas as crises internas às emissões fiduciárias e tomam para refrão, em qualquer plano solucionador da crise — o combate às emissões, de impossível e desaconselhável concretização, sob o pretexto de inflação da moeda».

«Não atinam eles que as emissões são garantidas pelo crédito do Estado, que internamente, é ilimitado... Dizem, com ênfase, que «papel moeda não é capital, quando, em todos os contratos sociais e mercantis o capital é constituído pelo dinheiro em circulação, isto é, por papel moeda... Estou no rol desses desvalidos inocentes que acreditam que esse papel pintado é dinheiro, e valor único circulante, constitutivo de capital de todas as fundações e contratos».

«Para a economia privada, o papel moeda é o resultado de todas as suas atividades. Mas... para o Estado que o emite, é apenas um símbolo de valor, com poder de pagamento e circulação interna obrigatória. É meio de criar e de desenvolver as riquezas latentes do país, atuando no comércio, na indústria, nos negócios, e enfim na vida pública e privada. É a gasolina propulsora de tudo.

NÃO INTERESSA AOS ESTADOS AMEALHAR CRUZEIROS

— Não interessa ao Estado — prossegue o prof. Francisco Oiticica — amealhar cruzeiros nem especular com eles. A sua finalidade é espalhar nos setores de produção, para abastecer os mercados internos o custo de baratear o custo das mercadorias básicas e elevar ao máximo a exportação, isto é, orientar e facilitar, enfim, bastantes recursos para o desenvolvimento da riqueza e a criação de crédito no exterior».

AS RAZÕES DO FRACASSO DE GUDIN

Salienta o prof. Oiticica que a quase totalidade dos economistas brasileiros segue os ensinamentos do culto professor Eugênio Gudín, que firmando-se na teoria do «pleno emprego e assombrado pelo espanto da pseudo inflação monetária», durante a sua gestão no Ministério da Fazenda, provou a sua incapacidade para solucionar a crise.

— Mas, esse eminente professor quando esteve com a faca e o queijo na mão, deixou de pôr em prática a sua constante pregação não modificou o que se vinha fazendo de errado; não conteve as emissões; não eliminou o controle cambial — mas agravou tudo com maiores empréstimos externos...»

«O dr. Gudín só encontrou recursos para a solução da crise no aumento de impostos e em sucessivas emissões, contrariando, assim, sua pregação contra as emissões de papel moeda. Fêz mais: sancionou também o injustificável erro de contrair empréstimos externos, dando em garantia o ouro, sem aperceber-se de que a única finalidade atual do entesouramento do ouro é valer-se dele o Estado nos pagamentos externos, em caso de desequilíbrio da balança de pagamentos, para fortalecendo o seu crédito e poupar juros, que agravam o Orçamento. Não se solicitou o humilhante favor de empréstimo, mas paga-se imediatamente com ouro, quem o possuir, como fez a Inglaterra na primeira guerra mundial».

O TABELAMENTO DOS PREÇOS

Depois de salientar que no regime democrático, toda lei que fixar preços máximos para a venda, ou taxa para empréstimos particulares, é de fundo totalitário, prossegue o ilustre professor:

— O maior pecado do homem é a ambição permanente na economia privada. Só a atuação da lei da oferta e da procura a reduz às suas proporções normais nos mercados consumidores. O Estado, para tabelar preços terá de intervir na produção e ser detentor dela. Não se aperceberam ainda os economistas de que os interesses do Estado nos setores de produção, e, conseqüentemente, nos da moeda e do crédito, **são inteiramente opostos** aos interesses da economia privada. Expandem-se os setores econômicos na razão direta dos créditos empregados no financiamento da produção. **A economia privada assenta na especulação.** Os seus bancos transacionam a possíveis juros altos e prazos curtos, para conseguirem maior lucro. Proliferam, de preferência, os bancos comerciais e só a concorrência do Banco Estatal Financiador pode conter a alta dos juros».

O BANCO CENTRAL

Depois de acrescentar que «sem a assistência do Estado, desde a monarquia à República, nos setores agrícolas, além da carência de braços (após o 13 de maio), lutou essa indústria **com falta de crédito a juros baixos e prazos longos** — afirma o dr. Oiticica:

— O Estado alheava-se à criação do Banco Central, emissor, e do Banco Financiador, para amparo à agricultura e para exploração das riquezas latentes do Brasil. Entendia-se que os bancos não deviam ser estatais, para evitar o abuso das emissões, esforçando-se o governo, não tanto para estabilizar a moeda, mas principalmente, **para a alta do câmbio.** Impediam a criação do Banco Central as ficções do lastro ouro e do equilíbrio orçamentário. **Ainda hoje permanecem o «tabu» do equilíbrio orçamentário e o espantinho da inflação monetária.** Não tinham os economistas daquela época, e a grande maioria dos atuais, a precisa compreensão do que deva ser um Banco Central do Estado, pois todos os existentes foram de economia privada e **são bancos de agiotagem.** Os projetos de organização bancária em curso no Congresso comprovam a asserção».

«Os planos financeiros carecem de base econômica para a sua consolidação porque só a maior exportação estabiliza a moeda. Incidiram as reformas práticas no erro da desvalorização da moeda pela quebra do padrão monetário, para reduzir-se o empréstimo externo, constitutivo do lastro ouro, garantidor das notas conversíveis, que deviam substituir a moeda fiduciária, para a criação do Banco Central».

«Nesses planos — acrescenta — criaram-se as Caixas de Conversão e de estabilização preliminares do Banco Central. Contrataram-se os empréstimos externos, sem base econômica para a exportação, e mantiveram-se moedas de circulações opostas. **Não era preciso rudimentar perspicácia para previsão do fracasso dessas reformas financeiras, antes mesmo de sua inoperante execução.**

PARA ACABAR DE VEZ COM A CRISE

Para a solução completa desses problemas e **para acabar de vez com a crise perene, necessita o Estado de 2 bancos principais** — ajunta o nosso entrevistado — todos os 2 já criados e passíveis, apenas, de remodelação: Além do **Banco Central** (emissor — no qual se poderá transformar o atual Banco do Brasil) o **Banco Financiador** (possivelmente o B.N.D.E.), **ambos estatais** (para que não se constituam bancos de agiotagem).

Depois de acrescentar que ao «Brasil falta-lhe assistência estatal no desenvolvimento das suas riquezas latentes e na sua política econômico-financeira», afirma o prof. Oiticica:

— E' essa, direta ou indiretamente, uma das funções dos bancos centrais. Nela, também, se aprimorou o Banco Central do Canadá que, dentre todos é o de maior amplitude na orientação à economia regional; o que induz ao canadense a proclamar, com orgulho: «Banco Feito no Canadá». Embora — frisa — não seja modelar a sua estruturação, pois ainda permanece, como aliás todos os outros já existentes, **um banco de especulação comercial.**

«A solução da eterna crise em que nos debatemos — arremata — está na criação do Banco Central, complementado pelo Banco Financiador. Mas...

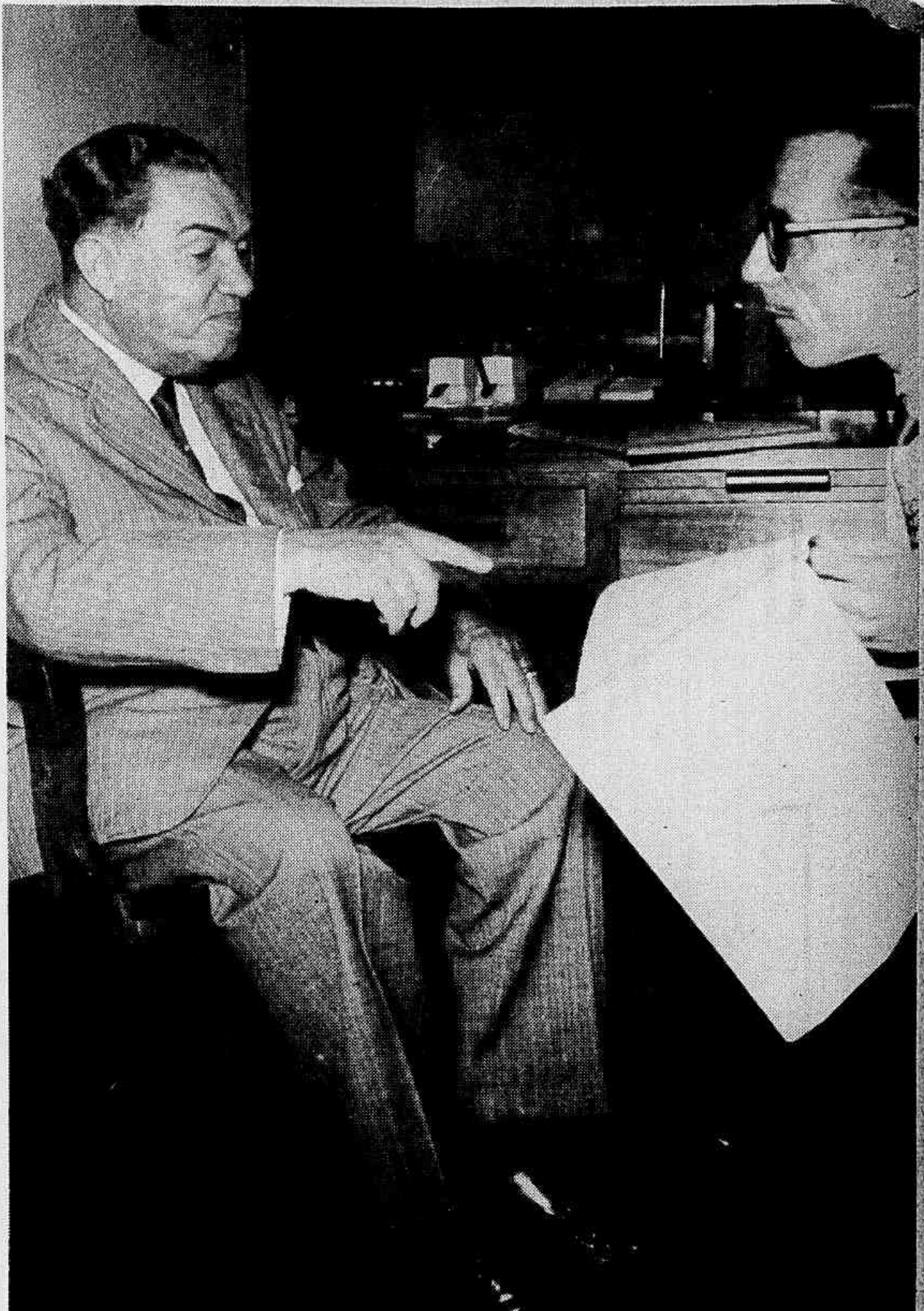
O «PAPA» E' CONTRA...

Esclarece o dr. Francisco Oiticica que «só o Brasil ainda não criou o seu Banco Central», e indaga, para responder em seguida:

— Porque contra a asserção mais axiomática de qualquer estudioso de economia e finanças, se opõe o parecer do preclaro mestre Eugênio Gudin. O seu real prestígio de grande professor, elevado às funções de Governador, por parte do Brasil, do Fundo Monetário Internacional, do Banco Internacional, e de membro do Conselho Técnico de Economia e Finanças do atual Governo, tornaram-no, pode-se afirmar **data vênica**, um verdadeiro «papa das finanças». E' de estarrecer que a criação do Banco Central se oponha um luminar da influência do lustre prof. Gudin, mas é ele mesmo quem realinha, ainda recentemente, no seu «Princípios de Economia Monetária», com relação ao assunto:

«Não tem banco central quem quer, e sim quem já atingiu um padrão mínimo de ordem financeira e administrativa, capaz de permitir o seu funcionamento eficaz».

— E' de estarrecer — repito — quando se sabe que **todos os países sul-americanos já criaram o seu banco central**, porquanto é ele insubs-



«Aproveitando-se a atual organização do Banco do Brasil poder-se-á criar o Banco Central, transformando-o num estabelecimento puramente estatal. O Banco Central, complementado pelo Banco Financiador seria a solução única para o nosso angustiante problema» — afirma o prof. Francisco Oiticica. Mas, e os acionistas particulares do BB, concordarão com a venda de suas ações ao Governo?

tituível por qualquer outro órgão, ou banco, na política econômico-financeira de um Estado. E' crível que só o Brasil ainda não possa fazê-lo? Isso só se justificaria como prova de absoluta e total incapacidade — arremata.

SOLUÇÃO A CURTO PRAZO

Finalizando, afirma o dr. Oiticica, que no «Brasil torna-se imprescindível uma assistência do Banco Financiador às indústrias básicas e menos lucrativas, para forçar a baixa dos preços nos mercados internos», e acrescenta:

— Por outro lado, o aumento da exportação, a defesa econômica e a política monetária do Banco Central, em moldes técnicos e inteiramente novos, **estabilizarão a moeda.** Dispondo desse mecanismo, e só então, é que o Governo poderá reduzir os preços, a princípio, artificialmente, e, depois, pela estruturação econômica, definitivamente, num prazo mínimo de 2 anos, para que a situação se desafogue e o povo viva melhor. Elevará, também, ao máximo a exportação, para criar créditos nos mercados externos indispensáveis à estabilização da moeda, **em câmbio livre.** Desde que a moeda esteja estabilizada, sem possibilidade de desvalorizá-la o pretexto especulativo da inflação monetária, **resolvido está o problema cambial.** A defesa econômica do Estado, sob orientação inteiramente nova, acabará com os produtos gravosos, sendo todos exportados sempre com lucro para o produtor. Só por essa nova política de defesa econômica do Banco Central, pela venda baixa do produto sem prejuízo para o produtor, poder-se-á salvar o café, por exemplo, da perda dos mercados internacionais — ameaça mais próxima do caos que se avizinha».

Registrada a opinião corajosa de um estudioso, e ante a lógica de sua argumentação, resta saber como pensam a respeito os homens responsáveis pelos destinos da nossa política econômico-financeira.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON n.º 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON n.º 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706 Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me por Rembêlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» N.º

NOME
RUA N.º
CIDADE
ESTADO

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 88,00

ESPORTE ILUSTRADO

TUDO SÔBRE ESPORTE

5 CRUZEIROS

AS
QUARTAS-FEIRAS
EM TÓDAS AS
BANCAS

O HOMEM DE TERNO...

(Cont. da página 37)

Aos quinze minutos para as oito, como de costume, chegou sua secretária particular, a velha Miss MacDonald, e a partir de então Hopkins teve um dia cheio de trabalho. Depois do almoço, chegou o seu médico. Hopkins devia se comportar mais moderadamente. Já sabia disso há muito tempo, mas não dava a menor atenção. Mesmo quando ele cortejava Helen Perry, uma beldade de Nova York, que ela recomendava-lhe uma vida mais calma. Casaram-se em 1921, e desde essa época ele não havia falhado uma só vez.

Hopkins se esforçara muito. Especialmente quando nasceu o seu primeiro filho, Roberts, já no segundo ano de vida conjugal. Mas a vida doméstica e a chegada de outros filhos não lhe agradavam. Por isso, começou a demorar cada vez mais tempo no escritório. Falou-se de divórcio, mas essa idéia não se concretizou.

— Estou muito preocupado com o meu trabalho — dizia ele a Helen. — Vendo fazendo a mesma coisa há muito tempo, mas já não agüento mais.

Então, os dois procuraram um psicanalista, o que não adiantou coisa alguma. Suzana nasceu em 1935, e a partir dessa época Helen não se incomodava que Hopkins viesse ou não para casa.

Na manhã de sábado, procurou o juiz Bernstein para falar a respeito do testamento. Bernstein disse-lhe que estivesse preparado para a contenda judicial. Pois Edward Schultz alegava que o testamento havia sido post-datado, assinado pela sra. Rath e guardado para ele (Schultz). Uma cópia fotostática estava sendo enviada a Bernstein. Um grande escritório de advocacia de Nova York representava os interesses de Edward, e Bernstein não acreditava que aquele assumisse a paternidade da causa sem que considerasse legítima a reivindicação. Quanto à proposta de Tom no sentido da construção das casas, nada poderia ser feito até que o litígio fôsse resolvido, seguindo as trâmites legais. Tom foi para casa mais preocupado do que nunca. O seu emprêgo, o caso de Maria, o testamento, enfim tudo concorria para isto.

Tom começou a pensar em quando Betsy foi apresentada à sociedade. Ele estudava na Universidade de Harvard, e sua avó sabia que ele recebia convites para quase todas as reuniões sociais. Foi numa delas que o pai de Betsy disse-lhe que quem quisesse arrancar Betsy de suas mãos deveria

ter uma fortuna de mais de dez mil dólares para gastar.

Tom nunca havia encontrado Betsy antes, mas um simples olhar provocou-lhe o surgimento de um forte sentimento de simpatia por aquela bela e alegre jovem. Transcorreram três anos durante os quais os dois freqüentaram festas, jogos de futebol e reuniões. Finalmente, veio o casamento, e a guerra. Betsy poderia ter casado melhor, pois muitos eram rapazes ricos que pretendiam desposá-la. Mas ela só amava a Tom.

Durante o último ano da guerra, suas recordações de Betsy vinham se tornando mais e mais obscuras. As cartas que ela lhe escrevia falando a respeito de assuntos locais não tinham mais a significação de outros tempos. E quando voltou para casa Betsy o encontrou no cais e disse: «Querido, finalmente você volta para mim!», ele teve a sensação de que uma belíssima mulher a qual nunca havia visto antes, distinguia-o no meio da multidão e começava a acariciá-lo.

Dirigiram-se a um hotel e se amaram intensa e insaciavelmente, o que o deixou prostrado e confuso. Sentiu-se como se estivesse traindo Maria. Betsy, por sua vez, percebeu que ele não queria falar sobre a guerra, e agradeceu mais ainda o fato de não ter feito referência a Maria, a Mahoney, ou a qualquer outra pessoa.

«Não é interessante para Betsy. — pensava ele — «que eu relembre as felizes semanas que passei com Maria». Na realidade, a diferença entre as duas mulheres não existia: a diferença era meramente circunstancial. Quando ele e Betsy se encontraram pela primeira vez mergulharam numa felicidade verdadeiramente infantil. Mas depois da guerra, não houve mais tempo para felicidade; tudo se resumia em contas a pagar aos obstetras e em planos fantásticos para o futuro. Era isto o que ocorria entre ele e Betsy: emocionalmente inclinado para o passado, preocupado com o futuro e esquecido do presente. Entretanto, continuava imaginando o que iria fazer Maria se Gardello dissesse onde ele podia ser encontrado e que parecia estar bem de vida.

Na manhã de 2ª feira Hopkins mandou o último rascunho do seu discurso para Tom, recomendando que não fizesse comentários sobre o mesmo no almoço do dia seguinte. Tom leu o discurso e sentiu um ligeiro mal estar. Em linhas gerais, estava certo, mas achava necessária uma pequena revisão. Ele queria dizer o seguinte: «Sinto muito, mas acho que este discurso é um perfeito absurdo. Não passa de uma interminável repetição de fa-

tos óbvios a respeito da importância da saúde mental. Se você quer formar um Comitê de Saúde Mental, por que não diz o que é preciso ser feito e não se prontifica para auxiliar em tudo o que for possível?». Mas naturalmente que não podia dizer isto e continuar trabalhando na «United Broadcasting». Queria simplesmente ser honesto, sem ferir sensibilidades.

Levou o discurso para casa e pediu a Betsy que o lesse. Como sempre, Betsy foi honesta. Disse que o texto era fraco e inexpressivo e que o autor se repetia inutilmente, o que constituía um verdadeiro abuso. Tom ficou indignado com o parecer emitido pela esposa. Desejaria ela que Tom transmitisse essa crítica a Mr. Hopkins? Betsy o inquiriu com o olhar. Era esta a realidade, e agora que tencionava ele dizer a Mr. Hopkins? Tom respondeu-lhe que se ela quisesse continuar a comer e vestir que concordasse com as idéias de Mr. Hopkins. Ele persistiu neste ponto de vista, e Betsy, pálida e triste, foi-se deitar.

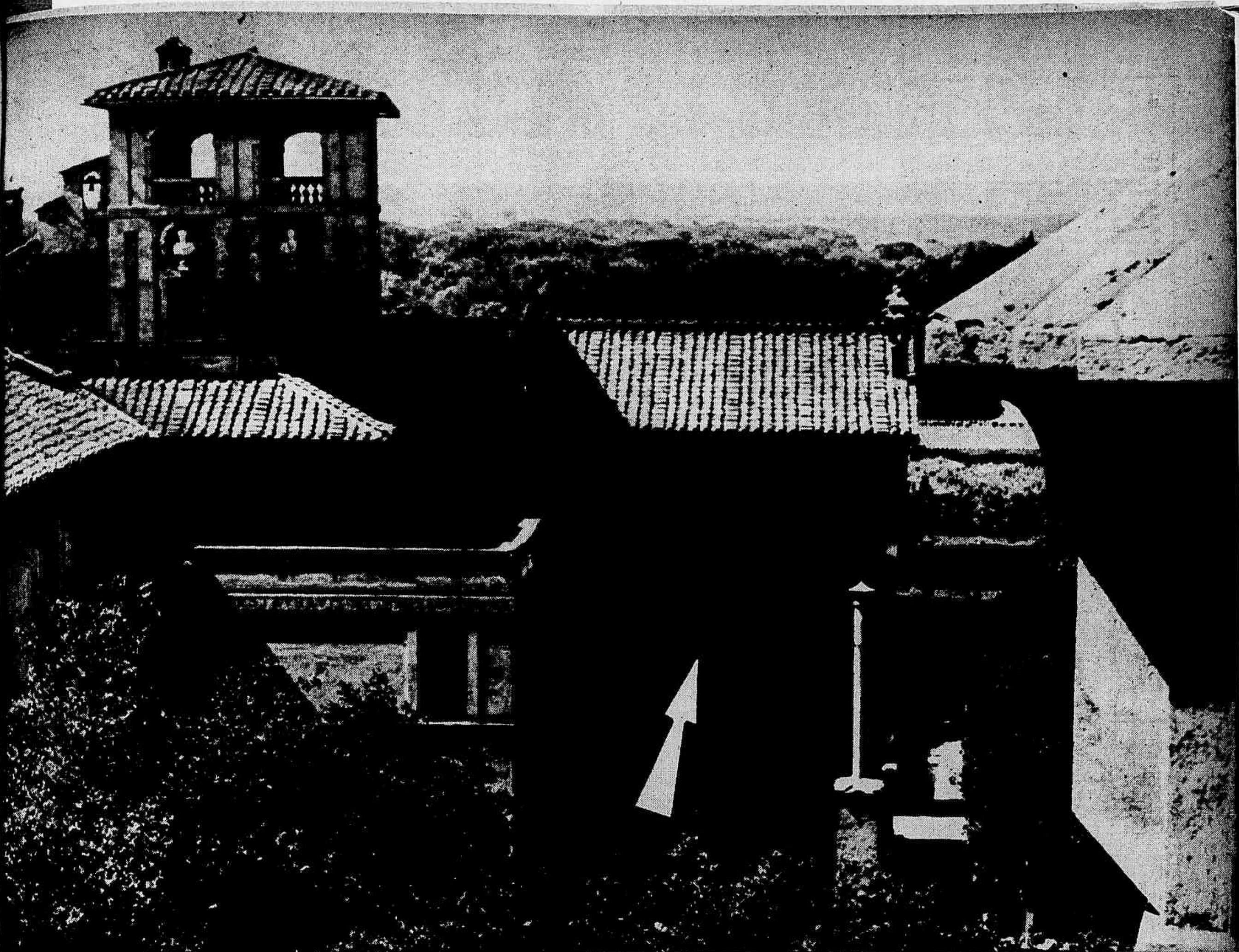
O juiz Bernstein recebeu a cópia fotostática do que Edward Schultz, em seu requerimento, considerava a disposição de última vontade da sra. Rath. Estava datada de 10 de junho de 1953, e deixava toda a sua fortuna para Edward, como reconhecimento pelos serviços a ela prestados durante certo tempo. Não era um testamento legal como aquele em que ela deixava tudo para Tom, mas podia ser perfeitamente considerado um contrato legal.

A fim de melhor conhecer os dois homens envolvidos no caso, Bernstein dirigiu-se ao banco local e requereu um balanço dos depósitos de ambos. Tom tinha 9.000 dólares. Edward dispunha de 78.000 dólares depositados num período de 30 anos, em quantias variadas de mês para mês. Agora, como pôde Edward fazer depósitos contínuos se ele havia passado vários meses sem receber salário? E por que razão os depósitos variavam de quantias?

Bernstein decidiu fazer investigações mais profundas sobre os negócios pessoais de Edward Schultz. Descobriu que Edward fazia todas as compras para a sra. Rath e que recebia 20 por cento sobre o valor das transações. Então, Bernstein começou a divisar o tortuoso caminho que a justiça iluminava...

(Cont. no próximo número)

importân-
ocê quer
de Men-
é preciso
ica para
ôr post-
que não
ar traba-
castings
honora-
rsa e pe-
omó se-
se que
essivo e
utilmente
erdadeiro
o com o
ôsa. De-
nsmitam
s? Bet-
a esta e
ncionave-
Tom ne-
esse co-
que co-
Mr. Hop-
onto de
riste, la-
a cópia
Schulz
siderava
vontade
da de M-
a toda e
como re-
os a ela
mpo. Não
al como
va tudo
perfeita-
contrato
r os dois
o, Bern-
local e
depós-
9.000 dó-
e 78.000
período
variadas
como pô-
s cont-
o vários
? E por-
ariavam
vestiga-
os ne-
Schulz
a tôdas
h e que
o valor
stein co-
caminho
úmero)



VISTA DA suntuosa Villa Taverna, em Roma, construída em 1535, e residência do Embaixador dos Estados Unidos na Itália, Clara Booth Luce. Vê-se assinalado com uma seta o quarto de dormir onde se deu o envenenamento, afinal desvendado por um grupo de químicos.

"ARSENIC AND OLD LUCE"

O EMBAIXADOR (DE SAIAS) DOS ESTADOS UNIDOS EM ROMA VÍTIMA DE UM ATENTADO PRINCIPIADO EM 1535 ★ DA UTILIDADE DE UM ESQUELETO DE GATO ★ FINALMENTE DESVENDADO O RUMOROSO ACONTECIMENTO

CIRCULARAM rumores, ultimamente, em Roma e em outras capitais, de que alguém teria tentado envenenar a sra. Clara Booth Luce, Embaixador dos Estados Unidos na Itália. A notícia, como é natural, causou tremenda sensação, pois Clara Booth Luce é uma personalidade de renome internacional, desde quando, em abril de 1953, foi nomeada por Eisenhower para representar o seu país junto ao Governo italiano. O que pouca gente deve saber, é o que de real existe até agora positivado em toda essa história, que vem ocupando, nos últimos meses, as manchetes de revistas e jornais, na Europa e na América.

A notícia de que Clara Booth Luce se encontrava envenenada por arsênico ecoou em setembro do ano passado, nos meios diplomáticos americanos. O secretário das Relações Exteriores, Foster Dulles, classificou o caso de sério, e chegou inclusive a enviar a Roma,

a fim de apurar a identidade dos indivíduos que haviam tentado liquidar com a vida do Embaixador americano, alguns dos melhores agentes de seu serviço secreto. Esses homens, em número de seis, fizeram um minucioso levantamento da vida e dos costumes de Clara Luce, durante três semanas, e não chegaram a nenhuma conclusão que lhes pudesse sequer apontar um indício mais forte sobre a culpabilidade deste, ou daquele personagem. Mas, como nas histórias policiais, houve um pequeno detalhe que serviu para auxiliar o serviço dos seis agentes, dando-lhes uma pista mais palpável e concreta: «Mickey», o gatinho de Clara Booth Luce, morrera havia alguns meses, envenenado. A camareira o havia encontrado certa manhã, aos pés da poltrona onde costumava aboletar-se todas as noites. O animal estava morto, embora não apresentasse qualquer ferimento ou lesão visível. Atribuíram o fato a

alguma vingança de certa criada que fôra despedida, mas os agentes americanos não viram já a presença do arsênico, dentro da elegante «villa» do Embaixador (de saias) dos Estados Unidos da América. O fato é que Clara, que sempre foi mulher de boa saúde, nisso seguindo a tradição de sua família — o pai, um violinista, passava por ser um dos homens mais fortes de Holyoke, sua cidadezinha natal, em Massachussets —, desde que se estabeleceu na Villa Taverna, em Roma, vinha sentindo que suas forças diminuíam rapidamente. Tinha tonteiras, empalideceu terrivelmente, suas unhas tornaram-se quebradiças, e os dentes, outrora sadios, começaram a fraquejar igualmente, a ponto de ter de substituí-los. Em julho de 1954, ela foi aos Estados Unidos, em férias. Ali, aproveitando a ocasião, submeteu-se a um demorado exame de saúde numa clínica nova-iorquina, onde ficou constatado que sofria de anemia

ENTRE 1953 E 1956, O ROSTO DE CLARA LUCE PERDEU MUITO DE SUA ANTIGA PUJANÇA.



O DECORADOR Nicola Pacella, que cuidou da restauração em 1949, foi apontado como um dos prováveis implicados num envenenamento criminoso de Clara Luce. Defendeu-se veementemente da acusação sofrida, provando nada ter a ver com o fato.



OUTRO ACUSADO dos primeiros instantes foi Coletta, cozinheiro do Embaixador. Achou ridículas as acusações que alguns policiais lhe fizeram, limitando-se a responder, com bom humor: «Envenenamento? Não me consta que minha comida seja tão má».

profunda, e esgotamento nervoso. Era claro: o trabalho de um Embaixador norte-americano destacado em país de tão grande importância como a Itália, não é leve. Os homens que a ele se dedicaram, antes de ser nomeada para o cargo uma mulher, podem dizer o quanto lhe pesava a tarefa. Ainda mais, que Clara havia colaborado enormemente para a conclusão do Tratado entre a Itália e a Iugoslávia, havia pouco concluído em Roma. Com dois meses de descanso absoluto, as cores do Embaixador foram aos poucos voltando, e ela se recuperou. Mas, de volta a seu posto, os mesmos sintomas de debilidade de antes manifestados tornaram-se a se apresentar. E ainda mais: os sintomas haviam redobrado de intensidade. Em setembro do ano passado, Clara Luce baixava ao Hospital da Marinha Americana em Bagnoli, próximo a Nápoles. O maior segredo foi mantido a respeito da estranha moléstia que acometera o «Marinheiro Jones», que tal era o nome sob o qual se disfarçava ela. Mas quando os clínicos do Hospital Militar de Bethesda, em Maryland, que haviam sido mandados para tratar da ilustre enferma, tiveram nas mãos os resultados do exame clínico a que a haviam submetido, ficaram estarelecidos, pois não havia qualquer dúvida: o «marinheiro Jones» fora vítima de um forte envenenamento por arsênico. Já estava fora de perigo Clara Booth Luce, quando a notícia chegou a Washington, mas ainda assim pode-se facilmente calcular o que não representou ela. A preocupação principal era que não chegasse o caso a se transformar em manchete internacional. «Esse caso» (disse Foster Dulles) «tem a suma gravidade, e não podemos deixá-lo sem solução».

Quando, examinando os despojos do gatinho Mickey os agentes de Dulles nele descobriram traços de poeira desprendida naturalmente das paredes, tinham eles dado, afinal, com a pista certa. No mesmo dia, verdadeiro exército de químicos começou a trabalhar na casa que foi do Embaixador, principalmente na peça que era seu quarto de dormir. Foi estudada a tinta que recobria as paredes, e nela se encontrou alta porcentagem de arsênico de chumbo. A atmosfera do quarto estava impregnada, e Mickey, cujo organismo mais fraco não podia resistir às emanções, suficientes para debilitar e mesmo liquidar com uma pessoa, morreu em poucas semanas. De onde mais caía a poeira de arsênico, porém (e segundo as declarações dos químicos e peritos norte-americanos incumbidos do caso), era da parte do teto que fica justamente sobre o leito onde se deitava Clara Luce, que assim respirava, todas as noites, uma quantidade razoável de um poderosíssimo veneno. Como desde 1535 — data da construção da villa — até hoje não se teve notícia de qualquer ocorrência semelhante em Taverna, começou a se suspeitar de que no caso agira mão criminosa. Mas, quase um ano após os acontecimentos, feitas todas as sindicâncias, consultados empregados e amigos do Embaixador, não se chegou a qualquer conclusão sobre a origem criminosa de tal envenenamento. Pelo contrário: os químicos, após minuciosos esforços, chegaram à conclusão de que foi a própria antiguidade do prédio e dos materiais utilizados para a pintura de portas e paredes, que ocasionou a formação do arsênico. De início — dizem tais analistas — o teto do quarto da sra. Luce tinha sido pintado com uma aguada à base de mel de abelha. Em 1922, isto é, quase quatro séculos após, o teto teve de ser restaurado, tendo sido então empregado um óleo à base de linhaça e mamona. Em 1949, nova mão de tinta, desta vez com um tipo norte-americano de super kem-tone. A umidade da villa, a putrefação das vigas que sustentam o teto do quarto, e a pequena quantidade de arsênico empregada pelos restauradores em 1922 e em 1949 fizeram o resto.

Clara Booth Luce continuará como representante dos Estados Unidos da América junto à Itália. Não houve intenção criminosa de quem quer que seja, ninguém desejou matá-la de maneira tão sutil e refinada. E' provável, porém, que se mude de casa...

ANCA.

claro, o
americana
portância
ns que o
ada par
anto lha
ra harv
lusão de
a, harv
meses de
xador lo
ecupera
sintoma
tornam
omas bo
embro de
Hospital
róximo o
a respo
a o «Mo
b o qual
nicos do
and, que
a ilustre
do exo
ficaram
dúvida
forte en
fora de
ícia che
pode-se
ntou ela
chegasse
interna
) «tem a
á-lo sem

gatinho
cobriram
ente da
a pista
ercito de
que foi
que era
inta que
nta alta
A atmo-
Mickey,
esistir on
e mesmo
poucas
de ar-
ções dos
umbidos
a justa-
ra Luce,
a quan-
veneno-
da villa
qualquer
neçou a
o crimi-
ecimen-
sultados
não se
origem
ontrário:
chega-
antigui-
os para
asionou
em tais
e tinha
de mel
tro sé-
o, tendo
de li-
e tinta,
de su-
putrela-
arto, e
regala
fizeram

presen-
unto à
quem
la de
el, po-



ÚLTIMO
FLASH

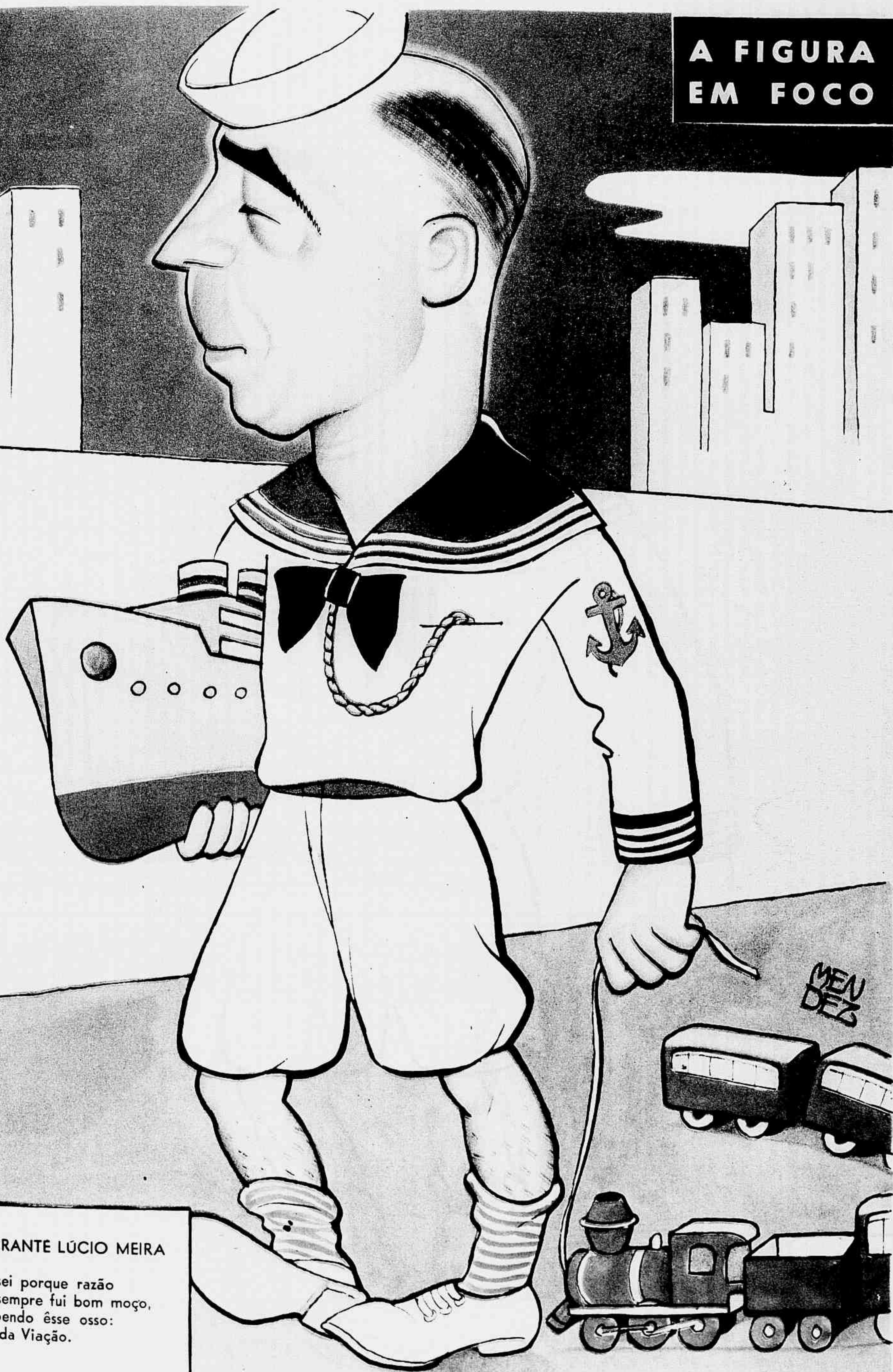


ERA UMA VEZ CINCO CHAPÉUS

★ A ROBUSTA pequena que aparece na foto é a atleta da União Soviética Nina Ponomareva, acusada de ter furtado de uma loja cinco chapéus de mulher, no valor de aproximadamente mil e quinhentos cruzeiros em moeda brasileira. Nina, que faz parte da equipe russa de atletismo que recentemente disputou uma série de competições em Londres, foi intimada a comparecer perante um juiz inglês, na própria capital da Inglaterra, porém recusou-se a comparecer, no dia marcado, à audiência, afirmando não passar de uma campanha de descrédito a acusação de que fôra vítima. Como se negasse a prestar depoimento perante a Côte de Marlborough Street, um policial foi destacado para prendê-la. Mas Nina, que exerce na União Soviética a função de professora primária, fugiu para seu país, a bordo de um navio de guerra russo que na ocasião se encontrava no porto de Liverpool. — (Foto INS).

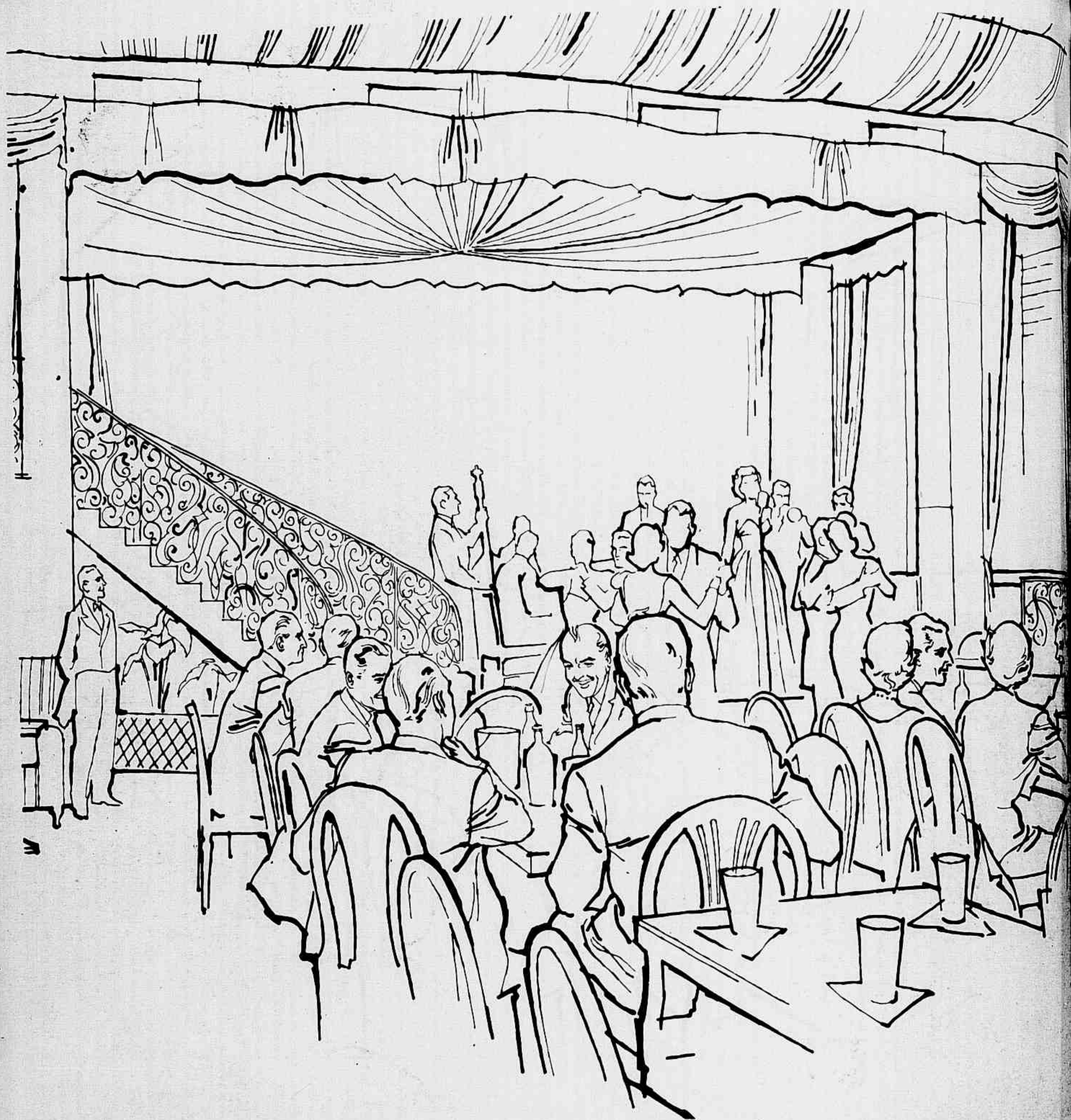
Al
Só nã
Eu, q
Fique
A pas

A FIGURA
EM FOCO



ALMIRANTE LÚCIO MEIRA

Só não sei porque razão
Eu, que sempre fui bom moço,
Fiquei roendo êsse osso:
A pasta da Viação.



nos centros elegantes do Brasil...

No Meia-Noite do Copacabana Palace, por exemplo, onde as pessoas de verdadeiro bom gosto se reúnem...

Bom gosto que se define nas maneiras elegantes, no ambiente requintado, no cigarro que fumam...

hollywood
uma tradição de bom gosto

